

Winter Edition

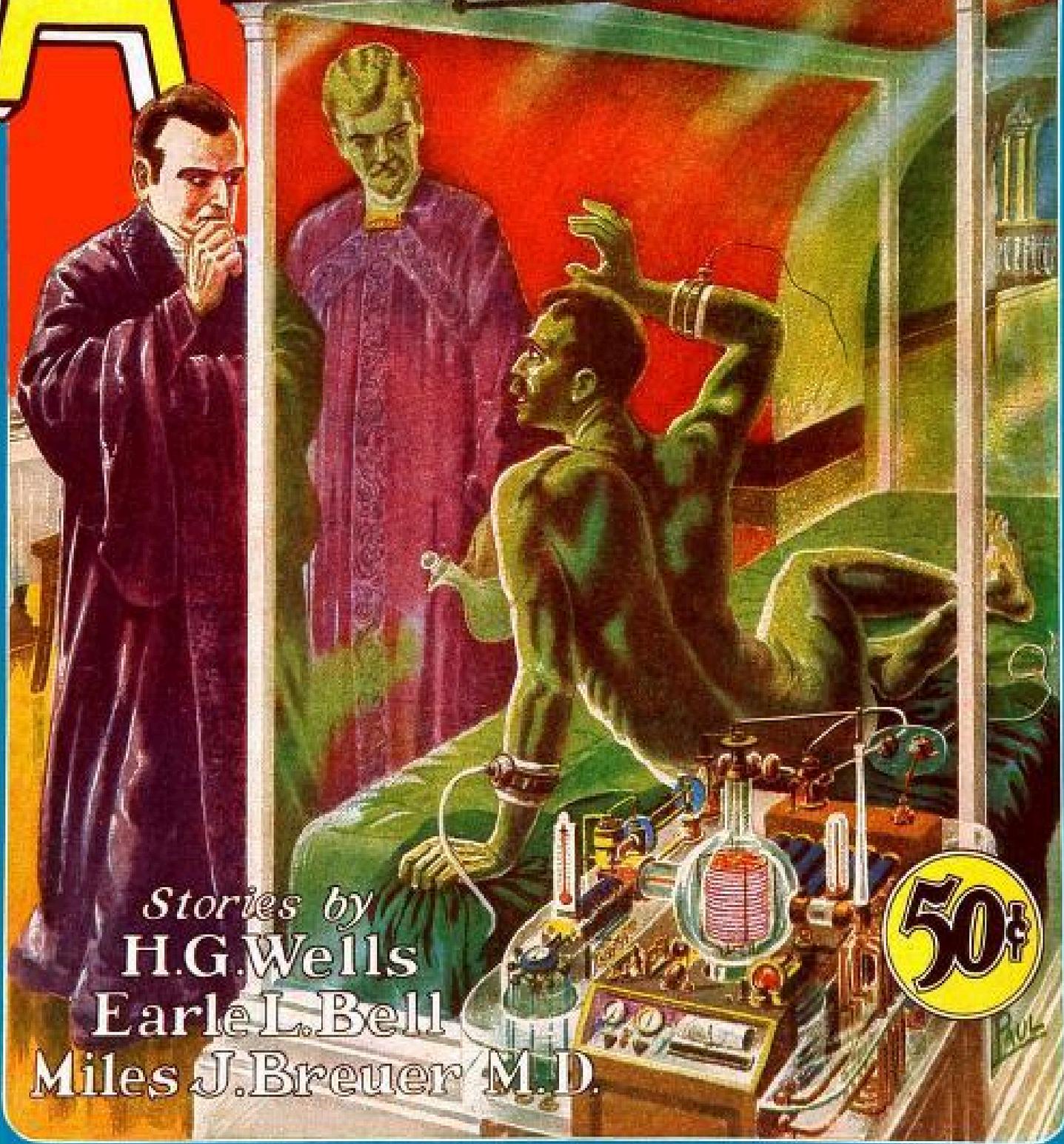
1928

AMAZING STORIES

QUARTERLY

THE SLEEPER

HUGO GERNSBACH
EDITOR



Stories by
H.G. Wells
Earle L. Bell
Miles J. Breuer M.D.

50¢



Amazing Stories Quarterly Vol.1 No.1 January, 1928

Experimenter Publishing Company, Inc.
H. Gernsback, Press.; S. Gernsback, Tress. C.D Rosenfelt

A “*Amazing Stories Quarterly Vol.1, n°1*”, lançada em 1928, marca a estreia da edição trimestral da famosa revista de ficção científica *Amazing Stories*, criada por Hugo Gernsback. Com uma seleção especial de histórias mais longas e detalhadas do que as publicadas na versão mensal, a revista apresenta narrativas inovadoras de aventura e ciência especulativa.

Título original: *Amazing Stories Quarterly Vol.1 No1 Winter*

Tradução: Yan Viana

Publicado em: atomicvintage.com.br

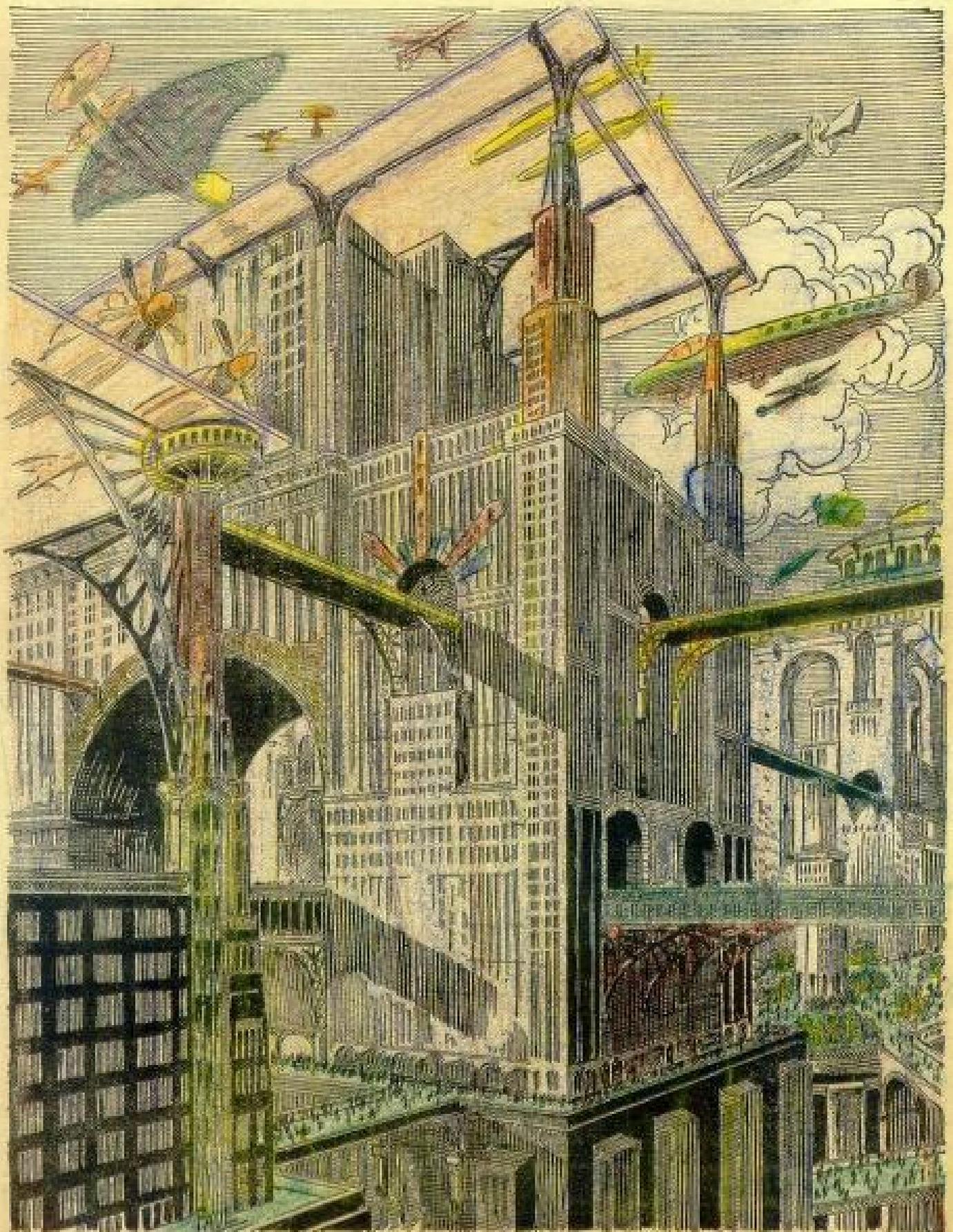
Email: atomicvintage10@gmail.com

Imagens retiradas do site <https://archive.org/>

A Lua da Condenação.....	4
CAPÍTULO I – Um Deslize no Cosmo.....	4
CAPÍTULO II – O Século XXI.....	6
CAPÍTULO III – A Vingança do Átomo.....	10
CAPÍTULO IV – O Fermento se Espalha.....	13
CAPÍTULO V – Mildred.....	15
CAPÍTULO VI – O Caos Chama.....	18
CAPÍTULO VII – A Cidade da Demência.....	21
CAPÍTULO VIII – O Professor Burke Rosna.....	24
CAPÍTULO IX – Os Habitantes das Colinas.....	27
CAPÍTULO X – A Respiração da Lua.....	30
CAPÍTULO XI – Vamos Embora.....	32
CAPÍTULO XII – A Última Resistência da Humanidade.....	36
CAPÍTULO XIII – Adeus, Mundo.....	38
CAPÍTULO XIV – A Argos Aérea.....	41
CAPÍTULO XV – Fim da Jornada.....	44
CAPÍTULO XVI – O Poço de Reaumur.....	48
CAPÍTULO XVII – Monte Hadley.....	52
CAPÍTULO XVIII – A Coisa.....	55
CAPÍTULO XIX – O Ar Fala.....	61
CAPÍTULO XX – A Cidade Crescente.....	64
CAPÍTULO XXI – A História de Luna.....	70
CAPÍTULO XXII – Burke Pressente.....	74
CAPÍTULO XXIII – Os Dorfels.....	78
CAPÍTULO XXIV – Presos.....	82
CAPÍTULO XXV – Ele-Ela.....	88
CAPÍTULO XXVI – Sacrifício.....	92
CAPÍTULO XXVII – A Necrópole Lunar.....	99
CAPÍTULO XXVIII – O Outro Lado da Lua.....	104
CAPÍTULO XXIX – De Volta à Terra.....	108
O Enigma Atômico.....	113
O Vapor Dourado.....	140

The MOON OF DOOM

by Earl L. Bell



Giant, bird-like structures filled the air, carrying on much of the world's travel and commerce . . . Many of the older houses and nearly all of the office and industrial buildings had been covered with flat-topped structures affording landing stages.

A Lua da Condenação

Earl L. Bell

É o grande erro da lua

Que se aproxima mais da terra do que costumava e enlouquece os homens! — Othello.

CAPÍTULO I – Um Deslize no Cosmo

A TERRA enfrentava o caos — algo estava errado com o Tempo!

Por quase meia semana, os dias estavam ficando mais curtos. Cerca de um quarto de hora havia sido cortado das vinte e quatro horas do dia.

A ciência, confusa, não conseguia dar uma explicação satisfatória. Sabia-se que a Terra estava acelerando em seu eixo. Isso era a única certeza. Quanto à causa, mil e uma teorias haviam sido projetadas de muitas fontes diferentes. Observatórios ao redor do mundo estavam transmitindo relatórios tão confusos que ninguém conseguia entender, e não era culpa do rádio, pois a interferência havia sido eliminada há muitos anos. A astronomia, em particular, estava perplexa. O mundo estava acelerando em seu eixo. Isso resumia as inúmeras suposições até então, o quanto o homem comum conseguia compreender. O que aconteceria se a aceleração continuasse? “Caos,” era a resposta. Nesse ponto, a ciência não tinha dúvidas. Continuará? A ciência não podia dizer. “Primeiro, precisamos determinar a causa do fenômeno,” foi a observação um tanto vazia do Professor Josephus Sayre do Observatório Yerkes, reconhecido como o maior astrônomo da época e a quem o mundo estava olhando em busca de uma resposta. E o renomado professor estava em uma fúria descontrolada por causa de sua impotência diante da situação. A própria ciência estava enlouquecendo.

Além do encurtamento dos dias, poucas mudanças haviam sido notadas. O leste ainda trazia o despertar do sol e o oeste seu descanso, embora houvesse uma fração a menos de luz do dia e escuridão. As estrelas não haviam perdido nada de sua glória, e cada uma mantinha-se no seu lugar. Quando a mudança foi notada pela primeira vez, os astrônomos voltaram seus telescópios para a lua, que havia se comportado de maneira estranha durante anos; mas o satélite ainda pairava alto nos céus, aparentemente seguindo sua órbita usual, embora seu movimento, como o de todos os outros objetos no céu, parecesse acelerado como resultado da nova velocidade da Terra. Foi anunciado pelo Observatório de Berlim, entretanto, que a Lua estava brilhando com um brilho incomum. O bolômetro mostrava que

ela refletia um pouco mais do que a habitual 600.000ª parte da luz do meio-dia do sol, mas todos concordaram que isso provavelmente se devia ao fato de que a atmosfera estava, finalmente, livre de fumaça.

Na primeira manhã da mudança, quando foi anunciado que o sol havia nascido quase três minutos atrasado, um mundo incrédulo inclinou-se a rir — e riu quando soube que a notícia vinha da Estação Burke, no Colorado. Pois não era outro senão o excêntrico Professor Francis Burke, astrônomo, hieroglifologista e orador, que havia predito que a cauda do grande cometa de 1999 aniquilaria toda a vida no globo. E o mundo riu ainda mais alto ao lembrar que o dia era Primeiro de Abril. “Excelente!” exclamou. “A Vingança do Professor Burke!”, “O Astrônomo Aristofânico,” zombou um editorial no New York Banner. “A Farsa do Século!” gritou o London Enquirer, enquanto o sensacionalista Chicago Dailytab lançou uma edição extra anunciando “Erro no Sistema Solar!” em letras vermelhas. O sóbrio Washington Sentinel declarou editorialmente que “o autor dessa farsa, em busca de publicidade, que novamente busca assustar o mundo desnecessariamente, deve ser tratado sumariamente de uma forma que se ajuste à enormidade da piada pretendida, mesmo sendo o Dia da Mentira.”

Assim, o mundo, o mundo do trabalho, o mundo amante das piadas, teve sua risada e continuou com seus afazeres como de costume. O Professor Burke apenas havia dormido demais, ou seu relógio estava com defeito.

Porém, mais tarde naquela manhã, quando notícias da rádio de Nova York, Paris, Berlim e outros centros de estudos astronômicos corroboraram a informação da Estação Burke, o mundo despertou.

O mundo despertou, mas ainda estava cético. O sol fora do horário? Impossível! Absurdo! Todos os cientistas teriam se juntado à piada de Burke?

E então o clímax. O próprio Professor Josephus Sayre anunciou que os instrumentos de Yerkes estabeleciam a delinquência do sol além de qualquer dúvida!

Foi então que a consternação tomou conta da civilização. E na noite de Primeiro de Abril, quando o Professor Sayre foi o primeiro a anunciar que o sol havia se posto quase três minutos antes do previsto, o terror absoluto começou a assombrar a Terra.

Terror absoluto e caos. A ciência impotente, Tateando no escuro. Todas as raças unidas pelo vínculo do medo em comum, esquecendo tudo, exceto a Grande Mudança e fazendo apenas uma pergunta: “É este o fim?” A humanidade, mais agitada do que nunca. Nova York, Washington, Londres, Paris e Berlim transmitindo apenas as últimas emissões dos observatórios. Jornais publicando apenas “notícias do sol”. Um mundo não estava interessado

em mais nada. Comércio paralisado. Milhares de telescópios de todas as magnitudes vasculhando os céus. Milhões de pessoas aterrorizadas, esquecendo de como rir. Hedonismo relegado. Renascimento da religião. A teologia tão impotente quanto a ciência para responder à grande questão: “É este o fim?”

E então, na noite do quarto dia, quando um pouco mais de dezoito minutos haviam sido arrancados da medida cotidiana pela mão desconhecida que zombava da imutabilidade do universo, veio a descoberta que abalou o mundo trêmulo.

A causa foi descoberta pelo Professor Ernest Sherard, um brilhante jovem do Observatório de Mount Shasta, cuja recente descoberta de hieróglifos no Monte Hadley na lua havia sido recebida como o triunfo astronômico do século.

O Professor Sherard declarou que a lua estava voltando para a Terra!

Cálculos trigonométricos feitos por outros astrônomos notáveis, incluindo o Professor Sayre, foram realizados imediatamente e verificaram a afirmação de Sherard.

Foi então que o intelecto do mundo começou a cambalear.

Irracional em sua loucura, as massas enfureceram-se contra a Ciência que previu, mas não pôde impedir. Na vaga esperança de que algo pudesse ser feito para deter o satélite, esperaram impacientemente por mais notícias de Mount Shasta, onde Ernest Sherard, um homem ainda na casa dos trinta anos — um homem cujo rosto forte emoldurava olhos de um sonhador — mantinha uma vigília febril em seu telescópio.

CAPÍTULO II – O Século XXI

O QUE o mundo gostava de chamar de o “verdadeiro amanhecer da civilização” havia chegado no ano de 2009.

Embora não tivessem encontrado uma cura universal para todos os males do mundo, muitos deles tinham sido erradicados. Não havia guerras há meio século. Embora o comercialismo ainda dominasse e a avareza não estivesse extinta, os homens, em geral, estavam dedicando mais tempo à arte e à ciência, pois o fardo da indústria havia sido bem aliviado por descobertas que, algumas décadas antes, existiam apenas como sonhos distantes. Embora o maior progresso tenha ocorrido nas invenções, a ciência médica — particularmente a cirurgia — também havia avançado enormemente. Houve um verdadeiro renascimento do conhecimento, e o saber era o Velocino de Ouro. O trabalho de dominar os elementos havia sido concluído. Restavam poucos cantos escuros no globo. O homem continuava avançando, seu rosto voltado para a luz. Ele finalmente estava aprendendo a enfrentar a vida, e não havia

nada como o “excessivo amor pela vida”. O suicídio era quase uma coisa do passado. As prisões eram poucas e praticamente vazias. Havia trabalho para todos, mas não em excesso. A aurora da Idade de Ouro estava no ar.

A maior conquista do século foi a liberação e o controle da energia atômica, que agora realizava o trabalho do mundo. O segredo havia sido descoberto nos laboratórios de Murden, em 1963. Exceto para iluminação e pequenos usos de energia, a eletricidade havia sido relegada ao esquecimento. A energia a vapor era apenas uma memória. Enormes ato-planos, feitos de duralumínio, preenchiam o céu, realizando grande parte do transporte e comércio do mundo. Ato-móveis, tanto pesados quanto pequenos, constituíam o problema de tráfego nas cidades. Colossais ato-motores moviam as rodas da indústria. Era a era do átomo.

Os ato-planos eram capazes de voos indefinidos, e os mais rápidos podiam atingir dois mil milhas por hora. Gargantuan ato-liners faziam viagens diárias de ida e volta entre a Europa e a América. Navios haviam desaparecido dos mares e as ferrovias da terra. Ato-móveis, acelerando em estradas pavimentadas que se espalhavam por toda parte, transportavam passageiros e parte das cargas mais leves. A maior parte do transporte de passageiros, no entanto, era feita em pequenos ato-planos privados, que alcançavam uma velocidade de cerca de quinhentas milhas por hora. Todas as cidades tinham seu ato-porto, e muitas das casas mais antigas e quase todos os edifícios comerciais e industriais haviam sido cobertos com estruturas de topo plano que serviam como pistas de pouso, enquanto todos os novos edifícios estavam sendo construídos nesse padrão. Elevadores, que se abriam nos telhados proporcionavam a descida para o interior das estruturas. Equipados com super helicópteros, as máquinas precisavam apenas de seu próprio deslocamento para pousar ou decolar. Ato-aquecimento fornecia calor a todos os edifícios, enquanto quase todas as residências menores usavam ato-luz para iluminação.

Os ato-planos haviam levado o homem a todas as partes do planeta. Excursões em ato-liners em formato de cápsula para os polos eram comuns. Exploradores haviam feito muitas descobertas notáveis, sendo a principal delas a descoberta de um vale temperado entre montanhas enormes e geleiras a duzentas milhas do Polo Norte, que Amundsen, em seu voo através do polo para o Alasca em 1926, havia quase perdido. Esse vale, a mais nova fronteira da Terra, havia sido povoado pelos aventureiros de todos os climas. Ele foi nomeado Rogerland em homenagem ao seu descobridor, um americano, e sua principal cidade era Boreas. Com cinquenta milhas de comprimento e quase a mesma largura, a fértil fenda agora abrigava uma população de quase meio milhão. Muitas flora e fauna estranhas foram encontradas lá.

A principal metamorfose causada pelo desenvolvimento do ato-plano teve a ver com a redistribuição da população em quase todos os países. A população das grandes cidades havia diminuído em consonância com o crescimento da vida suburbana, enquanto novas comunidades surgiram como cogumelos, especialmente nas encostas das montanhas, com os moradores voando para as cidades que ainda eram os centros de indústria, educação, ciência, arte e entretenimento.

Outro efeito, e provavelmente o mais importante, da utilização da energia atômica foi a definitiva proscrição da guerra. Com energia universal à disposição, as nações perceberam que a guerra significaria suicídio universal. Vinte anos antes, os principais governos haviam adotado o Pacto de Paz Perpétua, para proteção mútua. Todos os exércitos e marinhas foram abolidos e as máquinas de combate descartadas, restando apenas alguns poucos relicários guardados em museus. Com o medo da guerra eliminado, o mundo voltou sua energia para construir uma civilização real, e a Utopia parecia estar ao virar da esquina. Quase todos os países eram repúblicas. Até a Grã-Bretanha havia abdicado de seu rei.

As notícias do mundo eram disseminadas quase inteiramente por rádio. Com a estática eliminada, quase todas as casas tinham conjuntos de transmissão e recepção. O telefone e o telégrafo haviam desaparecido. Jornais eram publicados apenas nas grandes cidades, e seu conteúdo noticioso era principalmente restrito a itens relevantes que, nos tempos antigos, eram chamados de boletins. Sua “diagramação” era dedicada em grande parte a editoriais e artigos escritos por importantes educadores, cientistas e escritores de ficção, além de anúncios. Através de uma invenção recente, pela qual os radiogramas eram digitados diretamente nos cilindros das prensas, a disseminação imediata das notícias era realizada.

A astronomia era talvez a ciência mais popular. Telescópios refletores com espelhos de 480 polegadas haviam sido aperfeiçoados, trazendo milhares de novas estrelas à vista. Todo grande observatório era uma Meca para um público apaixonado por observar as estrelas. Os rudimentos da astronomia eram ensinados até mesmo nas escolas primárias, e a juventude demonstrava um grande interesse por ela, assim como a geração mais jovem de três quartos de século antes havia sido devota do rádio.

Os poderosos telescópios refletores trouxeram muito conhecimento novo sobre os planetas. Sabia-se que as marcações em Marte eram, na verdade, canais engenhosamente projetados, como sugerido pelo Professor Percival Lowell muitos anos antes, mas que a vida no árido globo havia se extinguido provavelmente há 300.000 anos. Também foi revelado que Vênus girava em torno de seu eixo e que as condições lá eram favoráveis à vida em muitas formas. A teoria de que os anéis gigantes de Saturno eram compostos de enormes meteoritos

em órbita, alguns quase tão grandes quanto planetóides, também havia sido comprovada. Uma décima lua foi encontrada orbitando o Gigante Júpiter. Outra descoberta foi que o minúsculo Mercúrio apresentava ambas as faces ao sol. Os planetas mais distantes, Urano e Netuno, mostraram-se mundos de gelo, ao contrário da crença anterior de que eram esferas de fogo.

Mas a descoberta que mais despertou interesse foi feita pelo Professor Sherard, cuja invenção, um acessório telescópico que concentrava a magnitude dos refletores, permitindo um estudo muito mais minucioso de uma pequena área, revelou estranhas inscrições no Monte Hadley, uma das maiores montanhas da lua. Figuras bizarras, algumas com cem pés de altura, e uma estranha escrita que ninguém havia conseguido decifrar, agora eram visíveis. Também se pensava que cálculos matemáticos haviam sido esculpidos no penhasco quase perpendicular, mas o Concentrador Sherard não era poderoso o suficiente para tornar isso claro.

Os astrônomos estavam certos de que as esculturas eram obra de uma raça extinta. Os telescópios mais poderosos traziam o satélite a uma distância de dez milhas, por assim dizer, e sua superfície revelava uma paisagem fantástica de montanhas, crateras e planícies com uma absoluta ausência de ar e água. A origem das crateras ainda era um mistério, assim como a natureza dos estranhos “raios brancos” que irradiavam de algumas das principais crateras.

O avanço da ciência médica, no ano de 2009, não havia alcançado a fonte da juventude, mas havia conquistado quase todas as doenças. A duração da vida humana havia sido estendida por muitos anos e havia milhares de centenários. Os homens finalmente estavam aprendendo a retardar a morte através de um modo de vida correto. A Grande Praga Branca era apenas uma memória. O câncer foi o último terror a ser vencido. O progresso na cirurgia foi prodigioso. Não havia mais mutilados e cegos nas ruas. Novos membros eram enxertados nos amputados; os olhos dos recém-falecidos eram feitos para funcionar nas órbitas dos cegos, e quase todas as outras partes do corpo, exceto o coração e o cérebro, eram substituídas de maneira semelhante.

A pobreza, a escarnecedora da civilização, havia desaparecido. O conflito entre trabalho e capital não existia mais. Os criminosos eram tratados por suas mentes doentes e a pena capital foi abolida em toda parte. A depravação era vista como insanidade. A lei de causa e efeito era universalmente reconhecida.

A humanidade estava crescendo.

CAPÍTULO III – A Vingança do Átomo

O PROFESSOR SHERARD, em sua teoria sobre a causa da Grande Mudança, que foi amplamente divulgada e publicada na íntegra em todos os jornais, culpou a liberação de energia atômica.

Os átomos, explicou ele, eram a fonte do magnetismo da Terra, bem como de sua energia. O uso em massa dessa nova fonte de energia, através da explosão do átomo, havia desestabilizado o delicado equilíbrio entre a Terra e a Lua. O resíduo da energia liberada, em vez de retornar ao seu estado natural ou assumir outra forma, havia gradualmente envolvido o planeta com uma jaqueta magnética invisível, mas poderosa, com vários quilômetros de espessura. Ele citou o enorme aumento no número de meteoritos que haviam entrado na atmosfera terrestre nos últimos anos como prova de sua teoria. Esse novo magnetismo, distinto da força gravitacional da Terra, finalmente superou a reação das marés do planeta à Lua, que vinha afastando o satélite para mais longe no espaço desde que se separou da nascente Terra, e estava agora puxando-o de volta, fazendo com que a Terra rotacionasse mais rápido a cada milha que a Lua avançava.

A única esperança, disse ele, era que o interrompimento imediato da produção de energia atômica pudesse parar a Lua e gradualmente restaurar o equilíbrio.

“Mas vejo pouca esperança, mesmo que isso seja feito,” declarou ele desanimado. “A atração da Terra já contrabalançou o impulso das marés e é provável que não há nada que possamos fazer para reparar a ruptura. Parece que a Lua deve continuar sua trajetória em direção à Terra até o fim. É apenas ligeiramente possível, no entanto, que as próprias marés possam eventualmente empurrá-la de volta, ou que a ciência encontre uma forma de neutralizar ou anular a capa atômica. Nesse caso, a Lua pararia e gradualmente recuaria novamente, devido à reação das marés. Mas tal possibilidade parece muito remota. O novo magnetismo é o fantasma do átomo, por assim dizer, e está preso à Terra, envolvendo o globo como uma folha espectral que não pode ser desfeita. Pesquisas extensivas em meu laboratório não revelaram uma maneira de contrabalançar sua influência. Tudo o que podemos fazer é voltar ao uso da eletricidade ou de algum outro agente não magnetizante. A produção de energia atômica deve ser interrompida sumariamente em todo o mundo, e se isso falhar em desfazer a Grande Mudança, a Terra deverá perecer.

“A Lua está agora avançando a uma taxa de cerca de mil milhas por dia. Atualmente, ela está a cerca de 235.000 milhas de distância. Se sua velocidade atual for mantida, serão, obviamente, duzentos e trinta e cinco dias antes que ela atinja a Terra. Mas sua velocidade

sem dúvida aumentará a cada milha, assim como uma agulha se move mais rápido à medida que se aproxima de um ímã. Sabe-se que uma agulha praticamente salta para o ímã quando um certo ponto de atração é alcançado, e é possível que a Lua faça o mesmo quando atingir uma certa proximidade com a Terra.

“A ciência agora sabe que a Lua foi uma vez parte da Terra e que foi expulsa, como um volante que se rompe, quando o planeta derretido estava girando a uma velocidade inconcebível. E então, após a Terra se romper sob a tensão centrífuga e a Lua se tornar um corpo separado, houve um tempo em que as duas esferas giratórias quase se tocaram. Nesse momento, a Terra estava girando em cerca de três horas e a Lua compartilhava sua rotação. Mas a reação das marés — e elas devem ter sido imensas — fez com que a Lua se afastasse cada vez mais e a Terra desacelerasse correspondentemente, fazendo os dias se tornarem mais longos.

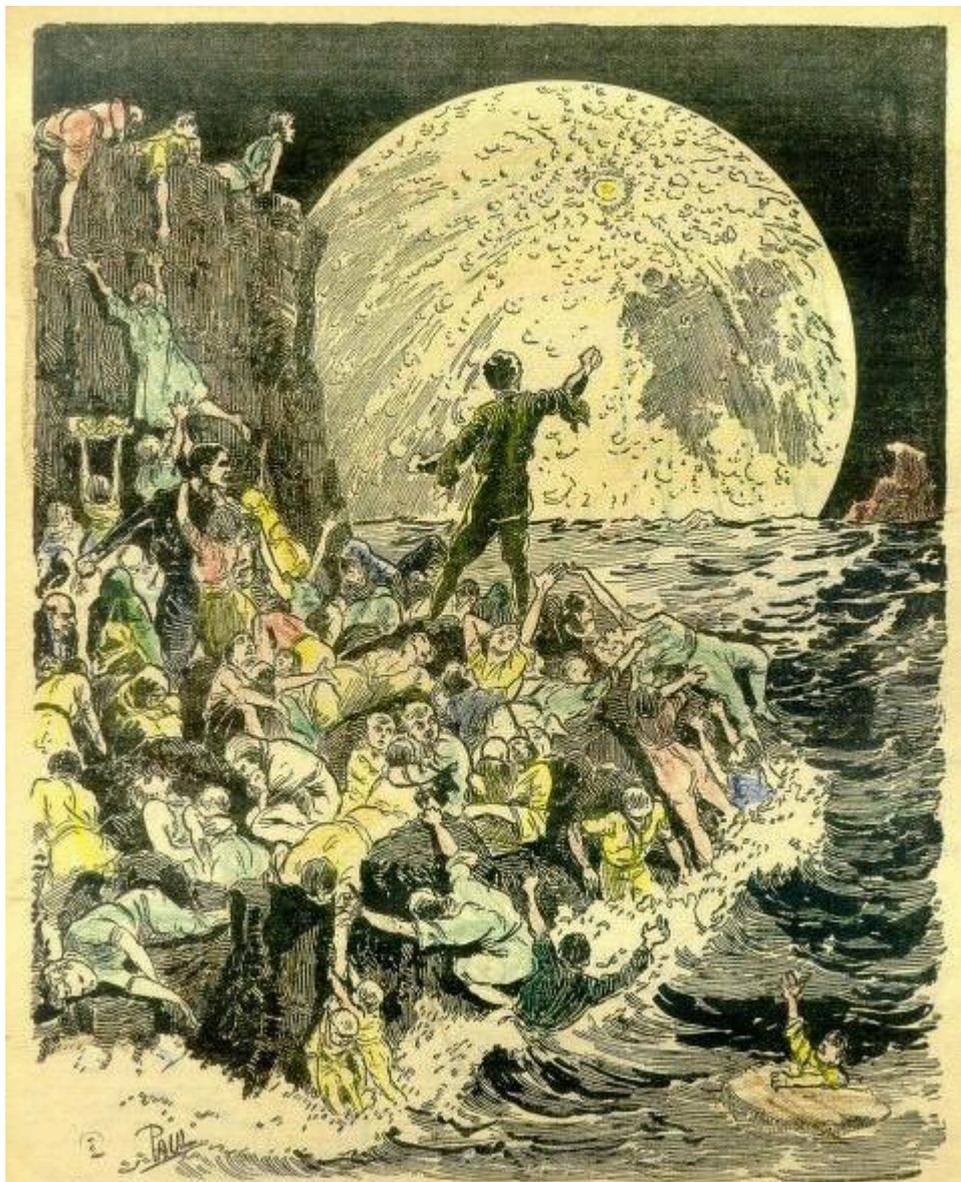
“Quando a Terra e a Lua estavam naturalmente em contato, o dia durava cerca de três horas. Até o momento da Grande Mudança, a distância média da Lua era de cerca de 240.000 milhas e o dia tinha vinte e quatro horas de duração. Tomando a distância média como base de cálculo, isso mostra que, para cada 11.428,47 milhas que a Lua se afastava, o dia se tornava uma hora mais longo. É lógico presumir que a situação será revertida à medida que a Lua se aproximar — que uma hora será subtraída das vinte e quatro para cada 11.428,47 milhas até que, quando a Lua tiver avançado vinte e uma vezes essa distância, ela estará muito perto, se não realmente tocando a Terra, que estará girando em cerca de três horas, com o satélite movendo-se com ela. Mas há uma possibilidade, como explicado anteriormente, de que a Lua faça mais do que apenas roçar a Terra. O novo magnetismo do planeta pode fazer com que a esfera menor literalmente dispare em direção à Terra quando uma proximidade crítica for alcançada. Isso certamente ocorrerá se a Lua não parar antes de chegar a vinte mil milhas de distância.

“Mas muito antes que essa temida colisão aconteça, é provável que a vida na Terra esteja extinta. As marés devem ser levadas em conta, mesmo que a louca rotação do globo falhe em destruir todas as coisas vivas. Quando a Lua tiver coberto dois terços da distância, uma nova era glacial terá começado, e é provável que a força gravitacional do satélite, junto com a rotação aumentada da Terra, faça com que os mares congelados abandonem seus leitos e cubram todo o mundo, exceto as montanhas mais altas e alguns dos planaltos mais elevados.

“O mundo se despedaçará durante sua agonia? Acho que não. Sua crosta é sólida por muitas milhas, e embora sua superfície possa mudar, acredito que o globo como um todo

permanecerá intacto. No entanto, a esfera gemerá em agonia e, em seus pontos mais fracos, sua crosta será rachada e torcida por terremotos de uma gravidade inconcebível. Sua topografia será quase completamente refeita pelas águas revoltas e se tornará um domínio de gelo, mesmo que ocorra a colisão esperada. O calor do globo diminuirá à medida que sua velocidade aumentar, devido ao encurtamento de suas exposições.

“O fim do mundo é inevitável, a menos que a ciência encontre alguma maneira de banir o novo magnetismo ou que surja algum novo fenômeno para combater sua influência. Antes que outro dia passe, toda a produção de energia atômica deve ser interrompida, desde cada aeroplano atômico até cada automóvel atômico. Cada cientista deve dedicar todo o seu tempo e energia à possível descoberta de algo que possa evitar a desgraça iminente.”



CAPÍTULO IV – O Fermento se Espalha

NO DIA SEGUINTE à divulgação da teoria do professor Sherard, que foi corroborada por quase todos os principais astrônomos, todos os motores atômicos no mundo cristão pararam repentinamente, com mandatos sendo emitidos quase simultaneamente por todos os governos. Todos os aviões e automóveis atômicos foram estacionados. A indústria e o comércio foram paralisados. O mundo ficou atônito, silencioso, como uma criança que fica muda de medo. Desapareceram sua alegria, sua pomposidade, sua ganância. Ciente do verdadeiro significado da Grande Mudança, sua razão vacilante foi temporariamente restaurada. Os homens falavam em sussurros abafados, e sobre uma única coisa: o mundo estava chegando ao fim.

A busca por fama, a corrida pelo dinheiro — o que importava agora? E a ciência havia dito que o mundo estava em sua juventude. Quão impotente era a ciência, quão impotente era tudo! No entanto, muitos acreditavam que em algum laboratório, talvez em algum canto obscuro de pesquisa, seria descoberto o segredo que restauraria o equilíbrio cósmico. Os próprios céus continham a ameaça de destruição, mas alguns encontraram consolo na religião. Muitos, aqui e ali, continuaram seu trabalho como de costume, como o lavrador de Tolstói. A Grande Fermentação estava finalmente se espalhando, e os homens estavam ficando sóbrios à medida que as bolhas estouravam.

E em sua sobriedade, diante de um desastre universal, eles estavam unidos como nunca antes. A esperança ainda não havia desaparecido completamente — ela viveria enquanto houvesse um homem andando pela Terra. Ainda havia trabalho a ser feito no mundo, então os homens encontraram tempo para esquecer alguns de seus medos no grande sedativo chamado trabalho.

Todas as fábricas industriais do mundo se transformaram imediatamente em colmeias de atividade, onde os homens trabalhavam dia e noite convertendo seus motores atômicos descartados e outras máquinas atômicas em maquinários movidos a eletricidade que manteriam o trabalho do mundo em funcionamento até o fim. O comércio ainda era necessário. A distribuição de alimentos era um problema mais vital do que nunca.

Assim, em menos de quinze dias, as rodas da indústria estavam girando novamente, movidas por uma força que os homens quase haviam esquecido como usar. Veículos elétricos de todas as descrições, muitos deles improvisados às pressas, foram colocados em serviço em todos os lugares, enquanto aviões de um tipo de cinquenta anos atrás pintavam os céus. No entanto, a maioria desses aviões não era adequada para voos intercontinentais; e muitos

navios movidos a eletricidade foram construídos. Uma força ainda mais antiga, o vapor, foi usada em algumas das embarcações marítimas.

Percebeu-se que esses arranjos improvisados não seriam capazes de manter as artérias do comércio desobstruídas, mas com o comércio restrito ao mínimo necessário e as viagens virtualmente eliminadas, eles seriam suficientes por enquanto.

A ciência, também, havia recuperado sua compostura. Cada laboratório, cada observatório, era o cenário de investigações diligentes. A capa magnética estava sendo estudada por todos os ângulos na esperança de encontrar uma contra-atração, um poder desmagnetizante que quebraria a atração fatal. Cada refletor e refrator era usado do amanhecer ao anoitecer, com a lua fantasmagórica e zombeteira sendo o centro das atenções de cada lente.

Entre os trabalhadores mais perseverantes estavam os Professores Sherard e Burke, este último astrônomo, que havia ganhado destaque mundial através de sua descoberta da Grande Mudança, tendo se juntado ao jovem mago do Monte Shasta em seus esforços para encontrar uma pista que salvasse o planeta.

Em pouco mais de duas semanas que se passaram desde o início da mudança, a lua havia avançado quase dezoito mil milhas. Durante a última semana, foi notado um aumento significativo em sua velocidade. A órbita do satélite estava se estreitando a cada dia, a Terra estava girando um pouco mais rápido com cada encurtamento do percurso — e o dia havia diminuído para vinte e duas horas e quarenta e três minutos!

A olho nu, a lua parecia apenas um pouco maior, embora suas marcações estivessem um pouco mais distintas e sua luz refletida um pouco mais brilhante. Um paradoxo aparente era que sua semelhança com um rosto humano estava se tornando menos distinguível à medida que suas gravuras emergiam mais claramente. As principais mudanças observadas através dos telescópios foram uma ligeira acentuação de sua rugosidade e uma apresentação mais clara de seus estranhos “raios brancos”.

O fortalecimento da lua sobre as marés havia se tornado aparente, mas não de maneira alarmante. A ilha de Santa Helena relatou as maiores marés da história da ilha, e as ondas estavam atingindo novas alturas nas rochas da costa da Nova Inglaterra e nas costas das Ilhas Britânicas, mas os oceanos, como um todo, pareciam tão plácidos como sempre.

Mudanças climáticas menores também foram notadas. Com o globo girando mais rápido em seu eixo, ele estava absorvendo menos do calor do sol. O inverno ainda persistia nas regiões temperadas do norte, enquanto os assentamentos próximos ao círculo polar ártico relataram as temperaturas mais severas em anos. E Rogerland, perto do Polo Norte,

transmitiu a notícia de que seu povo estava se alarmando com o movimento das geleiras ao redor, que ameaçavam cercar completamente o vale.

Assim, a possibilidade de a Terra se tornar fria em um futuro próximo introduziu uma nova nota de terror nos primeiros dias da Grande Mudança. Mas a humanidade, que havia se tornado estranhamente fatalista diante da ameaça da lua, não mostrou sintomas de novo pandemônio, mesmo quando o Professor Sherard e outras autoridades anunciaram que as camadas de gelo polares provavelmente se desprenderiam de suas fundações e começariam a se mover em direção ao equador dentro de dois meses.

Todos os tipos de sugestões bizarras para interromper a lua foram oferecidos. A que atraiu mais atenção foi a ideia de que enormes motores atômicos, equipados com batedores, fossem fabricados aos milhares e usados para agitar os mares em marés que poderiam fazer o satélite recuar. Igrejas de todos os credos se uniram em súplicas e, em um domingo especificado, orações foram elevadas simultaneamente por mais de cinquenta milhões de lábios. Cinco mil membros de uma seita transcendental reuniram-se em Chicago e declararam solenemente que o poder da vontade unida do homem poderia conter a lua. Muitos islâmicos acreditavam que Maomé estava retornando na lua e que ela recuaria após se aproximar o suficiente para que seu cavalo branco o trouxesse à Terra.

CAPÍTULO V – Mildred

ERNEST SHERARD tinha um assistente, além do Professor Burke, em seu trabalho no Monte Shasta — alguém que significava mais para ele do que o próprio trabalho. Ele havia conhecido Mildred Reamer seis anos antes, quando era um jovem astrônomo.

Uma noite, uma criança, filha da viúva que cuidava do prédio onde seu humilde observatório estava localizado, subiu até sua oficina no sótão e o observou atentamente enquanto ele ajustava seu telescópio pela janela e o apontava para as estrelas.

“Por favor, senhor, deixe-me olhar por essa coisa”, pediu a criança.

Ele focou o pequeno, mas poderoso instrumento em Júpiter, com suas várias luas, e pediu à garota para ver quantas “estrelas pequenas” ela conseguia encontrar ao redor.

“Oh, Deus, que lindo!” exclamou a criança depois de observar o planeta por um minuto. “Oh, Deus, que lindo!”

E todas as noites seguintes, enquanto ele ficou na casa da Sra. Reamer, a criança olhava pelo “grande canhão”. Demonstrando um interesse extraordinário para alguém tão jovem, ela logo aprendeu os nomes de todos os planetas e logo conseguia localizar as estrelas mais

brilhantes e algumas das constelações. Atraído pela precocidade astronômica da criança, o jovem lunático passou muitas horas contando a ela os segredos dos céus e mostrando-lhe, até que ela pudesse descrevê-los tão bem quanto ele, as principais características de seu objeto de estudo favorito, a mística lua. Mildred ficou tão encantada com a observação lunar que ele a chamava carinhosamente de “Garota da Lua”. E quando ele deixou a casa da Sra. Reamer para continuar seu trabalho em instalações mais sofisticadas, Mildred não foi esquecida. Ela continuou a visitar seu observatório, aprendendo cada vez mais sobre o universo, e após a morte de sua mãe, ele cuidou de sua educação e depois a contratou como sua secretária e assistente.

E agora a “Garota da Lua” estava florescendo na plena juventude, radiante de beleza. Seu interesse por ela havia crescido em adoração, e o momento de conquistá-la estava quase chegando. Nenhuma palavra de amor havia sido dita, mas Mildred entendia.

A Grande Mudança não assustou a garota. Ela via isso como uma Grande Aventura. “Claro que espero que a lua volte rápido”, disse ela a Ernest um dia, “mas se ela deve continuar, espero que se aproxime o suficiente para que possamos visitá-la. Não seria maravilhoso se você e eu fôssemos o primeiro homem e mulher a fazer a viagem?”

Ernest captou o brilho de aventura em seus olhos violetas e respondeu: “A única coisa que me agradaria mais seria encontrar uma maneira de fazer a lua voltar. Sim, seria maravilhoso alcançar o satélite e explorar seus picos e crateras. Talvez pudéssemos decifrar a estranha escrita no Monte Hadley e descobrir o segredo dos grandes raios de Tycho¹. E a lua pode se aproximar o suficiente para uma visita dessas — talvez perto demais. Mesmo agora, o mundo está morrendo. Os dias estão ficando mais frios, o oceano mais inquieto. A menos que Luna cesse seu avanço, tudo estará acabado em três meses.”

“Três meses!” exclamou Mildred. “Tão cedo assim?”

“Sim. As camadas de gelo já estão começando a se romper, e dentro de algumas semanas uma nova era glacial estará sobre nós de verdade. E então, dentro de três meses, as marés terão arrancado os oceanos de suas camas, cobrindo quase todo o globo com águas geladas. A rotação muito acelerada da Terra e o movimento das camadas de gelo podem causar um deslocamento no eixo do planeta. E mesmo que o deslocamento não aconteça, é certo que a aceleração abalará a Terra até suas fundações.”

“Caos”, meditou Mildred. “Eu sempre me perguntei como seria o fim do mundo e fui tão perversa a ponto de imaginar que gostaria de testemunhá-lo. Quando criança, eu

¹ cratera lunar localizada nas colinas próximas ao polo Sul da Lua

costumava imaginar algum cometa ou outro visitante interestelar colidindo com nosso planeta. E uma vez sonhei que a lua caía de volta na Terra, e agora essa mesma coisa está prestes a acontecer. Não que eu queira que o mundo acabe, mas sempre pensei que, se isso tivesse que acontecer, ficaria feliz em estar viva nessa época. Seria emocionante, inspirador. Sei que é estranho eu me sentir assim, mas faz parte da minha natureza, acho. A pulsação da vida dentro de mim sempre parece mais forte quando os elementos estão mais beligerantes. Quanto mais alto o trovão, mais brilhante o relâmpago, mais viva eu pareço estar.”

Essa peculiaridade estranha na personalidade da garota não era novidade para Ernest. Ela havia sido uma criança incomum de várias maneiras. Nos velhos tempos, quando ele era um inquilino na casa de sua mãe, ela muitas vezes subia até seu sótão em noites tempestuosas para observar os elementos furiosos da janela do sótão e batia palmas de alegria a cada relâmpago cegante e seu conseqüente estrondo, mais feliz quando a tempestade estava em seu pior momento.

Em suma, a garota parecia encontrar uma espécie de euforia assustadora em desafiar os elementos. Ele se lembrou de um incidente que ocorreu quando ela tinha cerca de quatorze anos. Ele havia levado ela e sua mãe à praia para um passeio de domingo à tarde. Uma tempestade severa surgiu e, durante a escuridão que precedeu a fúria do vendaval, a garota, vestida com seu maiô, desapareceu. Meia hora depois, enquanto a tempestade estava em seu ápice, ele a encontrou equilibrada nas pontas dos pés no topo de um penhasco à beira do oceano, de frente para o terrível esplendor do céu açoitado por relâmpagos e o mar agitado pela tempestade, com os braços estendidos como se quisesse abraçar o vendaval e se tornar parte dele, um olhar de desdém e felicidade em seu rosto. Ele ficou lá por um minuto inteiro, observando a onda se espalhar sobre sua forma esbelta e brincar com seu cabelo castanho suave.

“Oh, Deus, que maravilhoso!” exclamou a criança enquanto ele a pegava pelo braço. “Deixe-me ficar!”

“Mildred, acredito que você é filha do velho Thor em pessoa”, disse ele enquanto a afastava.

E naquele momento ele percebeu que a criança estava florescendo em uma jovem e que ele a amava... ainda mais do que ela amava a tempestade.

CAPÍTULO VI – O Caos Chama

DEZ SEMANAS se passaram desde o início do fim — ou seja, seria meados de junho, se não fosse pelo encurtamento dos dias. Como previu o Professor Sherard, a lua ganhou impulso e agora avançava quase três mil milhas por dia. Estava a menos de 125.000 milhas de distância, e quase dez horas haviam sido subtraídas das vinte e quatro. Sacudida por terremotos de violência sem precedentes, a Terra parecia incapaz de suportar sua dor. Marés montanhosas, açoitadas por uma fúria demoníaca pelo terrível puxão da lua, ameaçavam o coração dos continentes. Era uma repetição do dilúvio de Noé, mas muito mais cataclísmico em sua terrível grandiosidade. E sobre tudo estava se espalhando o frio mortal dos Grandes Espaços Brancos. Os mares estavam se tornando entupidos com geleiras, algumas das quais já estavam sobre os continentes.

O caos estava chamando.

Quase todas as cidades costeiras do mundo haviam desaparecido. Nova York foi uma das primeiras metrópoles a sumir. A península da Flórida desapareceu quase completamente. Londres e quase todas as Ilhas Britânicas estavam sob o mar. Terremotos e marés se combinaram para submergir as ilhas japonesas e grande parte da costa da Ásia, enquanto as marés sozinhas conquistaram as costas de quase todos os outros continentes. Estimava-se que cerca de um oitavo da terra já estava submerso.

Terror puro e insanidade iminente. Comércio abandonado, esquecido. Homens de todas as raças fugindo para montanhas e planaltos, esquecendo tudo, exceto a vontade de viver, e novamente fazendo apenas uma pergunta: “É o fim?” Fugindo de dia e de noite em uma hecatombe desordenada, olhando impotentes e sem esperança para a ogra crescente dos céus, a lua horrível e zombeteira.

Centenas de milhares de habitantes de pequenas e remotas ilhas pereceram quando suas terras foram submersas, e dezenas de milhares em outras partes do mundo morreram em terremotos. O Japão literalmente se quebrou em pedaços antes de as águas o engolfarem, e a maioria de seus habitantes fugiu para a China. Por outro lado, poucas vidas foram perdidas nas primeiras convulsões da Grande Mudança. A fúria dos mares, na maioria dos lugares, desenvolveu-se gradualmente, e o êxodo inicial das regiões costeiras foi ordenado. Menos de cem vidas foram perdidas em Nova York. Mas agora, com as águas ameaçando alcançar os planaltos e os campos de gelo do Ártico avançando, a migração da humanidade para terras mais altas estava se tornando uma retirada desorganizada e caótica.

Aviões e automóveis de todos os tipos foram requisitados pelos governos e colocados de volta em serviço para agilizar o êxodo, a proibição da energia atômica sendo suspensa para a emergência, mas todos os meios de transporte estavam se mostrando inadequados e milhões de pessoas em pânico estavam fazendo a jornada para o interior a pé.

Paris e Berlim ainda estavam seguras e eram os destinos de milhões de europeus gregários, apesar do aviso de que essas cidades em breve também desapareceriam. Norte-americanos corriam como formigas para as Planícies Centrais, apesar da advertência de que esta seria a primeira parte do continente a receber as águas geladas do norte e da inundação do oceano que subia pelo Mississippi, e que as cadeias de montanhas ocidentais e os Apalaches mais altos seriam seu refúgio mais seguro. Da mesma forma, os habitantes das costas da América do Sul estavam se mudando para as planícies do Amazonas e do Paraná, em vez de para os Andes; africanos estavam lotando as terras altas do Saara, ignorando as Montanhas Atlas ao norte; australianos estavam migrando para o Planalto Ocidental; apenas os asiáticos estavam subindo as montanhas, e isso devido à localização interiorana das cadeias de montanhas e planaltos. Os Himalaias e os Kuenluns eram seus principais objetivos.

O instinto primordial de toda a vida animal de buscar segurança na fuga e de viajar o mais longe possível da cena de perigo imediato estava se manifestando. Diante do Grande Terror, o homem, o super animal, estava sendo atávico.

A comunicação com Rogerland cessou abruptamente duas semanas antes, e acreditava-se que o país havia sido esmagado sob montanhas de gelo, sendo a última mensagem recebida afirmando que as geleiras, sacudidas de suas bases e colocadas em movimento pelos tremores de terra, estavam avançando rapidamente. Muitos dos habitantes deste vale haviam escapado, no entanto, e estavam reportando seu caminho para o sul através do Canadá, cujos habitantes também estavam se juntando à migração para as Planícies Centrais dos Estados Unidos antes do domínio do gelo que se aproximava, cujo prenúncio era o frio intenso.

As rajadas geladas do Ártico também aceleraram o êxodo das partes setentrionais da Europa e da Ásia, enquanto mais ao sul, nos postos avançados perto do círculo antártico, uma migração frenética em direção ao equador estava em andamento.

O problema da distribuição de alimentos foi esquecido na grande hecatombe, e milhares de refugiados de todas as partes estavam morrendo de fome e frio.

A vida selvagem dos desertos árticos também estava fugindo do terror do gelo, enquanto milhões de aves de ambas as regiões polares estavam voando em direção a climas mais favoráveis.

E durante o grande desastre, a ciência estava tão impotente para impedir a fuga em massa da humanidade quanto estava para deter a lua que se aproximava e restaurar o equilíbrio cósmico. Seus conselhos, suas advertências, em sua maior parte, foram ignorados, embora uma pequena minoria estivesse ouvindo e procedendo de maneira ordenada para alcançar a segurança temporária das terras altas. Estes estavam levando consigo muitos dos confortos da civilização, grandes estoques de alimentos, roupas pesadas e equipamentos para erguer moradias apressadas nas terras elevadas. Já muitas habitações improvisadas estavam aparecendo nas montanhas e em alguns lugares, principalmente nos planaltos, comunidades estavam se formando, mantendo contato com o resto do mundo por rádio.

As estradas para todas as cidades do interior dos Estados Unidos estavam se congestionando com refugiados das regiões costeiras, muitos dos quais estavam montando tendas ou construindo cabanas nos arredores das cidades. Devido à sua proximidade com o centro geográfico do país, Omaha, Nebraska, estava se tornando a cidade mais populosa da nação. A destruição de Nova York e outras grandes cidades na costa atlântica inicialmente despejou grande parte da população dessa região em Chicago, Detroit e outros pontos no país dos Grandes Lagos, mas o frio e a ameaça das marés logo fizeram com que os viajantes continuassem avançando. A vanguarda do segundo êxodo havia se mudado para Omaha, e a maior parte das massas históricas seguiu cegamente. Então veio o momento em que os terremotos aumentaram os terrores da costa do Pacífico açoitada pelas ondas, e os refugiados do oeste, tão gregários quanto seus irmãos do leste, também desceram sobre a cidade de Nebraska, ignorando, no caminho, Denver e outras cidades mais seguras nas altas montanhas Rochosas.

Outras cidades em Nebraska, Kansas e nos estados das planícies em geral estavam sentindo os efeitos da fuga em massa, mas Omaha era o principal campo das hordas desamparadas e continuaria a ser até o dia de sua destruição. A humanidade, em seu perigo supremo, estava se aglomerando, desamparada e sem liderança, mas buscando segurança em números, como nos velhos tempos.

CAPÍTULO VII – A Cidade da Demência

A MALÉFICA LUA continuava a avançar, e a esfera-mãe louca a aumentar sua rotação vertiginosa, os dias ofegantes a encurtar, o frio amargo a se espalhar.

E a ciência permanecia tão impotente quanto no primeiro dia da Grande Mudança. Mas a ciência não havia abandonado a esperança e tentava desesperadamente restaurar a razão de um mundo enlouquecido... Tentava em vão.

Os norte-americanos continuavam a afluir para as Planícies Centrais. Omaha era o centro de uma massa de almas que se espalhava por quase cinquenta milhas em todas as direções em um fermento fervilhante. Durante o dia, os refugiados tentavam estabelecer uma aparência de ordem. Dezenas de milhares de tendas e outras estruturas de abrigo rudimentares eram erguidas a cada dia. Até mesmo ato-planos e ato-móveis estavam sendo desmontados, e seus metais convertidos em material para barracos. Durante a noite, os habitantes da Cidade da Demência pouco faziam além de discutir incoerentemente a ameaça lunar e olhar para o satélite sempre crescente, cuja beleza havia agora se transformado na repugnância da própria morte, tentando esquecer seu terror em um sono agitado — e as noites se tornaram tão curtas que não havia muito tempo para dormir; era tão breve a luz do dia, que noite e dia pareciam uma coisa só.

O governo dos Estados Unidos ainda estava intacto, embora os departamentos administrativos tivessem sido transferidos para os edifícios do resort no Monte Mitchell, o pico mais alto do leste da América, assim que as marés ameaçaram Washington. Uma gigantesca estação de rádio havia sido erguida no topo da montanha, e o governo mantinha contato com o resto do mundo, tentando acalmar sua própria população. O Presidente fazia apelos apaixonados para que o povo buscasse segurança em outro lugar que não nas planícies, mas seus pedidos, como os da ciência, eram em grande parte ignorados.

Quase todos os ato-planos e outros veículos de transporte do governo haviam sido reunidos em Asheville e Hendersonville, perto do Monte Mitchell, e eram usados para transportar alimentos e roupas para os refugiados em Omaha e outros locais. Todos os suprimentos disponíveis dessa natureza haviam sido requisitados para esse propósito.

O sofrimento em Omaha e em seus novos arredores era intenso. Milhares de famílias haviam chegado a esse falso refúgio sem dinheiro e sem provisões. A escassez de água também era sentida. Grandes encanamentos estavam sendo instalados a partir dos reservatórios de Omaha até os distritos periféricos, mas o abastecimento era inadequado, e

poços estavam sendo cavados em todos os lugares. As condições de superlotação e falta de saneamento anunciavam epidemias inevitáveis de doenças.

A alma da Cidade da Demência, assim como seu lado físico, desafiava a descrição. Albert Simmons, poeta renomado, chamou o lugar de “A Cidade dos Homens Desmascarados,” e isso provavelmente foi a epitomização mais expressiva. As alegações da ciência de que a civilização era apenas uma camada fina, e que o homem era seu verdadeiro eu apenas quando completamente liberado das restrições sociais ou quando enfrentava a morte, estavam sendo provadas de uma forma gráfica e lamentável.

A alma do homem estava desnuda, revelando seus paradoxos de bem e mal, beleza e feiura, virtude e vício, esperança e desespero. Paradoxo de amor e ódio, de avareza e benevolência, de altruísmo e egoísmo, de espiritualidade e materialismo — tal era o homem na cidade de sua última resistência.

Insanidade, talvez, mas a sanidade, também, não passa de uma camada fina. E o paradoxo mais estranho de todos era a avidez do homem em sua hora de sofrimento, diante da aniquilação.

O vendedor ambulante pregando suas mercadorias, o comerciante exibindo seus produtos, o milionário ostentando sua riqueza — eles estavam lá antes mesmo que a Meca da Miséria tivesse duas semanas de existência. E Shylock², também, estava lá.

Negócios como de costume! Os jornais de Omaha lotados de notícias sobre a lua, com anúncios de “liquidação”; o sinal das três esferas³ aqui e ali; placas de “À Venda a Preços de Fim de Mundo” pregadas em muitos barracos comerciais nas ruas lotadas e caóticas; alimentos e roupas comandando preços fabulosos; vendedores de ato-móveis exibindo os mais novos modelos “equipados eletricamente”; homens esquecendo a ameaça lunar em seu desejo inerente de acumular riqueza; esquecendo as massas miseráveis ao seu redor; esquecendo, em parte, seu próprio sofrimento; vendendo até mesmo a água dos poços recém-cavados.

E o onipresente vendedor de seguros de vida também estava presente — fazendo um grande negócio, obrigado!

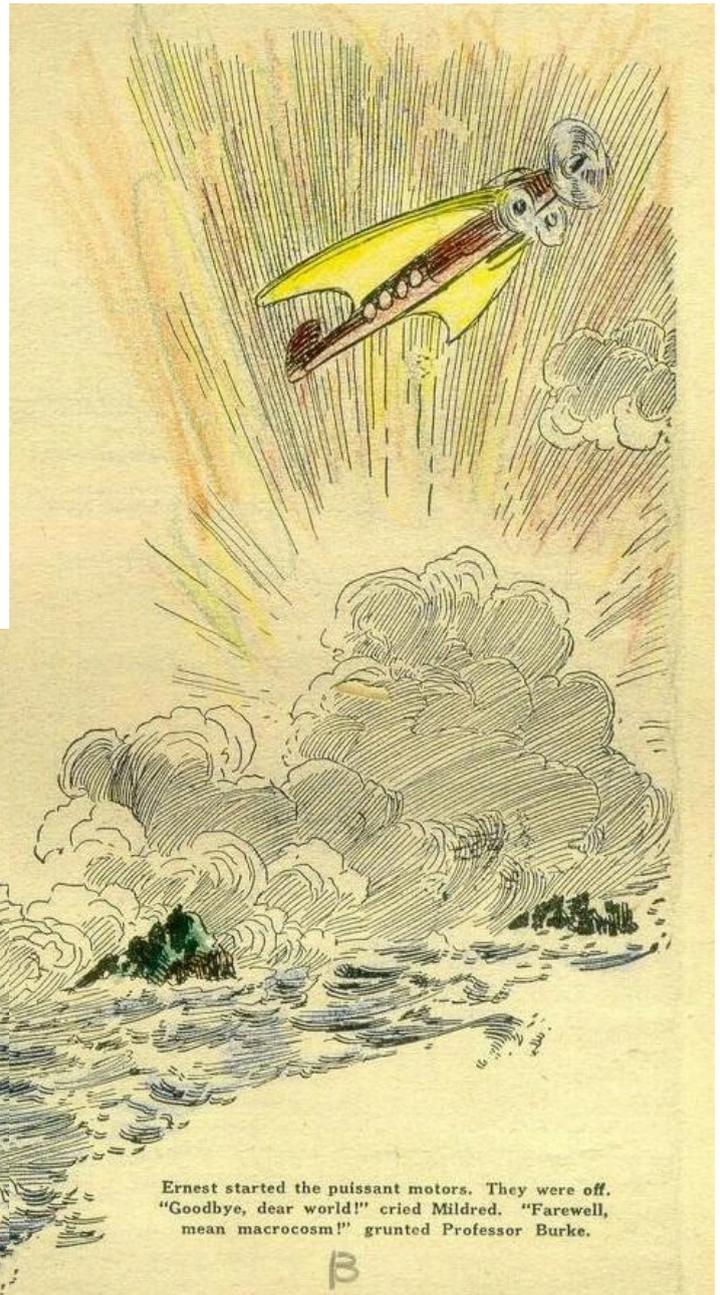
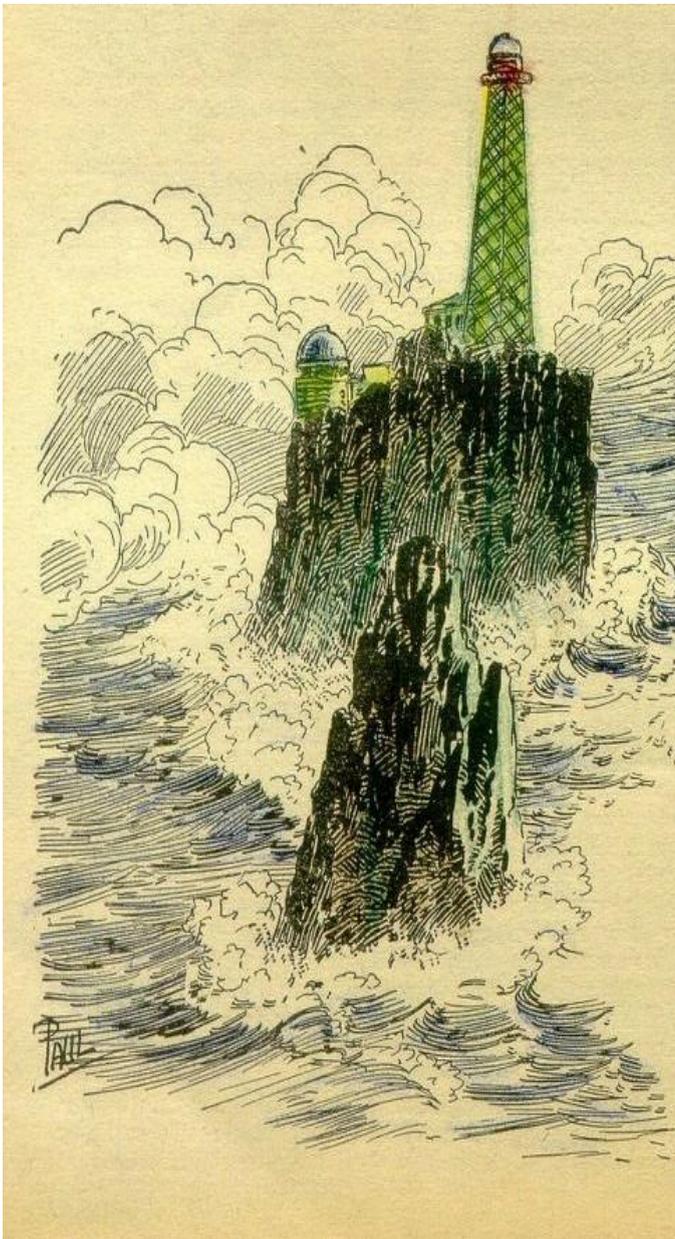
O homem estava verdadeiramente louco... sempre fora louco nas profundezas de seu cérebro, onde estava armazenada a ganância que nasceu quando seu ancestral peludo, nos primeiros dias do arco e flecha, estocou sua caverna com carne até que o fedor o expulsou.

² Shylock é um personagem fictício da peça “The Merchant of Venice”, do dramaturgo inglês William Shakespeare.

³ Refere-se a um símbolo comum em lojas de penhores durante o século XIX e início do século XX.

Moralidade e propriedades estavam quase esquecidas na balbúrdia. O que importava agora, quando cada alma estava desnuda? O homem era um bruto, um bruto abissal, e a alma da mulher não era muito mais pura. Muitas e descaradas eram as mulheres pintadas; muitos e desavergonhados eram os libertinos.

Mas nem tudo era feio na grande revelação. Se o mal predominava, deve-se lembrar que o terror e o sofrimento são primos-germanos da insanidade, e a insani-



-dade é a verdadeira mãe do crime. O fato de que nenhum homem com o tipo certo de cérebro, com o intelecto que deveria ter, poderia ser criminoso, há muito havia sido reconhecido tanto pela ciência quanto pela religião. Essa foi a razão pela qual quase todas as prisões evoluíram para hospitais no início do século XXI.

Mas não havia hospitais para os enfermos da Cidade do Delírio.

As forças eternas do bem e do mal ainda estavam em ação. Nas extensões periféricas da fome e da miséria, longe dos frenéticos mercados de comércio, a mão branca da caridade se estendia, e sobre os corpos daqueles para quem a Grande Mudança já havia trazido a morte, eram ditas as suaves orações de fé e esperança. A religião estava presente, todas as crenças unidas no teste final. Mas todas essas agências beneficentes podiam fazer muito pouco para aliviar o sofrimento, banir o terror ou restaurar a sanidade da Grande Fermentação.

E a própria religião, à medida que o medo e a miséria aumentavam, ameaçava se tornar fanática, senão bárbara. Um grande líder evangélico, desequilibrado pelo caos, já estava defendendo sacrifícios humanos para apaziguar a ira dos céus.

A filosofia também estava se distorcendo, e quase todo homem era um filósofo com opiniões divergentes. O ar frio da noite era rasgado pelas vozes estridentes desses sábios que subiam em caixotes de sabão e outros locais improvisados para expor suas teorias sobre o Porquê, o De Onde e o Para Onde.

O estoicismo estava ganhando força à medida que a esperança diminuía. Uma figura familiar entre os oradores era um homem curvado e barbudo, vestido de branco como os profetas de antigamente, que apontava um dedo ossudo para seus ouvintes e zombava: “E se este é o fim do mundo? Você não notará a diferença em mil anos. Você não é mais do que um saco de mosquitos, de qualquer maneira.”

CAPÍTULO VIII – O Professor Burke Rosna

OS PROFESSORES SHERARD E BURKE, de seu refúgio no Monte Shasta, enviavam mensagens diárias ao mundo, alertando as pessoas para fugirem dos vales e suplicando aos habitantes da Cidade da Demência que se dispersassem para as colinas. E embora esses dois astrônomos fossem agora reconhecidos como os principais sábios da Grande Mudança, seus apelos tiveram pouco efeito.

“Que eles parem a lua — então ouviremos eles,” foi a resposta dos aflitos, dos condenados, enquanto continuavam a se aglomerar nas terras baixas.

O trabalho febril e quase incessante para encontrar alguma maneira de combater o magnetismo de atração da lua sobrecarregou a energia de Ernest Sherard e prejudicou sua saúde. Um colapso nervoso o ameaçava, e Mildred agora o estava cuidando para que recuperasse sua normalidade.

A falha em descobrir uma força capaz de salvar o mundo não perturbou visivelmente o robusto e cínico Professor Francis Burke.

“Talvez o mundo não valha a pena ser salvo, afinal,” ele resmungou um dia, após um fio particularmente promissor de investigação se romper. “Talvez o caos, a aniquilação, sejam melhores, afinal. A Terra sempre foi um planeta amaldiçoado.”

“Desculpa de mau perdedor!” Mildred provocou.

“Faça um vinho que dissipe a acidez da Vida, como Omar Khayyam poderia ter dito,” ele respondeu.

“Velho Omar! Ele é o filósofo favorito de Ernest,” disse Mildred, voltando-se para Sherard. “Mas acho que Ernest está perdendo o respeito pelo Fabricante de Tendas agora, pois foi ele quem disse:

‘Quando Você e Eu além do Véu estivermos; Oh, mas o longo, longo tempo que o Mundo durará!’

“Mas Omar sabia o que estava falando, afinal,” Burke afirmou. “Testemunhem as últimas duas linhas do quarteto:

‘Que considera nossa Chegada e Partida Como o próprio Mar deveria considerar uma pedra lançada.’

“Professor, você é tão desesperançado quanto sempre,” Ernest riu.

“E me parece que o mundo está ainda mais, justo agora,” Burke rebateu. “Onde está a civilização que vangloriávamos há poucas semanas? ‘A Era do Intelecto.’ Bah! As ondas atacam as costas e destroem algumas cidades, e a civilização retorna ao barbarismo da noite para o dia. Ameaçada de destruição, a humanidade é corajosa como um bando de lebres assustadas, racional como um monte de ratos encurralados, dócil como uma manada de hienas! A civilização não é nem uma fina camada — é apenas uma demão de cal! E quando a cal desaparece, o homem se revela o covarde vil que sempre foi quando incapaz de dominar, quando confrontado com o desconhecido. Despido do último vestígio de sua semi-sanidade, ele agora corre para as terras baixas centrais, apesar de todos os avisos. Ele ainda segue a multidão, gregário até o fim! Mas o globo está cantando sua canção do cisne e em poucas semanas tudo acabará — então deixem os tolos irem! E, afinal, por que a morte nas montanhas seria preferível à morte nas planícies? Sim, talvez os tolos estejam certos — um mês ou dois de vida não importa quando a própria terra está morrendo. Aquela maldita lua! Por que ela surgiu, em primeiro lugar? Ela não fez nada além de rir da Terra desde que tomou seu lugar no céu. Parece bonita para os amantes, não? Bah! Ela está se regozijando sobre nós agora, e todos os cavalos do rei não podem apagar seu sorriso infernal.”

O professor Burke, ainda furioso, deixou a sala e subiu para a sala de observação para dar outra olhada no sinistro satélite. Eles não riram do surto de seu companheiro — sentiram que ele havia expressado a dura verdade.

“O Professor está certo, como de costume, mas ele é tão brutalmente franco sobre isso,” Ernest comentou enquanto girava a lente para a lua. “Se não fosse tão característico dele, eu diria que a destruição iminente está abalando seus nervos. Ele descobriu a Grande Mudança, você sabe, e acredito que ele pensa que o fardo de corrigir o problema recai principalmente sobre seus ombros. Ele é um dos homens mais pessimistas que já conheci, mas ele não quis dizer o que disse sobre o mundo não valer a pena ser salvo. De fato, ele é o tipo de pessoa que não hesitaria em dar sua própria vida para salvar um amigo. Um personagem muito incomum, um pouco sombrio demais, mas um dos maiores astrônomos e pensadores do mundo. Ele estava certo sobre a tolice de tentar vencer a Grande Mudança, e a morte nas planícies não ser pior do que nas colinas.”

“Mas você não perdeu toda a esperança,” Mildred comentou. “Você ainda acredita que algo pode acontecer para salvar o mundo, não é?”

“Sim, mas não deixo minhas esperanças me iludirem. Foi dito, você sabe, que a esperança é a maior mentirosa do mundo. Algo pode acontecer — a lua pode se despedaçar. Mas o destino da humanidade parece selado. Algumas poucas semanas contarão a história. A lua colidirá com a Terra, ou a morte gelada dos oceanos submergirá tudo. Outra bolha no universo terá estourado, só isso. Todas devem estourar, mais cedo ou mais tarde, você sabe.”

“A eterna, implacável lei da mudança,” Mildred suspirou. “Gosto de como foi expressa em um poema que li não faz muito tempo:

*‘Sim, tudo o que é deve mudar e passar.
Assim falam as pétalas caindo da rosa.
O sol que beija os lábios mornos de junho
Deve logo brilhar nas neves sombrias de dezembro.’*

“E você terá medo, Mildred, no crepúsculo do último dia da Terra?”

Ela sorriu para os olhos cinzentos e solícitos dele e respondeu com outro verso do poema:

*‘Quando a noite chegar e as sombras ao meu redor rastejarem,
Por que eu deveria temer enfrentar o destino comum?
A morte em seu pior é apenas sono eterno, —
Quem sabe, é o caminho para o portão do Éden!’*

“O poema é uma estranha mistura de melancolia materialista e esperança,” Ernest comentou. “O Professor Burke poderia tê-lo escrito.”

“Não, ele teria omitido a parte do Éden, mesmo que fosse figurativa, pois ele não acredita na narrativa do Gênesis. E ele teria medo de que houvesse uma Eva no jardim.”

“O Professor é um genuíno exemplar do gênero misógino. Mas ele não odeia você, Mildred. Outro dia mesmo, ele me disse que valeria a pena viver se tivesse uma filha como você.”

O colóquio terminou, e eles olharam mais uma vez para a pequena luz zombeteira.

CAPÍTULO IX – Os Habitantes das Colinas

JÁ DEVERIAM ter se passado cinco meses desde o início do horror lunar. A lua estava a apenas setenta e sete mil milhas de distância. A Terra estava girando em menos de oito horas. O homem havia perdido a noção do tempo. O calendário era uma zombaria.

Da superfície seca do globo, apenas as montanhas e algumas das planícies mais altas permaneciam, e nesses picos e planaltos em cada país estavam amontoados cerca de dez milhões de almas — o remanescente da humanidade.

A civilização que o homem havia levado dez mil anos para construir havia desaparecido quase completamente, como se nunca tivesse existido. Em algum lugar sob a vastidão de águas agitadas e congeladas jaziam as ruínas de todas as grandes cidades que o homem havia criado. Cada metrópole terrestre havia se tornado uma necrópole marinha. Cada continente em breve se uniria a Atlântida. Netuno estava se deleitando.

Congregados até o fim, os bilhões da Terra foram apanhados entre as avalanches glaciais dos polos e as águas marchantes dos sete mares. Permaneceram aglomerados nas planícies até que a fuga fosse tarde demais — aglomerados por calor tanto quanto por medo irracional. E quando os oceanos, abrindo caminho pelos vales dos rios, finalmente alcançaram as planícies e as montanhas de gelo começaram a deslizar e entrar nas bacias, eles correram, enlouquecidos e sem liderança, para terras mais altas. Milhões que escaparam do desastre morreram congelados ou pereceram de exaustão ou fome. E outros milhões incontáveis foram subjugados pela inundação antes que pudessem sequer alcançar as colinas.

Dos quarenta milhões de refugiados em Omaha, menos de trezentos mil chegaram às montanhas. Eles pereceram como ratos em um esgoto inundado; como gatos ensacados jogados em um riacho. Denver foi o ponto de encontro de provavelmente cem mil dos mais sãos e rápidos.

E aqueles que alcançaram a segurança temporária das terras altas estavam em uma situação que clamava por morte. Sem abrigo, quase sem comida, sem esperança, quase sem razão, eles se aglomeravam para obter calor e consolo mútuo, olhando alternadamente, com piedade, para a hediondez gárgula da lua e para os mares que subiam cada vez mais.

O terror e o sofrimento haviam reduzido a massa dos aflitos a pouco mais que autômatos. O homem não era mais uma criatura pensante. Seus instintos, sozinhos, sobreviviam. Ele havia deixado de ponderar sobre a ameaça lunar, parecendo aceitá-la como algo que sempre existiu. Ele conhecia o medo, a dor e a fome, assim como eram conhecidos pelas criaturas selvagens do campo e da floresta. Ele estava louco, mas era a insanidade silenciosa de um animal torturado até a submissão. Ele não se importava mais com seus semelhantes. Ele estava com fome, e comia o que encontrava. Matava, com pedras e paus, os animais que o haviam precedido nas montanhas; devorava sua carne crua e bebia seu sangue quente. Mastigava a folhagem e as raízes de árvores e arbustos. Estava com frio, e buscava o calor do corpo de seus semelhantes e cavava buracos na neve e sob as rochas. No início, ele havia feito fogo de abetos e pinheiros, mas sua regressão foi tão rápida que esqueceu como produzir chama em três semanas após chegar às montanhas. Ele havia regredido ao troglodita.

Desapareceu o domínio da ganância e do vício que havia acorrentado a alma do homem nos primeiros dias da Grande Mudança. Desapareceu também toda virtude, exceto a imperiosa do amor materno que, em meio à indescritível fantasmagoria de insanidade e sofrimento, ainda se sacrificava no altar da devoção, para que bebês pálidos pudessem viver mais um dia.

Desapareceu tudo, exceto a vontade de viver, que é sempre mais forte quando a vida é mais fraca e quando Erebus reclama a mente.

Apenas um punhado de refugiados do último êxodo alcançou as montanhas mais altas, onde estavam acampados aqueles que fugiram quando a água começou a destruir as costas. A maioria deles parou nas cordilheiras mais baixas, onde uma nova migração foi rapidamente bloqueada pelos mares que subiam rapidamente. Muitas das cadeias montanhosas menores estavam agora quase completamente submersas, seus picos emergindo da água como ilhas do Mar do Sul. Hordas de aflitos na Cidade da Demência fugiram para as montanhas mais próximas, os Ozarks, dos quais menos de uma dúzia de cumes permaneciam acima da água. Outros procuraram refúgio nos Apalaches mais elevados, mas muitas dessas montanhas também foram rapidamente submersas e as águas do Atlântico agora cortavam enormes gargantas através de seus bastiões azuis, enquanto corriam para o interior para se fundir com

a inundação do Pacífico que, inicialmente bloqueada pelas cadeias desafiadoras perto da costa, agora varria tudo em numerosos lugares como resultado de corrosão e de terremotos que quase nivelaram centenas de monarcas coroados de neve.

O Presidente e seu gabinete, e os vários departamentos administrativos, estavam isolados no Monte Mitchell. O governo havia deixado de funcionar há muito tempo, mas ainda mantinha comunicação com as poucas estações de rádio restantes do mundo, os observatórios mais elevados e as comunidades mais altitudinais de moradores de picos.

Em contraste marcante com o caos mental ao redor estava a situação dos pioneiros da grande hégira — a pequena minoria que buscou as terras mais altas quando a ciência e o governo primeiro aconselharam. Aqui, a mente do homem mantinha seu domínio, enfrentando o inevitável com coragem e sanidade extraordinárias, esforçando-se para manter a ordem até o fim.

Essas pessoas dos picos rapidamente se organizaram para o trabalho em suas mãos, e sua cooperação e previsibilidade criaram uma sociedade de habitantes de penhascos com relativo conforto. Chegando às montanhas em grande parte por aviões e trazendo grandes estoques de alimentos concentrados, roupas e equipamentos, incluindo muitos aquecedores atômicos, eles imediatamente começaram a tirar o máximo proveito de sua situação desesperadora. Lutando contra o tempo até que o clima glacial envolvesse os penhascos em um manto de gelo, eles logo abandonaram suas tendas e outras habitações temporárias e cavaram fundo nas encostas das montanhas, onde moldaram grandes salas e passagens, usando raios atômicos para derreter a rocha sólida. E quando a tarefa tediosa foi concluída, eles equiparam suas cavernas com luzes atômicas, aquecedores atômicos e aparelhos de rádio. Sua alimentação consistia principalmente em alimentos enlatados e concentrados. A água era obtida das torrentes da montanha e, mais tarde, quando esses pequenos riachos congelaram, derretendo neve e gelo. Como precaução contra terremotos que ameaçassem seus abrigos forçando-os a fugir para outros picos, mantinham seus aviões prontos para serviço imediato, armazenando-os em “garagens” especialmente escavadas.

Esses arranjos, embora implicassem em muitos sofrimentos, evitaram o sofrimento real por muitas semanas, mas a Grande Mudança não seria superada. Eles estavam praticamente selados em suas celas. Não ousavam mais enfrentar o frio intenso das altitudes elevadas. Eles se amontoavam ao redor de seus aquecedores atômicos durante os breves dias e noites, conversando em tons abafados, comendo seus alimentos condensados e dormindo a maior parte do tempo como animais hibernando. A cada poucas horas, um grupo de homens armados com raios atômicos e picaretas, ia até as portas das cavernas e cortava as camadas de

gelo para fornecer ventilação, e de vez em quando algum habitante mais resistente emergia do calor das cavernas tempo suficiente para usar um telescópio sobre águas agitadas e cheias de gelo abaixo, ou para vislumbrar a lua inchada e ensanguentada.

E essas pessoas dos picos estavam começando a notar outra mudança ominosa: o próprio ar estava desaparecendo.

CAPÍTULO X – A Respiração da Lua

LUNA, cujos poetas cantaram ao longo dos séculos, cuja luz iluminou os olhos do amor desde que o amor surgiu, há muito deixou de ser uma coisa de beleza. No entanto, ela parecia mais maravilhosamente bela do que nunca, se estivesse em uma missão benevolente; pois a beleza também é relativa.

A lua era agora uma monstruosa bola de bronze, vagamente carmesim, cujo volume obscurecia tanto o céu que uma escuridão quase total, entrecortada por cores estranhas, velava o mundo, mesmo ao meio-dia. E à noite, parecia não haver nada além da lua — e a cada noite a lua se tornava maior, mais malévola. Outro efeito estranho era a frequência dos eclipses tanto na Terra quanto na lua, causados pela proximidade dos dois corpos.

O satélite havia perdido toda semelhança com o disco dourado que outrora adornava o firmamento. A mudança foi tão surpreendente quanto completa. Seu “rosto humano” há muito desapareceu, e em seu lugar surgiu uma terrível topografia de montanhas esqueléticas, abismos profundos e planícies marcadas, todas claramente discerníveis sem a ajuda do telescópio. As crateras de Copérnico, Clavius e Tycho eram especialmente conspícuas, e do anel desta última se estendiam estranhos raios brancos uniformemente em todas as direções como faixas de mármore habilmente desenhadas. A longa faixa do Vale Alpino era outra característica proeminente, enquanto os Apeninos e as Montanhas dos Cárpatos eram tão distintos que seus picos irregulares podiam ser vistos projetando-se em contorno serrilhado da face do satélite, que agora parecia ligeiramente convexa.

À medida que sua órbita se estreitava, as oscilações da lua tornaram-se mais pronunciadas e seus polos norte e sul inclinavam-se, alternadamente, cada vez mais em direção à Terra. O tempo no satélite também havia sido perturbado, por assim dizer, seus períodos de dia e noite tinham diminuído. Ele havia reduzido sua distância da Terra em aproximadamente 160.000 milhas desde o início de sua jornada em direção à Terra, e a correspondente redução de sua órbita havia reduzido suas “quinzenas” de luz e escuridão para menos de cinco dias cada.

Os poetas sempre estiveram em desacordo quanto à cor da lua, alguns cantando sua luz prateada e outros seu brilho dourado. Mas agora o orbe não era nem argentado nem dourado. Sua cor geral era a de bronze polido visto sob uma luz vermelha. Seu brilho estava diminuindo rapidamente, e era estranho notar que as sombras negras de suas montanhas estavam se tornando menos distintas.

A mudança era ainda mais notável vista através dos telescópios dos observatórios. Cada característica era trazida para tão perto que parecia estar ao alcance das mãos, através das lentes gigantes. Os astrônomos agora viam o rosto enrugado da lua quase tão claramente como se estivessem em sua própria superfície, e sua cor, sob as lentes, era de um cinza opaco.

A proximidade do satélite trouxe novos conhecimentos sobre suas características físicas. Suas montanhas mostraram-se mais complexas do que se pensava, e a ciência agora tinha certeza de que o Vale Alpino era o resultado do contato com algum corpo celeste errante. Suas crateras pareciam ser os restos ou bases de gigantescas bolhas elevadas por gases vulcânicos quando o globo era incandescente.

Não havia sinal de vida na esfera, mas a evidência de que ela já foi habitada era indiscutível. A descoberta que recebeu mais atenção foi a de que uma figura gargantuana de gárgula estava esculpida no lado do Monte Hadley, perto das estranhas marcações que o Professor Burke havia descoberto. Suas características eram indistintas demais para fornecer uma imagem clara. Quanto aos hieróglifos, a ciência agora tinha certeza de que eles continham cálculos matemáticos.

Os bolômetros mostraram que a temperatura da lua não era tão baixa quanto se estimava, e que sua superfície refletia uma quantidade considerável do calor do sol — cerca de um quatrocentos milésimo. Se esse fato era ocasionado pela proximidade do globo com a Terra, era uma questão de conjectura. Durante a noite estígia da lua, no entanto, a temperatura caía para quase cento e cinquenta graus abaixo de zero, mas isso não era tão frio quanto a ciência havia estimado.

Os professores Sherard e Burke, em seu observatório aquecido por energia atômica, passavam quase todos os minutos disponíveis estudando o satélite, e Mildred Reamer estava bastante enlevada. Os três ponderaram longamente sobre os hieróglifos no Monte Hadley, buscando uma pista para decifrá-los, que Ernest acreditava estar nos arranjos matemáticos.

“Gostaria de saber o significado deles, mesmo nesta fase tardia da vida do mundo,” ele disse a Mildred uma noite. “Acredito que são registros deixados por uma raça moribunda. E aquela figura estranha lá em cima deve ser de um deus lunar. Eu me pergunto por que não pude vê-la antes que a Grande Mudança ocorresse. Talvez porque seus contornos não são tão

aparentes quanto os dos hieróglifos. Mas agora eu poderia jurar que ela tem dois grandes olhos cintilantes. É estranho, no entanto, que nenhum outro sinal de civilização lunar possa ser detectado. Os homens da Lua devem ter vivido em casas de algum tipo e construído templos para suas divindades. Parece que tais estruturas ainda deveriam estar em um estado razoável de preservação, devido à ausência de ar.”

“Bem, se tais ruínas existem, elas devem estar no outro lado da lua”, disse Mildred enquanto tirava os olhos do refletor. “E claro, isso não é provável, pois a temperatura do outro lado deve ser inconcebivelmente baixa. O outro lado da lua! Como eu gostaria de explorá-lo! E algo me diz que eu vou, algum dia. A lua sempre me chamou, e agora, quando está tão próxima que parece que eu poderia alcançá-la e tocá-la, sinto-me tentada a estender as mãos e clamar por ela, como dizem que eu fazia quando era bebê. Parece estar me atraindo para ela, assim como está puxando as marés. Eu me pergunto por que.”

“Porque você ainda é minha Garota da Lua”, Ernest riu. E então, ternamente: “Seu desejo pode ser realizado, afinal. Deixe-me contar-lhe um segredo. Estou planejando zarpar para a lua quando a vida neste globo não for mais possível, e acho que a viagem pode ser feita. Claro que você irá comigo — você e o Professor Burke.”

Mildred olhou para ele com olhos abertos de espanto. Excitação e antecipação brilhavam neles quando ela encontrou voz:

“Maravilhoso! Você realmente quer dizer isso, Ernest? Diga-me como você pretende fazer a viagem.”

“Olhe para o refletor novamente,” ele respondeu. “Agora, estude as sombras dos Apeninos de perto e me diga o que vê.”

“Suas bordas não são mais duras e negras,” ela disse após um minuto de observação. “Elas são muito menos distintas do que eram uma semana atrás. O que isso significa?”

“Isso significa,” respondeu Ernest lentamente, “que existe ar na lua — a lua está respirando, finalmente.”

“E como você explica isso?”

“Já notamos que nossa atmosfera está se atenuando. O próprio ar está lutando para respirar. Em minha opinião, há apenas uma resposta: ele está sendo sugado para a lua!”

CAPÍTULO XI – Vamos Embora

TRÊS DIAS DEPOIS, o Professor Sherard fez uma descoberta ainda mais surpreendente.

A lua estava desacelerando!

Cálculos trigonométricos mostraram que o sinistro satélite agora se aproximava da Terra a uma taxa de 7.157 quilômetros em vinte e quatro horas — quase trezentos a menos do que sua velocidade uma semana antes.

Ernest Sherard imediatamente transmitiu essa informação para os observatórios restantes e as estações de rádio das pessoas que viviam nos penhascos. A descoberta foi confirmada de imediato por outros astrônomos, incluindo o Professor Josephus Sayre, de Yerkes. “Eu o parabenizo,” a voz do Professor Sayre ecoou no ar. “Você fez todas as descobertas importantes desde que Burke descobriu a Grande Mudança. Mas eu estou na trilha de algo grande também. O que está acontecendo com as sombras na lua?”



No dia seguinte, o Professor Sherard transmitiu suas últimas palavras ao mundo. Era a mensagem da última esperança, um chamado para a migração à lua.

“Que todos os ato-liners e ato-planos sejam preparados imediatamente e todas as máquinas abertas sejam revestidas para suportar o frio do espaço,” ele instou. “A lua oferece o único refúgio, se algum dos habitantes da Terra pretende sobreviver.”

“A lua está apenas a cento e seis mil quilômetros de distância,” ele continuou. “Dentro de uma semana normal, ela estará a não menos de oitenta mil, apesar de sua progressão retardada. Então, as marés saltarão mais alto que nossos picos mais altos, muitos dos quais serão destruídos por terremotos ou submersos pela inundação.

“Durante as últimas duas semanas normais, a Terra perdeu aproximadamente um oitavo de sua atmosfera. Inexplicavelmente, o ar está sendo sugado para a lua. Dentro de mais duas semanas, o satélite deve ter ar suficiente para sustentar a vida humana.

“A lua desacelerou cerca de trezentos quilômetros por dia. Sua velocidade diminuirá constantemente até parar completamente, pairando no espaço. No entanto, é provável que esse período de pausa não ocorra até que esteja a menos de quarenta mil quilômetros. Ela então começará a recuar, repetindo sua jornada de milhões de anos atrás.

“E a lua recuará pelo mesmo motivo que o fez em tempos remotos. As marés terão sua vingança novamente.

“A força terrível das marés, arrancadas de seus leitos pela própria lua, está contrabalançando a atração do magnetismo atômico da Terra. E há razão para acreditar que o magnetismo está desaparecendo — provavelmente sendo levado para o espaço junto com a atmosfera terrestre, embora possa ser que esse agente, que causou a Grande Mudança, esteja sendo dissipado naturalmente. Descobertas recentes indicam que o magnetismo é menos potente na água do que na terra. Se isso for verdade, é provável que desapareça completamente depois que toda a Terra estiver submersa.

“Quando a lua atingir uma proximidade de cerca de quarenta mil quilômetros, uma nova era glacial terá realmente começado na Terra. Embora nosso globo possa se tornar uma bola de gelo como os distantes planetas Netuno e Urano, é possível que a fúria das marés impeça as águas de congelarem como um todo. No entanto, haverá icebergs rivalizando em tamanho com o Monte Everest. Além disso, o planeta, perplexo e sobrecarregado, estará à beira de se partir ao meio devido à força centrífuga, que já se manifesta em terremotos cataclísmicos. Mas o mundo sobreviverá por causa de sua densidade. Se fosse uma massa derretida, como nos dias em que deu origem à lua, é provável que tivesse fornecido ao seu filho um satélite irmão.

“Se a lua recuará tão rápido quanto se aproximou da Terra é uma questão de conjectura. A ciência popularmente acredita que a esfera deixou a Terra de forma muito hesitante, e que as marés levaram incontáveis milhões de anos para afastá-la até a distância que havia alcançado antes da Grande Mudança. Mas há outra teoria que tem ganhado terreno, e da veracidade dela depende a possibilidade de qualquer habitante da Terra retornar, caso chegue

ao satélite. Esta é a teoria de Barton, pensada duas décadas atrás. Ela sustenta que a lua, quando deixou a Terra pela primeira vez, se afastou rapidamente a uma taxa de vários milhares de quilômetros por dia, sua velocidade diminuindo gradualmente à medida que a reação das marés diminuía até que, quando havia percorrido cerca de duzentos e quarenta mil quilômetros, sua própria gravidade quase contrabalanceou as marés recalitrantes, e que então quase parou, seu afastamento posterior sendo uma questão de milhões de anos. Barton também acreditava que a lua então tinha uma boa atmosfera, perdendo-a por graus imperceptíveis à medida que recuava.

“Nunca fui defensor dessa teoria, mas espero que seja verdade, afinal. Com a lua a duzentos e quarenta mil quilômetros de distância, a vida na Terra seria possível, e talvez os terráqueos que conseguiram chegar ao satélite possam então retornar. Mas, se a versão aceita da história da lua estiver correta, o retorno seria impossível, porque a Terra continuaria sua rotação vertiginosa e ficaria escondida sob um mar gelado por milhões de anos.

“Há todas as razões para acreditar que a lua em breve será habitável. A presença de ar foi estabelecida sem dúvida, e mais da nossa atmosfera se acumulará nela à medida que avança. Seu clima está se tornando mais quente a cada dia como resultado de sua atmosfera reter cada vez mais o calor do sol. Variações imensas de temperatura são esperadas, no entanto, devido aos seus longos períodos de luz e escuridão, mas os extremos não serão tão pronunciados quanto eram antes, pois seus dias e noites se encurtaram de acordo com o estreitamento de sua órbita.

“Estou confiante de que nossos ato-planos terão pouca dificuldade em alcançar a lua, mas não serão capazes de atingir nada parecido com sua velocidade terrestre, devido à rarefação do ar no espaço entre os dois corpos. Seria insensato, é claro, tentar o voo em qualquer coisa que não fosse aviões revestidos, e essas máquinas devem ser abastecidas com uma abundância de ato-calor. Não podemos esperar encontrar comida na lua, e a ausência de água deve ser antecipada, embora seja muito provável que o satélite tenha nuvens e chuva quando sua atmosfera se tornar mais densa. Além disso, deve-se fornecer uma reserva de oxigênio para emergências, e seria bom que cada avião levasse um pequeno rádio.

“Que cada avião armazene o máximo de comida condensada e o máximo de água possível, e cada passageiro esteja equipado com as roupas mais pesadas disponíveis. Também pode ser aconselhável levar sementes de algumas das nossas plantas alimentícias mais resistentes.

“A viagem à lua oferece a única esperança, por menor que seja, e deve ser tentada o mais cedo possível. Não é certo, é claro, que um único terráqueo esteja destinado a pousar no

satélite e que, mesmo que a viagem seja realizada, todos não pereçam lá em cima. Mas é melhor morrer em uma última tentativa desesperada do que aguardar passivamente a extinção neste planeta.

“Vamos desafiar a Grande Mudança em sua pior forma. Vamos embora.”

CAPÍTULO XII – A Última Resistência da Humanidade

O RÁDIO TRANSMITIU as palavras do Professor Sherard para menos de setenta e cinco mil pessoas, embora tenha chegado a quase todos os ouvidos do globo. Dos habitantes da Terra, todos haviam perecido, exceto as pessoas nos picos e um punhado nos observatórios.

Das centenas de milhares de almas desamparadas que ficaram presas nas montanhas mais baixas após demorarem demais nas planícies, não restou nenhum vestígio. Até mesmo a cidade de Denver não existia mais.

E misericordiosas foram as marés que varreram os últimos deles — mais misericordiosas do que o frio impiedoso que matava lentamente e terrivelmente, mais compassivas do que o terror mudo que apagava suas mentes, mais clementes do que a fome desumana que os levava, nos últimos dias de sua terrível agonia, a matar e devorar seus próprios semelhantes.

Privados do último traço de sanidade e alma, reduzidos a um estado atávico abaixo do nível da besta mais abismal, essas últimas vítimas da Grande Mudança haviam quase desaparecido antes que as águas os engolissem. A dezenas de milhares, foram abatidos pelo frio e pela fome. E foi nos últimos dias que o homem, sempre um carnívoro, regrediu ao canibalismo — mas o homem era menos que homem nesse tempo sombrio. Criaturas que rastejam de quatro e balbuciam e uivam não são humanas; tampouco o homem que dilacera com dentes e garras e enxerga através de olhos vermelho-esverdeados.

E ao final, quando a lua monstruosa e horrível estava quase sobre eles e as marés diabólicas os atacavam por baixo, o remanescente desses penúltimos sobreviventes eram como lobos enlouquecidos. Quadrúpedes e verdadeiramente lupinos, eles uivavam suas ululações infernais para os céus até que os mares misericordiosos subiram e afogaram suas lamentações.

Muitos dos moradores dos penhascos mais afortunados testemunharam, através de seus telescópios, a transição terrível de homem para besta encenada nas colinas cercadas pelo mar abaixo, mas o frio mortal que os mantinha em suas cavernas nos últimos momentos os

impediu de ver o final grotesco. No entanto, os gritos dos ghouls humanos subiram até suas habitações acima do rugido das marés e dos ventos, partindo seus ouvidos com blasfêmias vindas do próprio Abismo.

Centenas dos próprios habitantes dos picos haviam sucumbido ao frio intenso que, penetrando em seus refúgios pelas aberturas de ventilação, desafiava seu aquecimento atômico. Foi necessário ampliar as entradas entupidas de gelo à medida que o ar tornava-se rarefeito. E então, quando o entorpecimento os acorrentava, o gelo quase os selou em suas celas. A maioria, no entanto, sobreviveu, somando cerca de sessenta e cinco mil pessoas. Os outros dez mil sobreviventes eram astrônomos e cientistas que haviam combatido com sucesso o frio que invadia seus observatórios, graças a uma abundância de aquecimento atômico, e refugiados que haviam sido acolhidos ali nos primeiros dias da Grande Mudança.

Os habitantes dos penhascos, ao receberem a última mensagem do Professor Sherard, não perderam tempo em se preparar para o voo lunar. A maioria de seus aviões atômicos e os poucos e grandes ato-liners haviam sido mantidos prontos nos túneis das montanhas, mas a maioria das máquinas menores precisou ser revestida e todas tiveram que ser equipadas com poderosos aparelhos de aquecimento atômico.

Com esses arranjos concluídos, o problema de armazenar cada centímetro disponível de tonelagem com alimentos condensados, roupas quentes, cobertores e similares foi abordado. A comida de alguns refugiados havia se esgotado, e a maneira como os mais afortunados dividiram suas rações e outros bens terrenos com os necessitados foi, de fato, um comentário eloquente sobre o espírito de fraternidade universal que estava surgindo quando a Grande Mudança ocorreu.

E os homens encontraram espaço em muitos cantos e recantos de suas cargas rumo à lua para guardar as preciosas bugigangas de feminilidade e para atender à voz suplicante da infância: “Papai, por favor, coloque minha boneca ali.”

Mas o teste supremo não veio até que os aviões estivessem prontos para decolar.

Com os refugiados que haviam chegado aos picos sem o auxílio de aviões atômicos e a necessidade de encher as máquinas com itens indispensáveis, não havia aviões suficientes para acomodar todos os sobreviventes, apesar da redução em suas fileiras.

Foi então que o homem mostrou ser verdadeiramente humano, rompendo completamente os laços que o ligavam ao lodo siluriano e provando seu parentesco com as estrelas.

Foi então que jovens e idosos, fracos e fortes, e todos aqueles cuja partida seria uma perda apenas para si mesmos, se ofereceram para ficar para trás e rir da morte, para que marido e mulher, irmão e irmã e todos os laços de parentesco pudessem viver mais um dia.

E o sacrifício foi feito sem esperança de recompensa — foi feito nas Montanhas Rochosas, nos épicos Alpes, nos desafiantes Himalaias, nos majestosos Andes e em todas as outras cristas do mundo onde o homem havia encontrado um santuário temporário.

Então veio a espera pelo momento em que poderiam arriscar o caminho aéreo entre a Terra e a Lua. E se o momento não chegasse logo, suas preparações seriam em vão, pois mares monstruosos já estavam agitando-se ao redor dos picos, e icebergs quase tão vastos quanto as próprias montanhas estavam vagando nas profundezas. Os terremotos estavam aumentando em intensidade e frequência até que as grandes colinas gemiam em um acompanhamento doloroso à rotação tortuosa da Terra.

E os destroços que flutuavam naquele grande dilúvio eram os escombros de um mundo, os detritos de uma civilização cujas casas e templos orgulhosos haviam desmoronado como cascas de ovo quando os mares os destruíram pela primeira vez.

CAPÍTULO XIII – Adeus, Mundo

“VAMOS SER OS PRIMEIROS a tentar a jornada”, Mildred Reamer havia sugerido a Ernest Sherard logo após ele ter transmitido sua última mensagem. “Chamaremos seu avião de ‘O Pioneiro’. ‘O Primeiro Homem e Mulher na Lua’ — não seria romântico?”

“Sim”, Ernest concordou, “mas ‘O Último Homem e Mulher na Terra’ não seria igualmente emocionante? No entanto, decidi que seremos os primeiros, se possível. Vou informar o Professor Burke sobre nossos planos.”

A atmosfera da Terra foi ficando cada vez mais rarefeita, as sombras na lua tornaram-se menos e menos distintas, e finalmente Ernest decidiu que o caminho aéreo estava seguro o suficiente. Chegou a hora de partir. Seu avião, posicionado em uma plataforma sob a cúpula do observatório, aguardava apenas a partida dos motores e a abertura das portas da cúpula, operadas eletricamente.

Nenhum medo tomava os corações do trio que estava prestes a embarcar na aventura mais arriscada já empreendida. Ernest Sherard, embora estranhamente preocupado, estava tão calmo como se estivesse apenas preparando-se para pilotar o avião até Los Angeles ou Seattle, como nos velhos tempos. Mildred Reamer estava entusiasmada, quase impaciente. O Professor Burke parecia completamente indiferente, exceto pela questão de saber se o avião

teria quartos confortáveis para dormir. Uma corrente de emoção agitava Ernest e Mildred, é verdade, mas eles não seriam humanos se não reagissem de alguma forma à seriedade da ocasião, a mais importante de suas vidas. Eles estavam se preparando para desafiar os próprios céus, para arriscar tudo. Nascidos no planeta Terra, eram tão parte dele quanto as colinas e os mares, e seu amor por ela era mais forte do que haviam percebido. Em algum lugar em suas mentes, pulsava o pensamento de que estavam cometendo um sacrilégio ao não se resignarem ao destino comum. Eles estavam nostálgicos em sua última hora no globo, mas o pensamento dos perigos que estavam prestes a enfrentar os animava em vez de deprimí-los. O Desconhecido os atraía em vez de repelir. Eles não tinham medo.

Esses sentimentos agitaram Ernest enquanto ele estava na janela do observatório, olhando para as águas turbulentas e os icebergs flutuantes, e depois para a lua turva.

“Somos como emigrantes prestes a embarcar para uma terra distante e estranha, exceto que o emigrante tem uma razoável certeza de que pode voltar à sua terra natal algum dia,” disse ele a Mildred. “Seu próprio país sempre parece o mais bonito para você na hora da partida, e você se dá conta de um desejo de ficar, mesmo que ficar signifique opressão. Permanecer neste planeta mais uma semana significaria morte certa, e ainda assim reluto em partir — não porque estou com medo, mas porque o apego ao planeta parece mais forte em sua hora mais sombria. Mas precisamos partir, e estou feliz que na próxima hora começaremos a jornada.”

“E eu também gostaria de ficar se houvesse a menor chance de sobrevivermos”, refletiu Mildred. “A Terra é mais bonita para mim agora do que nunca. A natureza sempre me atraiu mais em seus momentos mais violentos. Sempre amei uma tempestade no mar. E agora, quando toda a Terra é um oceano furioso, sua terrível grandeza parece me convidar a ficar e fazer parte dessa loucura estranha. Mas o chamado da lua é mais forte. Meu sonho está prestes a se realizar, e estou ansiosa para começar a grande aventura. Tenho certeza de que teremos sucesso. Quanto tempo levará para chegarmos lá?”

“Provavelmente não mais que setenta horas”, Ernest informou-a. “A lua está agora a cerca de cinquenta e oito mil milhas de distância. A velocidade máxima de nosso avião é de duas mil milhas por hora, mas devido à rarefação do ar no caminho, dificilmente conseguiremos mais que oitocentas milhas por hora. O Professor Burke e eu teremos que nos revezar como pilotos, para que cada um possa dormir um pouco, pois quando a atração da lua se tornar maior que a da Terra, nosso avião começará a descer em vez de subir, e uma mão firme deve estar no comando para guiá-lo até a lua. Partindo agora, acredito que chegaremos

ao satélite durante seu período diurno, o que seria uma grande vantagem para um pouso bem-sucedido.”

“E teremos que ficar confinados no avião durante as longas noites lunares?” perguntou Mildred.

“Sim, por um curto período, pelo menos”, respondeu Ernest. “É provável que dentro de alguns dias a lua tenha atmosfera suficiente para reter uma boa parte do calor do sol durante suas noites, mas no início teremos que ficar em nossa nave com o aquecimento no máximo e a ventilação no mínimo. É provável que tenhamos que usar nossos tanques de oxigênio nos primeiros dois ou três dias.”

“Essas longas noites lunares serão perfeitas,” interveio o Professor Burke, que acabava de entrar na sala. “Talvez eu consiga compensar o sono que venho perdendo há vários meses. Quase sinto pena que as noites na lua não sejam tão longas quanto costumavam ser.”

“Está pronto para a decolagem, Professor?” perguntou Ernest.

“Bem, suponho que nenhum momento seja tão bom quanto outro — e talvez esse seja o melhor,” respondeu ele melancolicamente. “A lua não pode ser pior do que este velho mundo, e não derramarei lágrimas ao partir. A vida aqui é apenas um sonho, de qualquer forma, e a lua não pode ter ilusões. Eu estava começando a esperar, no entanto, que vocês se esquecessem de me levar e, se aquela velha luz traseira que você chama de lua não parar, então que ela colidida com a Terra com um estrondo tão grande que a afundaria direto para o inferno, onde ela pertence.”

“O que é esse pacote debaixo do seu braço, Professor — sua cópia de Schopenhauer?” perguntou Mildred, escondendo um sorriso.

“Sim — alguns livros e um bom suprimento de tabaco e outras sementes,” respondeu ele entre tragadas em seu inevitável cachimbo. “Aposto que serei o primeiro terráqueo com previsão para tal, e antes que percebamos, estarão vindo até mim de joelhos para conseguir a erva — isso se realmente chegarmos à lua, se houver chuva nela, e se o tabaco crescer lá em cima — e se eu não perder a maldita semente. Lembre-me disso quando chegarmos à lua, sim?”

“Você tem certeza de que colocou tudo o que precisamos no avião?” Mildred perguntou, voltando-se para Ernest.

“Exceto uma das coisas mais importantes de todas — um telescópio. Acho que podemos encontrar espaço para o pequeno telescópio que usei quando meu observatório estava no sótão da sua mãe — aquele que você costumava chamar de ‘grande canhão’. Vou buscá-lo agora.”

Dez minutos depois, estavam prontos para partir. As grandes portas do observatório estavam abertas, deixando entrar uma rajada de ar mortal. Ernest ligou os potentes motores. Eles partiram.

“Adeus, querida Terra!” exclamou Mildred.

“Adeus, vil macrocosmo!” resmungou o Professor Burke.

CAPÍTULO XIV – A Argos Aérea

CONTINUEM — CONTINUEM — CONTINUEM para encontrar a lua.

Era cedo pela manhã quando Ernest Sherard e seus companheiros deixaram a Terra — o nascer do sol, com a escuridão a menos de seis horas de distância.

Mildred e o Professor Burke, sentados na parte de trás do ato-plano, tinham uma vista maravilhosa do mundo que estavam deixando. Ernest, pilotando, não podia ver nada disso.

Olhando pela pequena janela de observação, Mildred e seu peculiar companheiro viram a Terra aparentemente se afastando da nave. Essa sensação de estar parado enquanto subia não era nova para eles, entretanto.

A uma distância de vinte milhas, a ilusão da concavidade do planeta era perfeita. O globo parecia mais uma tigela do que um prato — uma tigela imensurável que continha uma massa turbulenta, pois o movimento das águas ainda era discernível. Aqui e ali surgiam os topos brancos de montanhas e icebergs, estes últimos distinguíveis pelo seu movimento e brilho. Reluzindo com as cores primordiais como Titãs, diamantes multifacetados, sua radiância subia aos céus como um arco-íris esticado por um deus, e entre os feixes brilhantes e cambiantes podia-se ver, muito abaixo, o fundo verde escuro dos mares ondulantes. Mildred estava extasiada, e através do tubo de comunicação gritou uma descrição parcial para Ernest. O Professor Burke deu pouca atenção ao espetáculo. “Eu já imaginava que seria assim,” foi seu comentário insensível.

Com cem milhas percorridas, a Terra parecia plana e mais escura. O jogo da luz do sol sobre os icebergs era apenas visível de maneira tênue, mas não menos belo em sua bruxaria atenuada de tons misturados.

Foi nesse ponto da viagem que Ernest Sherard deu um grito de exultação. “Eu estava certo!” ele gritou. “Estamos a cem milhas da Terra e o ar é tão denso quanto quando começamos. A lua é nossa!”

O Professor Burke não ouviu o júbilo de Ernest. O descobridor da Grande Mudança estava profundamente adormecido.

O cálculo de Ernest quanto à velocidade retardada do avião provou estar quase correto. Com os motores a toda velocidade, o velocímetro mostrava quase oitocentas milhas por hora.

Mildred observou o planeta se afastando e diminuindo enquanto ainda havia um raio de luz. A uma distância de duas mil e quinhentas milhas, a Terra foi vista em sua convexidade natural, e se elevava como uma vasta extensão de opala e safira. E meia hora depois, no brilho vermelho do pôr do sol, parecia uma joia no anel do Cosmos, uma fusão indescritivelmente bela de topázio e heliotrópio.

Então veio a noite púrpura e o planeta Terra foi envolto em escuridão, exceto pela luz refletida fracamente pela lua, que o revelava como um disco de verde cintilante e ouro manchado, cuja colossal massa, como um mar fracamente fosforescente suspenso no espaço, quase preenchia a cena abaixo.

Enquanto Mildred absorvia a beleza da cena, Ernest a chamou.

“Venha para frente e olhe as estrelas,” ele disse. “Você não pode vê-las bem daí de trás.”

Olhando por sobre o ombro dele, através do escudo de vidro, a garota contemplou um panorama de esplendor celestial que a encantou, deixando-a paralisada em um êxtase silencioso. Diretamente à sua frente estava o grande rosto da lua polida, seu rosto cheio de cratera, mais vívido do que ela jamais vira a olho nu. E de ambos os lados, acima e abaixo, estendia-se um deserto de pontos de luz deslumbrantes contra um fundo estígio.

“As estrelas!” ela gritou finalmente. “Eu não imaginava que seriam tão brilhantes. Pensei que o ar ao nosso redor as ofuscaria, como na Terra.”

“E eu também até pouco tempo atrás,” disse Ernest. “Você não adivinha o que esse brilho significa?”

“Não acredito que eu descubra o motivo,” ela respondeu depois de um minuto ponderando. “Por favor, me diga.”

“Significa que estamos a apenas uma curta distância do éter do espaço — que o caminho aéreo está se afunilando em direção ao centro, como se estivesse viajando por um funil afilado tão grande quanto a Terra em uma extremidade e tão grande quanto a lua na outra. A parte mais estreita estará muito mais perto da lua do que da Terra, é claro, porque a lua é o corpo menor. Se isso significa que o ar se tornará mais denso ou mais rarefeito à medida que o funil se afunila, ainda nos resta ver, mas acredito que será mais denso e que nossa velocidade aumentará até passarmos pelo ‘pescoço’. Agora estamos a oitocentas milhas por hora.”

“E o que acontece se sairmos do caminho invisível à medida que ele se afunila?” Mildred perguntou ansiosamente.

“Seria o fim da nossa aventura. Nossa nave poderia cair de volta ao ar, mas haveria pouco tempo para corrigir, e cairíamos de volta à Terra como uma pedra. Temo que esse será o destino de muitos que vierem depois de nós — aqueles que não souberem que o brilho das estrelas pressagia perigo à frente. É por isso que estou apontando O Pioneiro diretamente para o centro da lua.

“Quando o Professor Burke assumirá o controle?”

“Assim que ele acordar. Quero estar no comando quando alcançarmos a zona de perigo, e devo tentar dormir um pouco enquanto isso. Ele ainda está dormindo, suponho.”

“Ele está roncando. Ele perdeu quase toda a beleza — disse que sabia que haveria cartazes para estragar o ‘cenário’ se ele quisesse olhar.”

Eles retomaram a observação das estrelas, suas reflexões sobre a lua.

“Olhe para Marte!” Mildred gritou ao avistar o planeta vermelho distante no espaço. “Parece uma pequena lua!”

“Sim, e os planetas parecerão muito maiores à medida que nos aproximarmos das paredes do éter. Será um espetáculo para emocionar até o Professor Burke — se ele acordar a tempo.”

“O Professor é um enigma até para si mesmo, eu acho,” Mildred comentou. “Como alguém pode dormir em um momento como este? Nunca me senti tão acordada, tão viva. Sinto que não serei capaz de dormir até que a lua seja nossa. Ficarei acordada até a próxima escuridão, pelo menos.”

“Não haverá tanta escuridão depois de um tempo,” Ernest lembrou. “A noite que nos cerca agora é causada pela sombra da Terra, e logo estaremos tão longe no espaço que a sombra não cruzará mais nosso caminho, exceto quando o planeta estiver diretamente entre nós e o sol.”

“E então veremos a sombra como um eclipse lunar!” Mildred rejubilou. “Nossa viagem é tão maravilhosa que estou quase triste que ela precise terminar. Olhe para Orion ali! Parece que posso quase contar as estrelas em sua configuração.”

Eles continuaram a jornada, o zumbido dos motores se tornando mais alto a cada hora, indicando que o ar estava se tornando mais denso. E para Mildred, a canção dos motores parecia ser:

“Fomos os primeiros a estourar naquele mar silencioso.”

CAPÍTULO XV – Fim da Jornada

A JORNADA estava mais da metade concluída. A lua estava a apenas vinte e cinco mil milhas de distância. O Professor Burke havia acordado de seu sono apenas o tempo suficiente para atuar como piloto por oito horas e depois voltou a dormir. Mildred havia se retirado para sua cabine para seu primeiro sono desde que deixou a Terra. Ernest Sherard, certo de que estavam se aproximando do ponto de maior perigo, estava apontando O Pioneiro diretamente para a pequena cratera de Reaumur, uma cavidade central na face crivada do satélite. Ele deveria chamar Mildred quando estivessem perto da parte mais estreita da estrada invisível, cujas margens estariam a apenas alguns quilômetros de distância, para que ela pudesse ver as estrelas e planetas em seu brilho máximo, e a glória da coroa solar.

O Professor Burke não demonstrou nenhum sinal de emoção ao ver as estrelas do cockpit, mas mesmo que tivesse sido elevado ao sétimo céu de êxtase, ele não admitiria. Ele considerava a demonstração de emoções — exceto o ímpeto militante — como uma publicidade de instabilidade temperamental, assim como ele considerava um sinal de fraqueza mental concordar plenamente com alguém. No entanto, ele admitiu que o panorama era de uma beleza transcendente, mas afirmou que não via nada de maravilhoso nisso. “Esperávamos que fosse assim, sabe,” disse ele a Mildred. “Conhecemos a causa, e seria maravilhoso apenas se a causa falhasse em produzir o efeito.”

Quando Ernest retomou o comando, o avião estava a mil milhas por hora. Dentro de três horas, o indicador estava chegando a mil e quatrocentas. Foi então que Ernest chamou Mildred.

“Estamos nos aproximando do estágio crucial,” ele informou. “O ar está quase tão denso quanto costumava ser na Terra, e acredito que ficará ainda mais denso no ponto mais estreito, caso em que nosso avião excederá qualquer velocidade que já tenha atingido.”

“Quão longe estamos da lua?”

“Pouco mais de vinte e quatro mil milhas. Mais vinte e quatro horas devem concluir nossa jornada, pois acredito que manteremos uma média de cerca de mil milhas por hora pelo restante do caminho. Provavelmente atingiremos uma média de duas mil e quinhentas quando estivermos no gargalo do ar, e mais de mil por várias horas. E então, quando o ar estiver novamente tão rarefeito que nossa velocidade diminua consideravelmente, provavelmente teremos alcançado um ponto em que a atração da lua será maior que a da Terra. Isso nos obrigará a retardar nosso avião — como acionar os freios de um automóvel ao descer uma colina. Teremos então que descer em espiral até a superfície lunar.”

“Isso significa que teremos que descer em espiral por milhares de milhas, não é?”

“Sim, acho que oito ou nove mil milhas. Calculo que estaremos bem próximos da lua quando ocorrer a mudança gravitacional. Devemos lembrar que Luna também tem avançado para nos encontrar, embora sua velocidade tenha sido muito reduzida desde que deixamos a Terra. As duas esferas então estavam separadas por aproximadamente cinquenta e oito mil milhas. Nós percorremos não mais que vinte e nove mil, mas a lua, apesar de sua desaceleração, avançou cerca de cinco mil durante esse tempo. Isso nos coloca a menos de vinte e quatro mil milhas, e na próxima hora ou mais devemos estar entrando num cinturão de ar mais espesso.”

“Acho que já estamos entrando nele agora,” disse Mildred. “Os planetas estão quase tão brilhantes quanto pequenos sóis, e tenho certeza de que posso ver um leve brilho da coroa solar. Vou voltar para olhar a Terra novamente e vou acordar o Professor Burke para que possamos ver o sol flamejante juntos. Suponho que ele vai resmungar por ser acordado, mas já o ouvi dizer muitas vezes que gostaria de estar onde pudesse ver a coroa sem esperar por um eclipse. No entanto, não tenho esperança de que o espetáculo corresponda às suas expectativas. Ele certamente encontrará algo de errado com isso.”

Não era nem noite nem dia a vinte e quatro mil milhas no espaço. Um crepúsculo fantasmagórico, diferente de qualquer um que os terráqueos já tenham visto, preenchia o caminho aéreo — um crepúsculo que sugeria um verde. Mildred notou pela primeira vez o estranho entardecer a vários milhares de milhas atrás e chamou a atenção de Ernest para isso, e ele disse a ela que provavelmente descobriria a causa na próxima vez que olhasse pela janela de observação traseira.

Um olhar através do vidro resolveu o mistério para Mildred. “Eureka!” exclamou ela, sua voz exaltando-se pelo tubo de comunicação. “É a luz da Terra, Ernest. Nosso mundo agora é uma grande bola de verde cintilante. Sua radiância parece fosforescente. Todo o globo é visível, mas acho que vejo a sombra da noite começando a invadir um lado dele — o lado leste, eu diria, mas perdi todo o senso de direção aqui em cima. Se a Terra não estivesse coberta de gelo e água, tenho certeza de que poderia ver os continentes em baixo-relevo. Gostaria que você pudesse ver isso, Ernest. É mais bonito do que jamais imaginei que poderia ser.”

“Bem, isso confirma a teoria científica popular sobre a cor planetária da Terra,” respondeu Ernest. “Pessoalmente, no entanto, acreditava que sua luminosidade, vista de longe, poderia ser azul, assim como verde. O Professor Burke sempre insistiu que a Terra era um planeta amarelo. Eu me pergunto o que ele dirá sobre isso agora.”

“Ele já disse,” Mildred riu. “Encontrei-o olhando para a Terra quando fui acordá-lo, e sua única observação foi que ele acabara de fazer a descoberta surpreendente de que a Terra, não a Lua, era feita de queijo verde.”

“Sim, e ainda assim eu insisto que é amarela, se vista de uma distância suficiente,” a voz de Burke triunfou atrás deles. “Desprove isso se puder. E também afirmo que essa sua lua bonitinha provavelmente começará a girar em seu eixo em breve, embora eu não ache que Ernest tenha mencionado essa fase da situação.”

Mildred continuou a observar o globo até que uma franja negra subiu sobre sua borda e apagou um quarto dele. Foi então que ela viu pela primeira vez, uma Terra gibosa. O planeta estava girando tão rapidamente que ela pôde ver o movimento da sombra através de sua face. Ela contou isso a Ernest, e o jovem lunário supôs que o mundo estava girando em pouco menos de cinco horas.

“E é certo que as ondas conquistaram tudo, exceto os picos mais altos,” ele acrescentou. “Me pergunto se ainda há uma faísca de vida. A temperatura deve estar quase tão baixa quanto aqui em cima. Vamos torcer para que todos os aviões já tenham deixado o planeta. Alguns deles podem estar apenas a alguns milhares de milhas atrás de nós.”

“Quão frio está lá fora?” perguntou Mildred.

“Cerca de noventa graus abaixo de zero. As lâminas da hélice estão cobertas por duas polegadas de gelo. Estava cem abaixo de zero há alguns minutos, e a elevação é a prova de que o ar está ficando muito mais denso. Nossa nave está agora fazendo a velocidade sem precedentes de duas mil e trezentas milhas por hora, e acho que isso significa que estamos próximos ao nada exterior. Venha olhar o sol agora, Mildred, e traga o Professor com você.”

A próxima hora foi, para eles, o clímax da própria eternidade, a uma hora em que se concentrava toda a beleza e esplendor tecida da trama e urdidura da criação... A glória primitiva do universo resplandecente em uma infinidade de éter... Beleza inconcebível, inefável... Beleza tão requintada que cantava de dor... Beleza que subjugava, exigindo silêncio... Esplendor celestial não destinado aos olhos mortais... Esplendor que deslumbrava, cegava, apenas para dar uma nova visão... O sol com suas vestes vermelhas de chama esvoaçando quinhentas mil milhas no espaço... O balanço das Plêiades... O brilho nebuloso de Orion... Saturno, anelado e com muitas luas... Vênus azul, a filha mais bonita do sol... Marte vermelho, grande como uma lua sangrenta... A própria lua prodigiosa... E ao fundo, o Érebo do espaço irreverberado.

Depois de muitos minutos, a voz de Ernest rompeu o silêncio.

“É uma pena que não possamos ver esta sublimidade da lua,” disse ele. “Sua recém-adquirida atmosfera irá atenuar as estrelas e esconder a coroa. Podemos estar vendo sua verdadeira glória pela última vez, pois o caminho aéreo já está se alargando. E, a propósito, é melhor nos prepararmos para a mudança gravitacional. Vamos nos sentir leves como pássaros quando estivermos sob a influência da lua.”

Duas horas depois, eles estavam além do pálido estreito, o extravagante espetáculo dos céus desvanecendo-se atrás deles. A velocidade da sua argonauta aérea havia diminuído para mil e setecentas milhas por hora. Diante deles, a menos de vinte mil milhas, estavam as montanhas místicas da lua.

Era plena luz do dia em Luna, mas o brilho estava dando lugar a uma monocromia cinza. Ernest explicou que essa aparente contradição se devia ao fato de o brilho emprestado da Lua estar desaparecendo à medida que sua opacidade natural se tornava visível.

As montanhas eram apenas vagamente discerníveis na névoa cinza, e as crateras haviam desaparecido completamente. Ernest, no entanto, não previa grande perigo nesse aspecto, já que o caminho aéreo agora tinha várias centenas de milhas de largura, permitindo maior latitude na condução do avião. A cratera de Reaumur e outros marcos lunares reapareceriam, ele sabia, quando estivessem próximos o suficiente para serem distinguidos sem a ajuda da luz perdida.

Enquanto estudavam a escuridão lunar, outra transição ocorreu. Um círculo negro começou a avançar sobre a grande bola cinza, transformando-a em um globo de ébano. Era a sombra da Terra. Eles já haviam visto muitos eclipses desde a Grande Mudança, mas nenhum tão espetacular, tão bizarro quanto esse. Eles observaram até que a Lua foi totalmente obscurecida, e então até que a escuridão se afastou para o espaço, deixando Luna com sua estranha e pálida sobriedade.

Chegou a hora em que a atração da Lua era mais forte do que a da Terra. Os efeitos físicos da mudança não foram tão acentuados quanto eles esperavam. Eles perceberam pela primeira vez que estavam descendo em vez de estar subindo quando chegaram a cerca de nove mil milhas do destino e a Terra estava a aproximadamente quarenta e cinco mil milhas acima deles. Em pouco tempo, O Pioneiro estava descendo em círculos vastos, mas cada vez mais estreitos.

E então, com apenas três mil milhas restantes, eles puderam ver as cadeias de montanhas em alto relevo, enquanto as crateras apareciam como buracos de granada em algum antigo campo de batalha da Terra. A Lua agora tinha a cor de arenito cinza envelhecido.

Eles desceram até que as partes mais escuras do satélite assumiram a cor de ardósia. O processo de deslizar estava se tornando complicado devido à fraca atração da Lua, e Ernest teve que manter os motores em operação na maior parte do tempo. Desceram até ficarem abaixo do nível dos picos mais altos. Desceram até que as fendas e crateras se abrissem diante deles.

Em meio a uma nuvem de poeira lunar, eles pousaram em um trecho plano a cerca de uma milha de Reaumur.

CAPÍTULO XVI – O Poço de Reaumur

A JORNADA ÉPICA deles terminou, mas permanecia a possibilidade de que ela tivesse sido em vão.

O altímetro do Pioneiro indicava que a atmosfera da lua era tão densa quanto a que eles haviam deixado na Terra, e o termômetro revelava que a temperatura estava a vinte graus acima de zero, mas se as longas noites lunares trariam ou não o frio da morte era uma questão que só a escuridão poderia responder.

Realizadores da façanha mais perigosa que os mortais já tentaram, eles sentiram o surgimento do medo agora que a viagem estava terminada — o medo do desconhecido que era a herança da própria vida. A extensão do terreno lunar ao redor deles, grotesca e pouco convidativa, parecia sussurrar mistérios tão escuros quanto os Apeninos que se erguiam no horizonte distante. A razão lhes dizia que não havia nada a temer, mas a imaginação insinuava forças sutis e sinistras. Eles achavam difícil acreditar que estavam realmente na lua. A Grande Mudança, o voo pelo espaço e a própria lua agora pareciam um sonho fantástico.

Nenhuma palavra foi pronunciada por vários minutos. A voz aguda do Professor Burke foi a primeira a romper o silêncio lunar.

“Vamos sair daqui,” ele sugeriu. “Sinto como se estivesse vivendo em um daqueles antigos prédios de apartamentos de Nova York. Quero ver o que há dentro daquela pequena cratera ali.”

“E quem será o primeiro terráqueo a pisar na lua?” Ernest perguntou. “Se o Professor não se importar, proponho que Mildred tenha essa honra.”

“Claro,” Burke concordou. “Provavelmente recusaria a distinção mesmo se Mildred não estivesse aqui, pois me parece que qualquer momento é tão bom quanto outro para realizar o feito, senão melhor, considerando que o mundo nunca saberá disso.”

“Mas isso não é justo,” Mildred objetou. “Ernest dedicou quase toda a sua vida ao estudo lunar e foi seu conhecimento e iniciativa que nos trouxeram até aqui. Insisto que ele tenha a honra.”

Como um compromisso, ela e Ernest desceram do avião juntos, tocando o solo simultaneamente.

“O Primeiro Homem e Mulher na Lua!” Mildred exclamou jubilante. “Meu sonho finalmente se realizou!”

“Finalmente,” Ernest ecoou. “Você sabe que também era meu sonho.”

“E me pergunto se ainda não estamos sonhando,” Mildred maravilhou-se. “Sinto-me quase etérea desde que saí do avião. Parece que eu poderia realmente voar se tentasse. Claro, sei o porquê, e isso significa que devemos aprender a andar novamente. Agora, somos nada mais que bebês lunares.”

“Sim,” Ernest disse, “devemos aprender tudo de novo. A gravidade da lua é apenas um sexto da gravidade da Terra, e estaremos quase indefesos no início. Não sentimos a mudança tanto antes de pousarmos porque a nave estava em movimento. ‘Bebês lunares’ é a expressão certa. Vamos começar agora. Segure minha mão e vamos tentar um pequeno passo — apenas alguns centímetros. Vamos lá!”

Apesar da cautela, o primeiro passo deles os levou dois metros adiante, e eles teriam caído de cabeça se não fosse a fraqueza da atração da lua, que lhes permitiu recuperar o equilíbrio.

A próxima tentativa foi mais bem-sucedida, embora tenha sido mais um salto do que um passo. O terceiro esforço foi ainda mais encorajador e eles tinham certeza de que logo poderiam ajustar sua locomoção às exigências lunares.

“Esperem, eu vou mostrar a vocês como se locomover nesta superfície enganosa!”

O Professor Burke havia descido do avião. Eles se viraram para vê-lo agachado, pronto para um salto.

“Diga, o que você vai fazer?” Ernest gritou.

“Vou pular até aquela pequena cratera ali. Essa é a maneira de viajar aqui. Um bom salto me levará pelo menos sete metros.”

“Cuidado!”

O aviso chegou tarde demais. O corpulento professor já estava no ar. Seu salto o levou a mais de três metros de altura e ele deu uma cambalhota completa no meio do ar, caindo de forma desajeitada a seis metros do ponto de partida, meio enterrado no solo pulverulento.

“Primeiro erro que cometi este ano,” ele disse secamente, levantando-se e sacudindo a poeira das roupas. “Meus cálculos não incluíram uma ascensão dessas. Você deve admitir, no entanto, que a primeira metade do meu salto foi um grande sucesso.”

Em poucos minutos, ele já havia dominado parcialmente o passo curto que seus companheiros estavam usando e caminhava com dificuldade em direção à cratera, a cerca de cinquenta metros de distância. O poço não era mais que uma depressão, com paredes de cerca de um metro e vinte de altura.

Ernest e Mildred aguardavam seu retorno. Eles o viram chegar à cavidade após uma dura luta, espiar dentro dela e balançar a cabeça negativamente.

“E então, o que havia lá dentro?” Ernest perguntou quando ele voltou.

“Exatamente como eu pensei — nada além do interior, e não muito disso.”

“Aquela cratera não passa de um buraco insignificante em comparação com algumas das marcas na superfície da lua,” Ernest lembrou. “Imagino que Reaumur, ali adiante, será um objeto de estudo mais frutífero. Está a apenas um quilômetro, então sugiro que caminhemos até lá e investiguemos.”

“Por que caminhar?” Professor Burke perguntou bruscamente. “O avião nos levaria até lá num instante.”

“Sim, mas acho que a caminhada nos fará bem. Precisamos de algum exercício depois de tanto tempo confinados.”

“Bem, façam como quiserem. Eu vou ficar aqui até vocês voltarem. Quero examinar este solo e ver se ele poderia cultivar tabaco. Parece que contém prata.”

Ernest sorriu. “Acho que o Professor desconfia bastante de suas pernas,” ele sussurrou para Mildred enquanto começavam a caminhada.

Mas o solo lunar era realmente uma substância digna de estudo científico. Não se parecia com nenhum solo que eles conheciam na Terra. Da cor do sal e ainda mais finamente granulada, parecia ser uma mistura de rocha desintegrada, mármore pulverizado e sílica. Brilhava à luz do sol e cedia sob os pés como neve seca.

Essa última qualidade, sugerindo areia movediça, tendia a agravar o efeito da débil gravidade lunar, e Ernest e Mildred logo perceberam que caminhar era uma tarefa mais complicada do que seus primeiros esforços breves haviam indicado. Eles acharam necessário andar de mãos dadas na maior parte do caminho, e a jornada tediosa consumiu a maior parte de uma hora.

Mas a recompensa valeu o esforço. Ao se aproximarem das muralhas de Reaumur, que se erguiam a cerca de cento e vinte metros, fizeram a primeira descoberta surpreendente de sua exploração lunar.

Os misteriosos raios brancos que eles haviam visto através do telescópio foram explicados!

Convergindo para o poço de Reaumur de todas as direções como raios em direção a um centro, os raios não eram nada menos do que valas profundas, canais de água cavados pelos Homens da Lua há muito tempo. O propósito era óbvio; eles foram feitos para armazenar a água da chuva de um mundo em secagem, conduzindo-a para os reservatórios naturais das crateras através de pequenas aberturas perfuradas nas paredes. A maior parte dos canais estava coberta com a estranha areia, mas o suficiente era visível, na base das muralhas de Reaumur, para contar sua história. E quando Ernest, usando as mãos como uma pá, removeu parte da areia do fundo de uma das valas em um ponto a alguma distância da cratera, ele descobriu por que as trincheiras ao redor das crateras maiores pareciam brancas através do telescópio. As paredes inferiores e os fundos eram revestidos com um material que se assemelhava a mármore altamente polido!

As aberturas nas laterais da cratera eram pequenas demais, e as muralhas altas demais, para permitir a exploração do interior.

“Provavelmente, cada cratera de tamanho considerável conta a mesma história — a história de uma raça em extinção,” Ernest comentou enquanto ele e Mildred se preparavam para partir. Havia um toque de tristeza em sua voz. “Deve ter levado muitos anos — talvez séculos — para que os Homens da Lua convertessem as crateras em cisternas. A ciência acredita que os marcianos, em algum momento, se engajaram em um trabalho semelhante — cavando canais.”

“Mas por que,” Mildred perguntou, “os canais das principais crateras são brancos por milhas enquanto os de Reaumur estão quase escondidos pela areia?”

“A única suposição é que as crateras de Tycho, Copérnico e Kepler, cujos raios são mais pronunciados, estão em regiões comparativamente livres dessa substância que chamamos de areia. Isso deve ser particularmente verdadeiro para Kepler, que está localizado em uma das planícies escuras que os primeiros astrônomos chamaram de mares. Acredito que aprenderemos muito mais quando visitarmos as crateras maiores, onde as vias de água através das paredes possam ser grandes o suficiente para que possamos passar por elas e visualizar o interior. Reaumur é uma das crateras menores — não tem mais de dezesseis quilômetros de diâmetro.”

“Qual região você pretende explorar primeiro?”

“Você deveria ter adivinhado isso — o Monte Hadley, é claro. É possível que possamos decifrar os hieróglifos e aprender mais do que poderíamos em anos de exploração.”

Iniciando a caminhada de volta ao avião, eles avistaram o Professor Burke, um pigmeu à distância, caminhando em círculo e agitando os braços para manter o equilíbrio, como um pinguim.

“O Professor provavelmente nos dirá que chegou à conclusão surpreendente de que raquetes de neve facilitariam nosso progresso peripatético,” Ernest previu.

“E eu vou concordar com ele,” Mildred riu.

Mas a saudação do Professor não continha uma palavra sequer sobre locomoção.

“Descobri que esta areia tem exatamente a cor de sal sujo,” ele disse, “e não acredito que conseguiria nem mesmo cultivar cactos.”

CAPÍTULO XVII – Monte Hadley

“DEVEMOS PARTIR AGORA ou descansar um pouco antes?” Ernest perguntou após contar ao Professor Burke seu plano de visitar o Monte Hadley. “Por mim, proponho um pouco de comida e depois um breve descanso.”

“E por mim, eu me recuso a sair daqui até que você tenha dormido um pouco,” declarou Mildred. “Você não dormiu nem seis horas desde que saímos da Terra. E admito que estou bastante sonolenta também.”

“Bem, parece que a opinião foi aprovada,” o Professor Burke bocejou. “Eu estava esperando que não fôssemos escravos do sono na Lua, que sua influência fosse enfraquecida, como sua lei da gravitação, mas parece que Morfeu também é um dos deuses lunares. Coloque-nos na estrela mais distante e ainda assim estaríamos presos à Terra. Portanto, vamos dormir.”

Ernest também bocejou. “Acho que estou mesmo exausto, mas não podemos perder muito tempo dormindo agora. A noite lunar começará em menos de vinte horas, e quero ver o Monte Hadley antes disso. Sete ou oito horas de sono devem ser suficientes para me recuperar.”

“E quanto tempo durará a escuridão?” Mildred perguntou.

“Sem calcular, cerca de trinta horas, eu diria. Isso nos dará bastante tempo para recuperar o sono perdido.”

“E graças a Deus não há despertadores na Lua — e nem aqueles malditos galos,” comentou o Professor Burke. “Mas não estou com sono, não.”

Depois de comerem um pouco de comida concentrada, foram para seus respectivos beliches e logo estavam envolvidos em sonhos.

Ernest foi o primeiro a acordar, cerca de oito horas depois. Roncos estrondosos vindos da direção do compartimento do Professor Burke indicavam que seu companheiro sonolento ainda estava adormecido.

Apertando o botão do fio que levava ao quarto de Mildred, Ernest ouviu seu alegre “tudo certo!” soar com o primeiro toque do pequeno sino. Alguns minutos depois, ela se juntou a ele, cantando alegremente.

“Feliz?” Ernest perguntou.

“Como se estivéssemos de volta à Terra assistindo a uma ópera ou observando uma tempestade. Suponho que não haverá tempestades na Lua. Imagine como seria maravilhoso ver nuvens de tempestade confrontando os picos dos Apeninos!”

“Sim, seria inspirador. Podemos não ver nuvens de tempestade aqui, mas não haverá ausência total de trovões enquanto o Professor Burke persistir em dormir com a boca aberta. Tenho que acordá-lo agora, pois o Monte Hadley está nos chamando. Não adianta tocar a campainha — acho que vou ter que puxá-lo para fora da cama.”

“Estou acordado há uma hora!” a garota ouviu o Professor resmungar enquanto Ernest o repreendia.

Meia hora depois, eles já haviam tomado café da manhã com comida condensada e café aquecido nos aquecedores atômicos do avião e estavam prontos para decolar em seu primeiro voo intralunar.

“Bem, o que você acha disso!” exclamou Ernest quando o grande pássaro de metal falhou em levantar ao primeiro pulsar dos motores. “Estamos atolados!”

“Você quer dizer que ‘você’ está atolado,” o Professor Burke riu triunfantemente. “As hélices não estão acostumadas a esse ar lunar. Acelere os motores e nós levantaremos voo.”

“Eu já tinha pensado nisso,” Ernest riu, “mas deve ser o mesmo ar que tínhamos na Terra, e parece denso o suficiente. Eu acredito que o problema esteja em baixo — que o avião esteja com as rodas afundadas na areia. Vamos ver.”

Ele desligou os motores e saiu do cockpit.

“Eu estava certo, Professor,” ele gritou de volta um minuto depois. “A nave está quase descansando em seu casco. O solo lunar é um pouco mais do que areia movediça.”

“Como eu pensava,” o Professor Burke resmungou, alcançando seu cachimbo, enquanto Ernest voltava para o cockpit.

Com a plena força dos poderosos motores, O Pioneiro se levantou de seu leito tenaz. Depois que as hélices a elevou cerca de quinhentos pés, Ernest girou a nave e a direcionou para os distantes Apeninos.

“Quão longe estão as montanhas?” Mildred perguntou.

“Não mais do que quinhentas milhas. Poderíamos chegar em alguns minutos, mas acho que vou viajar lentamente para que possamos estudar o terreno da lua.”

“O terreno da lua! O terreno da lua!” O Professor Burke se contorceu de tanto rir. “Sempre achei que o terreno fosse peculiar à Terra.”

“A topografia da lua, ou a paisagem lunar, se preferir,” Ernest respondeu com uma risada, e Mildred se juntou à diversão.

Vastas extensões da estranha areia cinza, pontilhada aqui e ali por pequenas crateras, foi tudo o que viram nos primeiros trezentos quilômetros. O terreno então se tornou mais acidentado, a planície dando lugar a pequenas colinas salpicadas com rochas grotescas.

De repente, Ernest inclinou O Pioneiro para cima, levando-o a dezoito mil pés e depois desviando para a esquerda, na direção de uma grande formação circular que estava surgindo à vista.

“A cratera de Eratóstenes, acho,” ele disse aos seus companheiros. “Não tenho certeza, mas vamos sobrevoá-la e verificar.”

As paredes irregulares do fantástico planalto circular pareciam estar se aproximando deles. Em um ponto, as muralhas se erguiam a mais de dezesseis mil pés.

Logo estavam sobre a vasta área cercada.

“É Eratóstenes,” disse Ernest. “Tem cerca de quarenta milhas de diâmetro. Veja aquele grande monte no meio da bacia? Esse é o maciço complexo central que, visto da Terra, às vezes parecia um anel de cratera. Eratóstenes é um dos melhores planaltos circulares da lua, mas Copérnico, logo a leste dos Apeninos, é maior. Eratóstenes está no término oriental da cadeia, enquanto o Monte Hadley está na extremidade norte.”

Os Apeninos se tornaram visíveis antes que tivessem cruzado a cratera. A massa sombria da grande cadeia parecia interminável. Ernest manteve o avião a dezoito mil pés e o direcionou para o Monte Hadley.

O Pioneiro moveu-se lentamente sobre a estranha extensão de cristas lávicas. Alguns dos picos se erguiam como pontas de agulha, e entre eles, muito abaixo, abriam-se profundos

e distorcidos cânions e sinuosas ravinas. Tão terrível era a grandiosidade dos Apeninos que os terráqueos achavam difícil acreditar que não estavam em um sonho fantasmagórico.

Finalmente, estavam sobre a fronteira norte da cadeia e Ernest apontou para um grande pico que ele presumiu ser o Monte Hadley. Mas nenhum hieróglifo era visível.

“A escrita pode estar do outro lado,” ele sugeriu enquanto direcionava o avião para baixo em espirais cada vez mais amplas até a base da montanha de 15.000 pés.

Os grossos óculos de aro do Professor Burke, que ele sempre insistia que não precisava de fato, foram os primeiros a fazer a descoberta.

“Olhem!” ele gritou, quando estavam a meio caminho do penhasco. “Olhem!” Sua voz ressoava com uma excitação alienígena.

“Onde?” seus companheiros exclamaram em uníssono, sem fôlego.

“Lá embaixo — atrás de nós!” Em vão ele apontava e ofegava. Seus companheiros não viam nada além de rocha lisa.

“Agora as perdemos!” lamentou o Professor Burke. “Não podemos vê-las novamente até a próxima volta. Elas têm mil pés de altura!”

Ernest fez a próxima espiral em uma velocidade perigosa.

“Lá — eu as vejo!” Mildred exclamou quando o outro lado da montanha novamente apareceu à vista. “Olha, Ernest!”

O Pioneiro estava a cerca de cinco mil pés de altura. Abaixo, começando cerca de dois mil pés da base, estava a face plana do Monte Hadley — uma parede de cor de ardósia tão lisa e reta que parecia obra de alguma lâmina habilidosa imensuravelmente titânica. E na vasta escarpa incrustada com pedra esbranquiçada, estava o trabalho dos Homens da Lua.

Mais abaixo, ao pé do penhasco e entre Hadley e a próxima montanha alta, estendia-se uma planície nivelada de vários quilômetros de largura

Nessa planície, O Pioneiro pousou.

CAPÍTULO XVIII – A Coisa

“NÃO DÁ PARA FAZER, mas eu vou fazer,” foi a contraditória declaração do Professor Burke, no papel de hieroglifologista, após estudar os caracteres em Monte Hadley por várias horas.

Após pousar a cerca de uma milha da base da montanha, o primeiro ato deles foi caminhar até o penhasco ilustrado para uma análise mais detalhada, apenas para descobrir que o tamanho gigantesco dos símbolos impossibilitava o estudo de perto. E outra coisa que

descobriram: os caracteres, com exceção da figura mais imponente, uma algo gigantesco feito de um material semelhante ao cimento, eram de mármore branco puro, incrustados profundamente e habilmente na parede de ardósia.

Eles agora estavam de volta ao avião, tendo encontrado nele um ponto de vantagem para observar o enigmático panorama com a ajuda de binóculos.

Cativante como o encanto da Atlântida perdida, desconcertante como o enigma da Esfinge Tebana, fantástico como o mais louco sonho de haxixe, era a cena que prendeu seu interesse.

A tábua se erguia por dois mil pés; mil pés se estendia em largura. Uma figura central de uma Coisa disforme — era masculino ou feminino, deus ou demônio? Diante dela, devotos ajoelhados estranhamente formados; acima e de ambos os lados, longas linhas de sabedoria lunar; abaixo, figuras titânicas ensinando a arte matemática.

A figura central — a Coisa — tinha mais de trezentos pés de altura, apesar de estar sentada. Modelada em alto-relevo, parecia um pesadelo, algo transformado em pedra. Embora suas feições fossem claramente delineadas, havia uma sugestão de falta de forma em toda a extensão. Podia ser um gênio maligno da lâmpada mística de Aladim ou uma forma do mais profundo abismo. Sua cabeça — se é que podia ser chamada de cabeça — era maior do que seu corpo. De longe, o traço mais peculiar eram seus olhos — grandes esferas radiantes que se projetavam no alto de uma testa protuberante e encimadas por algo que pareciam ser antenas em expansão. As órbitas tinham pelo menos quinze pés de diâmetro, eram facetadas e brilhavam como mil diamantes. Seu nariz era um focinho porcino atarracado; sua boca, uma fenda enorme, cheia de dentes, de lábios flácidos, que se estendia quase de orelha a orelha e se torcia em um sorriso grotesco, metade sorriso, metade escárnio. Suas orelhas eram fantásticos apêndices enormes que se estendiam desde o queixo até abaixo do nível da ponta do nariz. A parte inferior da cabeça, como a superior, era túrgida, dando-lhe o contorno do número 8, ou melhor, de um amendoim rechonchudo. Não havia pescoço.

O corpo da Coisa era bulboso e listrado, como uma cebola monstruosa. Dois braços maciços, com três articulações, que lembravam na estrutura as pernas anteriores de um inseto, saíam de cada ombro, o par inferior estava cruzado sobre a barriga proeminente, enquanto os outros dois, estendidos na frente do corpo, seguravam um bloco colossal de pedra que estava suspenso ameaçadoramente sobre uma grande tigela segurada no colo, os dois objetos formando uma espécie de pilão e almofariz. A tigela estava presa entre as pernas atrofiadas da monstruosidade, que correspondiam em número aos seus braços e também tinham três articulações. Mas o que mais atraía os terráqueos, além dos olhos brilhantes de fetiche, eram

suas mãos e pés que, embora escamosos, eram humanos em todos os outros aspectos, até mesmo as unhas.

A Coisa estava nua, assexuada.

Em contraste marcante com as proporções disformes e o aspecto terrível do monstro, mas não menos bizarro, estavam as figuras de seus adoradores. Os lunáticos ajoelhados, alguns dos quais com os rostos virados para longe do deus, eram metade inseto, metade humano. Suas cabeças, prodigiosas e quase perfeitamente ovais, estavam equilibradas em pescoços longos e absurdamente estreitos. Seus olhos eram apenas pontos sob sobranceiras proeminentes e, como os do ídolo, eram encimados por antenas. Seus narizes eram curtos e achatados, com narinas enormes. Suas orelhas, desproporcionalmente grandes, podiam ser cópias gigantes de conchas, e eram radialmente estriadas por dentro e entalhadas nas bordas. Suas bocas eram pequenas e um tanto enrugadas, mas não desagradáveis. No total, seus rostos, embora incrivelmente grotescos, não eram intimidantes.

Os corpos dos lunáticos também eram em forma de ovo, mas mais afilados do que suas cabeças. A circunferência de seus peitos devia ser três vezes maior do que suas cinturas de vespa, das quais pendiam pequenos trajes de couro. Havia apenas dois braços e duas pernas, mas, como os do ídolo, eram de três articulações e extremamente longos e finos, terminando, como os do deus, em mãos e pés de forma humana. Embora formados de cimento, como o ídolo, havia uma sugestão de fragilidade, de quase vulnerabilidade, nas figuras. Citando o Professor Burke, os lunáticos pareciam “insetos abomináveis carregando gêmeos e balofos por aí.”

Havia outras pessoas lunares, homens e mulheres esculpidos no penhasco, e vários tipos de animais, mas nada que indicasse o tamanho natural de qualquer um deles — e mesmo se houvesse, as comparações seriam sem sentido para os terráqueos. De cada lado do ídolo, a uma certa distância, estavam grupos de lunáticos eretos, alguns deles encasulados em armaduras e armados com lanças e clavas — sem dúvida, as legiões lunares. Os soldados também usavam capacetes estranhamente parecidos com os dos antigos cavaleiros da Terra, exceto pelos buracos por onde as antenas passavam. Outras figuras — presumivelmente femininas — usavam chapéus em forma de guarda-chuva e carregavam cestas e urnas. Algumas crianças nuas eram representadas.

Os animais — se é que eram animais — eram ainda mais parecidos com insetos do que os lunáticos. Embora variando em tamanho e estrutura, os corpos de todos eram ovais e sem cauda, e suas cabeças, meros nós. O Professor Burke disse que pareciam “salsichas gordas com nós em uma extremidade.” Alguns dos animais eram quadrúpedes, outros hexápodes.

Entre os de seis patas, havia algumas coisas gigantescas formadas como pulgas, exceto que seus corpos não eram comprimidos lateralmente. Alguns deles estavam atrelados a carruagens e carros pesados de duas rodas. Havia também algumas criaturas inchadas com úberes e tetas, alguns quadrúpedes pequenos mantidos na coleira como cães, e várias outras formas que não podiam ser comparadas a nada que os terráqueos já tivessem visto em seu globo.

Centenas de objetos lunares também estavam representados. Havia imagens de montanhas, crateras, cavernas de casas que se assemelhavam a estruturas de adobe, e uma de um edifício imponente e com muitas janelas que devia ser um templo. Uma série de linhas onduladas horizontais foi considerada pelos terráqueos como representação de água, e um arco, sobrepondo linhas onduladas verticais, parecia uma imagem de chuva desenhada por um artista pré-histórico do planeta mãe. E havia a semelhança do próprio mundo-mãe — dois círculos nos quais os contornos dos continentes da Terra foram esculpidos. Os hemisférios, no entanto, não eram facilmente distinguíveis. Os continentes orientais não estavam totalmente de acordo com aqueles conhecidos pelos terráqueos, o hemisfério ocidental mostrava que a América do Norte estava ligada à Ásia por uma estreita faixa de terra, e entre as Américas e a Europa, mais perto deste último continente e incluído no círculo mostrando a metade ocidental do globo, havia uma vasta extensão de terra que os terráqueos nunca tinham visto, mas que sabiam ser Atlântida. Os contornos de quase todos os continentes eram ligeiramente diferentes daqueles com os quais estavam familiarizados. Estava claro que grandes mudanças geológicas haviam ocorrido desde que os mapas foram desenhados. Por exemplo, os lunáticos tinham o continente da Ásia se estendendo até Bornéu e incluindo as Ilhas Filipinas — e havia a “Linha de Wallace” entre a Ásia e a Austrália.

Hieróglifos se estendiam em todas as direções, linha após linha. Alguns deles estavam esculpidos acima do ídolo e em ambos os lados dos homens-lunares eretos, e nos lados das bigas e carros. Muitos dos caracteres tinham mais de cem pés de altura; outros, especialmente nos veículos, eram relativamente pequenos.

As disposições aritméticas perto da base da montanha eram facilmente compreensíveis. Sua simplicidade parecia uma prova convincente de que os Lunarianos sabiam que a Terra era habitada e tentaram tornar seu significado inteligível para os planetários. Primeiro, havia uma longa marca reta, um traço e depois outra marca, seguida por um símbolo para o número 1. Esse sistema continuava através do número 8, cada total sendo acompanhado por seu símbolo, avançando depois para a octuplicação e, posteriormente, para caracteres matemáticos que os Terráqueos não podiam decifrar.

As inscrições naturalmente interessaram Ernest e Mildred mais do que qualquer outra coisa que eles tinham visto desde que chegaram ao satélite.

Ernest agora sabia por que não tinha sido capaz de ver o grande ídolo da Terra: sua composição de cimento era quase tão escura quanto seu fundo de ardósia. No entanto, ele acreditava que deveria ter visto seus olhos brilhantes. Mildred prestou pouca atenção aos hieróglifos, deixando sua decifração para o Professor Burke. A feiúra do deus a fascinava, e ela declarou que os olhos de fetiche eram hipnóticos. E quanto ao Professor Burke, ele literalmente se perdeu tentando decifrar os hieróglifos. Entre baforadas enérgicas de seu cachimbo, ele ocasionalmente emitia um enigmático e provocante “Ah!” e então recaía no silêncio, seus olhos assumindo um olhar abstrato de perplexidade.

“Bem, o que você acha deles, Professor?” Ernest finalmente ousou interromper o devaneio de seu companheiro.

Foi então que o Professor Burke disse que não podia ser feito, mas que ele faria, acrescentando que os homens-lunares provavelmente deixaram uma espécie de pedra de Roseta em algum lugar, mas seria inútil procurá-la, pois ela conteria nada além de escritos igualmente enigmáticos.

Envolvendo-se poeticamente sobre o deus e as outras figuras grotescas, ele citou Poe:

Eles não são nem homem nem mulher—

Eles não são nem bruto nem humano—

Eles são ghouls.

Nove horas haviam se passado desde que chegaram ao Monte Hadley. O frio que anunciava a noite lunar já estava no ar.

“Apenas mais algumas horas de luz, e então o longo sono,” Ernest comentou.

“Não haverá longo sono para mim,” asseverou o Professor Burke. “Pretendo colocar cada um daqueles malditos caracteres no papel e ficar acordado até o próximo sol, se necessário, para decifrá-los.”

“Faça como quiser,” Ernest sorriu, “mas Mildred e eu vamos encerrar o dia fazendo outra viagem à base da montanha. Queremos estudar mais de perto os olhos do ídolo — e talvez encontremos aquela pedra de Roseta.”

Eles retornaram duas horas depois para encontrar o Professor Burke ainda engajado em transcrever os caracteres. Ele os cumprimentou com um grunhido interrogativo.

“Nós não encontramos a Senhorita Roseta,” anunciou Ernest, “mas descobrimos que os olhos do ídolo são feitos de centenas de diamantes ou outras pedras igualmente brilhantes, algumas delas tão grandes quanto a mão de um homem.

E fizemos outra descoberta também.”

“Bobagem!” resmungou o Professor Burke.

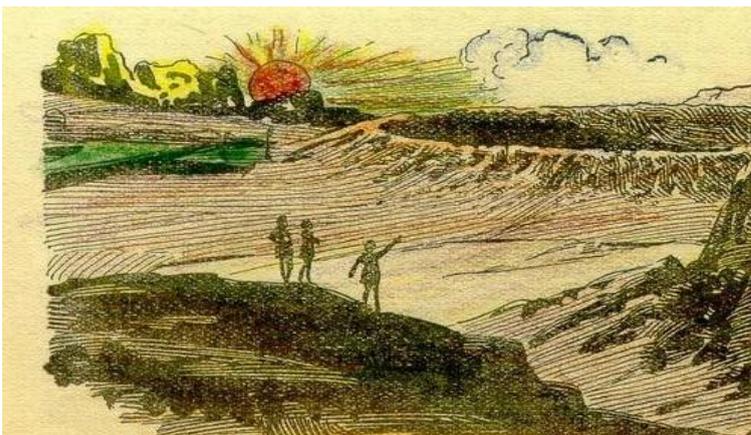
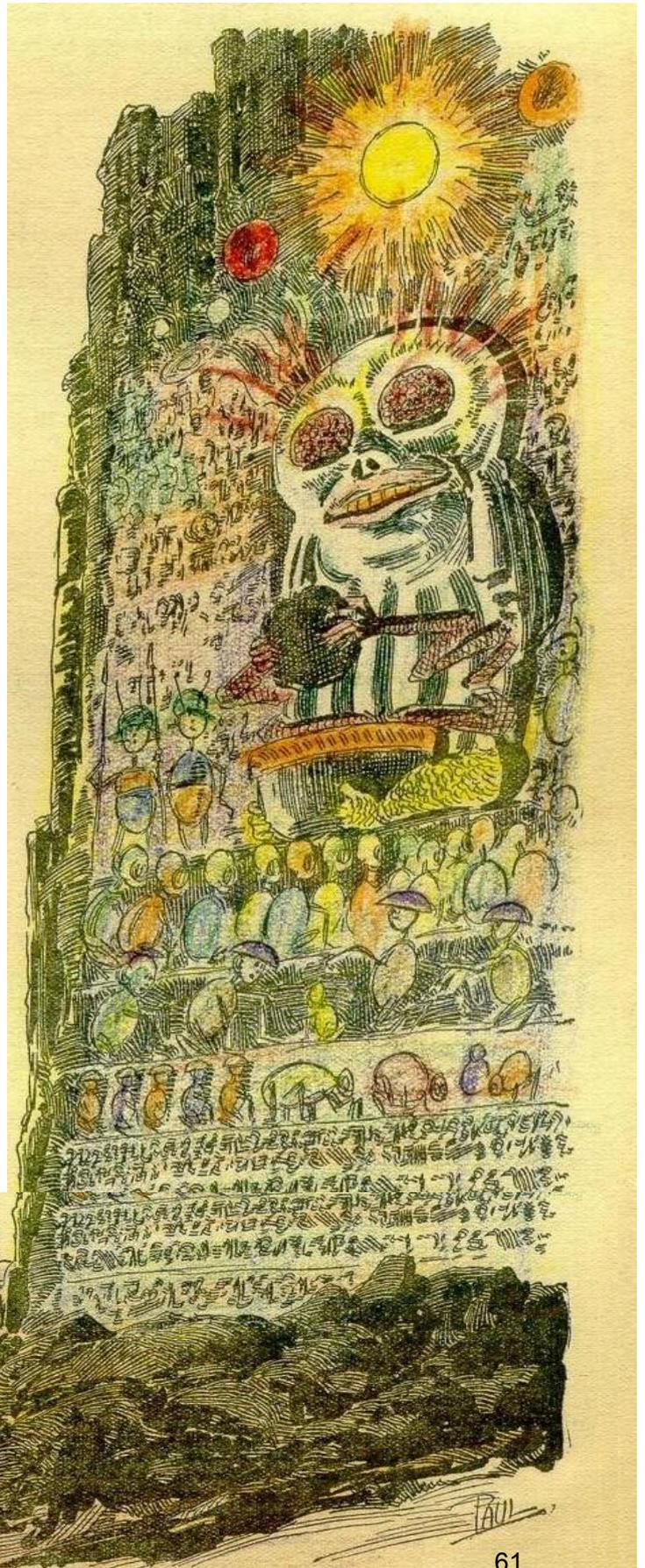
“É verdade,” afirmou Mildred.

“Oh, eu não sou cético nesse ponto,” ele mudou o tom, “mas de que adianta diamantes aqui, mesmo que fossem tão grandes quanto o próprio ídolo? Qual foi a outra descoberta, Ernest?”

“Que há uma caverna à esquerda do penhasco pictórico grande o suficiente para abrigar nosso avião. Vamos passar a noite lá, parcialmente protegidos do frio. Os aquecedores atômicos nos manteriam confortáveis, é claro, mas não gosto da ideia de acampar aqui no planalto.”

Mais três horas se passaram, e então veio o crepúsculo lunar. A temperatura havia caído abaixo de zero. O Professor Burke havia completado sua transcrição.

“Olhel!” Mildred exclamou excitadamente enquanto Ernest se preparava para ligar o avião para a curta viagem até a caverna.



Uma bola de ouro esverdeado, tão vasta que abarcava quase metade do horizonte lunar, estava subindo acima das montanhas serrilhadas. Era a Mãe Terra surgindo para manter vigília noturna sobre sua fria e morta filha — Mãe Terra, gloriosa em sua própria aflição.

O planeta brilhava como uma sólida camada de esmeralda difusa com tons de topázio, e banhava o satélite em um crepúsculo fantasmagórico.

“Oh, Deus, que lindo!” Mildred exclamou em êxtase. Ela estendeu as mãos em direção ao mundo luminoso.

Ernest recordou que seu grito de alegria foi o mesmo que ela soltou quando, ainda criança, olhou pela primeira vez através do “grande telescópio” para Júpiter e sua família de luas.

“E como você é linda,” ele ouviu-se sussurrando. “Às vezes, penso que os próprios deuses que te criaram devem se maravilhar com sua beleza.”

A garota, ainda extasiada, não ouviu.

CAPÍTULO XIX – O Ar Fala

“ALGUÉM AÍ? Alguém aí? Bem, mas que maldição!”

A explosão colorida do Professor Burke acordou seus companheiros ao primeiro clarão do amanhecer lunar. Eles haviam dividido a noite em quatro períodos, passando grande parte de seu “dia” lendo, e cada vez que acordavam ou se retiravam, o Professor Burke ainda estava estudando as figuras copiadas do penhasco.

“O que está acontecendo?” Ernest chamou de seu beliche.

“O que está acontecendo?” O Professor estava claramente agitado. “O suficiente para enlouquecer. Estivemos sonhando, isso sim. Ainda estamos na Terra. Eu tinha acabado de adormecer depois de trabalhar quase um milhão de horas naqueles hieróglifos infernais quando o rádio — mas espere, você mesmo ouvirá em um momento.”

“Ouviremos o quê?” A voz de Mildred ecoou.

Como se em resposta à sua pergunta, um estridente “Cocoricó!” veio das caixas de som.

“O canto estridente do galo perfura o ouvido surdo da manhã!” o Professor Burke citou dramaticamente. “O que eu te disse? A bendita coisa começou a cantar uns dez minutos atrás — alto o suficiente para acordar os mortos. Eu gritei ‘Olá!’ até ficar rouco, mas a única resposta é —”

“Cocoricó!” o rádio inseriu oportunamente.

“Como Poe diria, ‘somente isso e nada mais,’” o Professor concluiu.

“Talvez seja um sonho, e estamos sonhando que estamos de volta à Terra,” Mildred sugeriu, seu rosto emoldurado pelas cortinas de seu beliche.

“Eu tenho a resposta!” Ernest exclamou após um momento estupefato. “Outro avião pousou na Lua! Estamos aqui há um bom tempo, sabem, e eu não ficaria surpreso se uma frota deles tivesse chegado.”

“Era isso mesmo que eu suspeitava,” o Professor murmurou. “Claro que é isso.”

“Mas por que não responde?” Ernest continuou. “Certamente um galo não é o único ocupante. Tente contatá-los de novo, Professor. Eu estarei com você em breve.”

O Professor Burke voltou-se novamente para o rádio. “Aqui é o Professor Burke — Francis Burke — falando,” ele entoou. “Saudações, companheiros terrestres! Saudações! Eu —”

“Cocoricó!”

“Droga!” o Professor exclamou, e sentou-se.

Ernest juntou-se a ele um momento depois, seguido por Mildred, que tremia de excitação.

“Não é de se admirar!” Ernest exclamou após uma rápida inspeção do rádio. “O microfone está desconectado!”

O Professor Burke afundou na cadeira e gemeu.

Ernest rapidamente ajustou o mecanismo e gritou um olá.

Silêncio.

“Olá! Olá!”

E então, após um grito mais alto, o rádio falou.

“Papai! Papai!” uma voz infantil veio pelo ar. “Acorde, papai! Alguém está nos chamando!”

Um momento depois, um “olá!” masculino foi ouvido.

Ernest respondeu, seus companheiros pressionando-se contra o amplificador.

“Aqui é o Professor Ernest Sherard do observatório do Monte Shasta,” ele pronunciou. “Meus companheiros são o Professor Burke do observatório Burke, e Mildred Reamer, minha assistente. Acreditamos que fomos os primeiros a chegar à Lua. Estamos agora em nosso avião, em uma caverna sob o Monte Hadley, no lado visível do penhasco.”

“Aqui é o Dr. Elmo Harveston de Maidstone, Inglaterra, e minha filha pequena, Thomasine,” a voz respondeu. “Claro que já ouvi falar de você, e do Professor Burke, e sabia que vocês foram os primeiros a deixar a Terra. Chegamos à Lua no início da noite passada — isto é, cerca de vinte e cinco horas atrás. Pousamos em um platô perto de uma alta cadeia de

montanhas — a cadeia Rook, eu acho. Pelo menos outros três aviões estão aqui. Sinalizei para eles logo depois que cheguei. Um deles — espere um momento, por favor, até que Thomasine leve seu galo de estimação para outro compartimento — ele está cantando sem parar — um deles foi pilotado por um americano chamado Hogrefe, de Detroit. Ele trouxe sua família e vários parentes. Um alemão chamado Eckhoff também está aqui, mas eu sei muito pouco alemão e não consegui conversar com ele. O terceiro avião trouxe Antoine LaTaste, um jovem engenheiro francês, e várias crianças refugiadas que ele pegou nos Pirineus. Os aviões estão amplamente dispersos. O americano pousou em uma planície perto de uma grande cratera. O alemão mencionou ‘Bergen,’ então acho que ele está em algum lugar nas montanhas. O francês diz que está perto de um grande ‘vale’ com quase cem milhas de comprimento — sem dúvida, o Vale Alpino. Mas suponho que vocês já tenham ouvido falar deles, e talvez de outros.”

“Não,” Ernest disse a ele, “estivemos tão ocupados estudando as inscrições no Monte Hadley que esquecemos completamente o rádio até que seu galo acordou o Professor Burke há alguns minutos. Suponho que vocês estavam operando em uma frequência diferente na noite passada, ou teríamos ouvido seus sinais. Talvez uma dúzia ou mais de aviões estejam aqui a esta altura.”

Harveston expressou grande interesse nos hieróglifos, e Ernest forneceu uma breve descrição, também contando a ele sobre a figura da coisa.

A conversa então se voltou para suas respectivas viagens à Lua, e Harveston disse que chegou tão perigosamente perto das paredes do espaço que seu avião quase entrou em parafuso antes que ele entendesse a situação.

“Temo que centenas de naves perecerão no mar de éter,” Ernest comentou gravemente, “mas não havia como prever o perigo.”

“Quais são seus planos imediatos?” Harveston perguntou.

“Sairemos da caverna assim que a temperatura permitir. Ainda mal amanheceu, e não ousamos sair do avião até que o sol esteja alto por algumas horas. O Professor Burke me disse que deseja dar mais uma olhada nos hieróglifos para verificar algumas de suas transcrições. Ele trabalhou neles quase a noite toda e acha que a solução está próxima. Você tem um mapa da Lua?”

“Sim.”

“Bem, nossa próxima parada será a grande cratera de Tycho. Acho que uma investigação de seus raios brancos será muito interessante à luz do que já encontramos em um dos poços menores. Suponho que nos encontre lá — em cerca de seis horas, digamos — e

juntos iremos sinalizar em várias frequências para ver quantos outros aviões chegaram. Não acho que você terá muita dificuldade em localizar a cratera, por causa da proeminência de seus raios, e você está muito mais perto dela do que nós.”

Foi combinado, e eles desligaram.

“Bem, velho camarada,” Ernest se voltou para o Professor Burke, “suponho que você vai querer dormir um pouco mais enquanto esperamos o sol.”

“Sim, pode ser, já que não há mais nada a fazer até que eu possa verificar aquelas inscrições. Mas não estou nem um pouco com sono. Há alguns mortais que riem de Morfeu, sabe. Diziam que Napoleão e Edison muitas vezes passavam uma semana ou mais sem dormir. Eles também eram grandes homens. Eu” — ele tentou em vão reprimir um bocejo — “bem, como eu disse, não há nada a fazer até que eu possa verificar minhas cópias. Acho que perdi uma fileira inteira de símbolos. Não me deixe dormir demais.”

“Espere só um minuto antes de se deitar, Professor. Acho que vou levar o avião até a entrada da caverna, para que Mildred e eu possamos ver o nascer do sol.”

Cinco minutos depois, o movimento foi feito, e Ernest e Mildred estavam observando, em um silêncio encantador, a glória indescritível do amanhecer lunar. O Professor Burke estava roncando ruidosamente.

“Olhe!” Ernest gritou de repente, quebrando o encanto. Ele apontou para o céu.

Alto sobre a planície, suas asas brilhando nos primeiros raios do sol, uma enorme forma se desenhava contra o céu.

“É um ato-liner!” Mildred exclamou. “Está vindo para cá. Vamos ver se conseguimos sinalizá-lo!”

“Não,” Ernest discordou, “o rádio pode acordar o Professor Burke. Vamos pegá-los depois.”

Eles observaram o grande pássaro de metal até que ele passou por cima deles e foi obscurecido pelos Apeninos.

CAPÍTULO XX – A Cidade Crescente

A CIDADE CRESCENTE, um dos maiores ato-liners da América, estava voando baixo e de forma descontraída sobre as planícies lunares. Os Apeninos estavam quinhentas milhas atrás. Um homem alto, bem composto, de cerca de trinta e cinco anos, cuja touca branca ostentava a insígnia de capitão, estava sentado na cabine de comando com o piloto e estudava a paisagem lunar através de seus binóculos. Seus olhos escuros eram joviais e aventureiros,

mas seu nariz aquilino, boca firme e mandíbula quadrada denunciavam engenhosidade e determinação.

Ele baixou seus óculos e se dirigiu ao piloto: “Um pouco para a esquerda, Martin — isso, está quase certo. Agora, direto à frente. Não gosto da aparência daquela areia lá embaixo. É pior que o Saara. Acho que há um terreno mais firme a algumas milhas à frente — está mais escuro, de qualquer forma.”

Então, no transmissor que levava sua voz para todas as cabines: “Pousaremos em alguns minutos, mas podemos ter que permanecer na nave por várias horas. Há bastante ar, mas estará muito frio lá fora até que o sol suba um pouco.”

Imediatamente, o ato-liner tornou-se um turbilhão de excitação. Os passageiros, a maioria dos quais havia estado observando a cena pelas janelas de suas cabines, correram desordenadamente para os corredores e se aglomeraram nas portas, suas vozes formando uma discórdia de agitação e júbilo. A longa jornada havia acabado. Eles estavam seguros. A Lua era deles. Os raios do sol nascente chamavam, e eles estavam ansiosos para atender ao chamado.

Dez minutos depois, o capitão falou novamente e, com suas palavras, a aeronave inclinou-se em um deslize longo e gracioso.

A Cidade Crescente pousou a dez milhas do mar de areia, em uma planície acinzentada cuja superfície lisa e foliada se estendia interminavelmente adiante.

Mais uma vez, os passageiros correram para as portas, mas pararam abruptamente. A mudança gravitacional, sentida apenas ligeiramente enquanto o avião estava em movimento, agora os tornava impotentes e ridículos.

O capitão enfrentou-os, interrompendo a corrida com uma palavra. “Teremos que aprender a andar novamente,” disse ele, com a maior solenidade possível. “Devemos permanecer na nave por três ou quatro horas. O termômetro mostra que está oitenta abaixo de zero lá fora. Enquanto isso, tentaremos averiguar se algum viajante nos precedeu.”

Ele conduziu os terráqueos cambaleantes e desajeitados até a sala de rádio e se sentou diante do microfone. Os passageiros se reuniram ao redor e esperaram com a respiração contida enquanto ele girava o botão e gritava “Olá!” a cada movimento.

Logo foram recompensados. Um claro “Olá!” retornou. A saudação soou estranhamente impassível, como uma voz que os havia seguido através do espaço.

“Aqui é o Capitão Sewell Ellington da Cidade Crescente, Nova Orleans,” o homem no microfone gritou. “Acabamos de chegar — setenta e cinco de nós.”

“Bem-vindos à Lua!” a voz respondeu alegremente. “Aqui é o Dr. Elmo Harveston de Maidstone, Inglaterra. Fiz a viagem com minha pequena filha, em um avião pequeno. Chegamos cerca de quarenta e cinco horas depois. Onde vocês estão?”

“Gostaríamos de saber. Não tivemos tempo de nos orientar. Tememos que a nave possa naufragar na areia, então continuamos até alcançarmos uma vasta extensão de rocha tão lisa quanto um piso. É um dos chamados mares, creio — o Mare Nubium ou o Mare Humorum.”

“Quem são seus passageiros?”

“Principalmente louisianenses e texanos que buscaram refúgio nas montanhas da América Central. Poucos mexicanos no grupo. Fizemos a viagem sem incidentes. A Cidade Crescente provavelmente foi o primeiro grande ato-liner a deixar a Terra. Partimos cerca de setenta e cinco horas após a mensagem final de Sherard.”

“Professor Sherard está aqui agora — foi o primeiro a chegar,” informou Harveston. “Estava conversando com ele há algumas horas. O Professor Francis Burke e a assistente de Sherard, uma jovem, estão com ele. Eles estão em uma caverna sob o Monte Hadley, nos Apeninos. Pelo menos outros três aviões chegaram.”

“É mesmo! O que Sherard tem a dizer?”

Harveston deu um breve relato de suas conversas com o Professor Sherard e os outros terráqueos, concluindo com a sugestão de que a Cidade Crescente também se dirigisse a Tycho. “Se vocês estão no Mare Nubium, estão apenas a algumas centenas de milhas de Tycho,” acrescentou.

“Bem, estaremos lá, a menos que a areia impeça nosso pouso,” assegurou Ellington. “Adeus até lá.”

O Dr. Harveston foi o primeiro a chegar a Tycho, estacionando seu avião próximo à cratera. Deixando sua criança adormecida em seu beliche, ele imediatamente começou a explorar os arredores, e sua primeira descoberta foi que as paredes do poço tinham vários milhares de pés de altura, formando uma eminência em forma de toco no centro de um vasto, suavemente inclinado, prato de rocha escura que, por sua vez, estava cercado por uma substância mais escura, semelhante à lava, contra a qual os enormes filamentos da cratera, espalhando-se em todas as direções, brilhavam em contraste ofuscante.

Ele estava examinando as quase perpendiculares rampas de Tycho, imaginando se poderiam ser escaladas, quando o zumbido de um motor o fez se virar. A enorme massa da Cidade Crescente se erguia à distância. Ela pousou atrás dele, em um espaço liso a cerca de uma milha da cratera, perto de um dos grandes raios.

Seus passageiros imediatamente começaram a sair por suas várias portas, muitos deles dando passos estranhos e tropeçando uns sobre os outros, desorientados pela nova leveza. Após várias tentativas, conseguiram caminhar de alguma forma. Havia cerca de trinta mulheres no grupo, algumas com bebês nos braços, e elas procediam com mais cautela, sendo assistidas pelos homens que as ajudavam a sair do avião.

Harveston, ao sair para encontrá-los, viu-os se reunirem ao redor de um homem alto, de boné branco, que ele supôs ser o Capitão Ellington, cujos gestos indicavam que ele estava se dirigindo a eles. Logo, ele apontou em direção a Harveston e, um minuto depois, começou a se dirigir em sua direção, liderando uma procissão que se movia lenta e fantásticamente. Alguns dos terráqueos davam as mãos para evitar acidentes, mas a maioria deles, exceto as mulheres e algumas das crianças menores, fazia seu próprio caminho árduo. Houve muitos passos em falso e, conseqüentemente, quedas, algumas das quais terminaram dolorosamente na superfície dura.

“Onde está o Professor Sherard?” foi a primeira pergunta do Capitão Ellington quando as apresentações formais terminaram.

“Eu também me pergunto,” respondeu Harveston. “Sherard mencionou algo sobre o Professor Burke querer revisar os hieróglifos novamente, e acho que é isso que está atrasando ele.”

“Vocês já investigaram os raios brancos?”

“Somente do ar. Eles se irradiam em todas as direções. Suponho que devíamos visitar o mais próximo enquanto esperamos por Sherard.”

“Eu tenho uma ideia —”

A observação de Ellington foi interrompida por uma exclamação de um jovem de olhos atentos.

“Olhem! Lá vem ela!”

O Capitão Ellington usou seus binóculos para focalizar um ponto no céu na direção dos Apeninos. “Acho que é o Professor Sherard.”

Sua suposição estava correta. Cinco minutos depois, os primeiros terráqueos a chegar à Lua aterrissaram em Tycho, com seu avião pousando próximo à máquina de Harveston. Ernest e Mildred desembarcaram juntos e foram imediatamente cercados e calorosamente recebidos.

“Vimos A Cidade Crescente passar sobre as montanhas cedo esta manhã,” Ernest se dirigiu ao Capitão Ellington, “mas evitamos sinalizar porque o Professor Burke estava dormindo.”

“E onde está o Professor Burke agora?”

“Ele não apareceu porque se trancou em seu quarto com a declaração de que ficaria lá até resolver o mistério do Monte Hadley,” explicou Ernest.

“Ele acha que a solução está próxima,” Mildred complementou.

“Estávamos começando a estudar os raios brancos de Tycho quando vocês chegaram,” Harveston informou Ernest. “Devemos continuar ou sinalizar para o resto da Lua primeiro?”

Ernest achava que seria mais prudente sinalizar, apontando que alguns dos possíveis recém-chegados poderiam estar por perto e que seria melhor alcançá-los antes que partissem novamente. Foi acordado que eles pediriam a todos com quem conseguissem se comunicar que se juntassem a eles em Tycho e que se reuniriam uma hora depois para relatar os resultados.

Ernest e Mildred retornaram ao Pioneiro e encontraram o Professor Burke ainda debruçado sobre seus hieróglifos. O Capitão Ellington, tendo informado seus passageiros sobre seu objetivo, foi seguido até A Cidade Crescente pela maioria deles. Harveston encontrou sua filhinha ainda dormindo.

Em poucos minutos, os sinais dos três aviões estavam varrendo a Lua em todas as frequências.

No final da hora, Ernest relatou ter falado com Hogrefe, o americano mencionado por Harveston, e com um italiano chamado Casella, que acreditava estar nos Alpes Lunares. Harveston mencionou ter conversado com um compatriota chamado Banks, com um canadense chamado Farrow, e com um espanhol cujo nome ele não conseguiu entender. Banks estava em algum lugar nas planícies, e o canadense acreditava estar no Mare Tranquillitatis. O Capitão Ellington havia feito apenas uma conexão, e essa com o alemão Eckhoff, que disse ter deixado as montanhas e pousado perto de uma cratera. Cada avião trouxe de dois a seis passageiros, principalmente famílias e parentes dos proprietários.

Nenhum sinal foi encontrado do francês LaTaste, a quem Harveston havia sinalizado durante a noite.

“Proponho que agora visitemos o raio mais próximo,” disse Ernest. “Acho que o acharemos muito interessante.” Ele então contou a Ellington sobre suas descobertas na pequena cratera de Reaumur.

Com Mildred os acompanhando, logo chegaram ao raio e descobriram, como Ernest havia previsto, que era um dos muitos canais habilmente executados e projetados para levar água à cratera por gravidade. O fundo do canal era feito do mesmo material semelhante ao

mármore que Ernest e seus companheiros haviam observado em Reaumur, e os lados estavam revestidos com o cimento esbranquiçado que haviam visto lá.

A vala nesse ponto tinha meia milha de largura e não mais de cem pés de profundidade, mas era mais estreita e profunda em direção à cratera e menos reta na outra direção, seguindo os amplos vales da topografia ligeiramente ondulada.

“Suponho que devíamos seguir o canal até a base da muralha,” propôs Ernest. “Acredito que os túneis através da parede serão grandes o suficiente para entrarmos e explorarmos o interior.”

“E qual a espessura das paredes, você acha?” perguntou Mildred.

“Provavelmente mil pés ou mais. Teremos que usar nossas ato-luzes de bolso.”

Eles descobriram que os túneis de Tycho tinham cerca de quatorze pés de diâmetro e eram retos como um cano de rifle, embora parecessem ter sido feitos com ferramentas rudimentares.

“Tycho me lembra uma ratoeira — uma daquelas com buracos por todos os lados,” Mildred riu.

“E pode acabar sendo uma armadilha, nos precipitando no abismo, a menos que tenhamos cuidado,” Ernest alertou enquanto se preparavam para entrar na escuridão.

A base da muralha era ainda mais espessa do que Ernest havia imaginado. Eles tinham percorrido mais de mil pés antes de verem luz na outra extremidade do túnel.

O interior da planície circular estava banhado em luz solar quando chegaram ao final do túnel, e ficaram impressionados com a cena que os recebeu, atordoados pela vastidão de tudo; era tão grande em diâmetro que o olho não podia abranger; a bacia era em forma de uma xícara rasa e tão lisa em alguns lugares quanto asfalto. Sua região central, mal visível a olho nu, parecia estar não mais do que mil pés abaixo do nível da superfície da Lua.

Os terráqueos primeiro observaram a grande bacia através de seus binóculos e, depois, através de um pequeno telescópio que o Capitão Ellington tinha com ele. O telescópio revelou um círculo de aberturas perto do centro.

“O que são elas, Sherard — mais túneis?” perguntou Harveston.

“Aquedutos,” respondeu Ernest. “Eles provavelmente levavam água às habitações distantes dos Lunarianos. Você notará que as fendas mais profundas no piso do reservatório foram preenchidas com cimento. Deve ter levado aos Lunarianos muitos séculos — milênios, talvez — para completar esta obra.”

“Milênios,” ecoou Harveston pensativamente, e novamente olharam para a imensidão da bacia, perdidos em pensamentos.

A voz de Ernest quebrou o silêncio.

“Vamos voltar para os aviões,” disse ele.

CAPÍTULO XXI – A História de Luna

O ACAMPAMENTO TEMPORÁRIO estava em alvoroço quando os exploradores retornaram. Outro avião havia chegado, e os habitantes da Cidade Crescente estavam reunidos ao seu redor. Dois homens estavam ao lado da nova nave, gesticulando de forma exagerada, competindo para falar. Um era o Professor Burke. O outro, pelo seu sotaque, era claramente francês; sua aparência elegante o denunciava como parisiense.

Ao ver Ernest e Mildred, o Professor Burke se aproximou rapidamente.

“Eu descobri!” ele gritou. “Resolvi o enigma lunar! Deixe-me contar!”

“Um minuto, Professor,” Ernest o conteve. “Deixe-me dar as boas-vindas ao novo visitante.”

“Eu sou Antoine LaTaste, de Paris,” o estranho se apresentou em um inglês razoável. “Eu tenho uma grande história! Venho das montanhas distantes da lua, onde encontrei—”

“Mais uma vez eu peço, meu amigo, que espere até que eu conte minha história,” interrompeu Burke.

Ernest finalmente conseguiu convencer o companheiro a deixar LaTaste falar primeiro.

“Cheguei à lua pouco antes da escuridão congelante cair,” o francês começou dramaticamente. “Mon Dieu, foi uma longa noite! Aterrissei nas montanhas perto de um grande vale que tem um quilômetro de profundidade, vários quilômetros de largura, e não sei quantos de comprimento. Ficamos lá — as crianças e eu — até que o dia retornasse. Assim que o sol surgiu, partimos, voando na direção que julguei ser o norte. Logo deixamos as montanhas para trás, e abaixo de nós havia uma planície arenosa pontilhada de pequenas crateras. Após cerca de três horas, chegamos a outra cadeia de montanhas. Era muito mais alta do que a que havíamos deixado, e muito mais acidentada. Suas pontas se erguiam como fontes de lava, sobrepondo-se em muitos lugares. Imagine minha surpresa ao encontrar uma planície circular no meio das montanhas. Já estava quase sobre ela quando vi algo que me fez reconsiderar de repente. No centro da planície havia uma bacia profunda, e ao seu redor, as ruínas de muitos edifícios!”

Ele fez uma pausa para efeito dramático e continuou:

“Aterrissei perto das ruínas e as explorei por cerca de duas horas. O sol já estava alto naquela altura e começava a esquentar. Bem, não há muito o que contar sobre os edifícios —

não sobrou muita coisa de pé, exceto algumas colunas — mas ouçam: essas colunas estavam inscritas com caracteres que confundiriam até um chinês. E então fiz outra descoberta. Estava varrendo a planície com meus binóculos, tentando ver o que podia, quando minha atenção foi atraída por algo que parecia ser fileiras de aberturas na base das montanhas ao redor. Ao focar meus binóculos, descobri que eram portas, e que as paredes ao redor delas também estavam cobertas com aquela estranha escrita. Não visitei as cavernas — parecia bastante possível que criaturas terríveis e desconhecidas estivessem esperando em suas profundezas. Então, depois de tirar algumas fotos das ruínas, retornei ao avião e parti em outra direção. Continuei até que a maior surpresa de todas surgiu diante dos meus olhos — o seu acampamento aqui embaixo.”

O silêncio momentâneo que seguiu o estranho relato do francês foi quebrado pelo Professor Burke.

“Parabéns, meu amigo!” ele exclamou, avançando e apertando vigorosamente a mão de LaTaste. “O que você contou faz parte da minha própria história. Agora eles vão acreditar em mim. Aproximem-se, todos, e eu revelarei os segredos da lua.”

O Professor endireitou-se e assumiu uma postura digna enquanto começava a falar em tom imponente:

“Saibam que Luna é filha de Terra, porém mais velha que sua mãe em termos de vida evoluída. Os Lunarianos atingiram o ápice de sua civilização quando nós, terráqueos, ainda éramos trogloditas — ‘quando o homem matava o homem em uma fúria bestial e comia o tutano de seus ossos.’

“A vida apareceu aqui vastas eras antes de surgir na Terra, pelo fato de que a lua, sendo um corpo muito menor, esfriou em um tempo relativamente curto.

“Os homens da Lua estão extintos há pelo menos 600.000 anos, mas eu decifrei sua história como está registrada na face do Monte Hadley.

“Quanto à forma como resolvi o mistério, uma visão geral deve bastar por enquanto. Todas as escritas pictográficas que conhecemos na Terra tinham características comuns, e eu procedi com a hipótese de que uma relação semelhante existia aqui — ou seja, que os caracteres no Monte Hadley eram ideográficos, compostos em grande parte por objetos representados por imagens e sinais. Logo descobri, no entanto, que os símbolos lunares eram parcialmente fonográficos, indicando que os homens da Lua haviam alcançado um estágio na evolução da escrita, se não da civilização, comparável ao dos antigos egípcios.

“Até aí, tudo bem; mas o fato de que muitos dos objetos familiares aos homens da Lua não tinham contrapartida terrestre apresentava um obstáculo. Alguns deles eram bastante fáceis de entender, no entanto. Por exemplo, seus símbolos do sol e das estrelas eram quase

idênticos aos criados pelos terráqueos pré-históricos. E o mesmo acontecia com seus símbolos de água — linhas onduladas horizontais representando um mar ou lago, conforme seu comprimento, e linhas onduladas verticais sob um arco, denotando chuva.

“Com esses caracteres definidos como núcleo, minha tarefa era fazer com que os símbolos desconhecidos se identificassem, estabelecendo sua relação com os sinais conhecidos, da mesma forma que uma criança reconstrói uma imagem a partir de recortes de papelão.

“Mas por muito tempo não consegui organizar os caracteres, e mais de uma vez estive prestes a admitir o fracasso. Os hieróglifos sempre foram meu hobby, então continuei. Mas se não fosse pela minha familiaridade com todas as escritas pictográficas conhecidas na Terra, as lendas lunares teriam permanecido um mistério para sempre, pelo menos para mim.”

“Bem, decidi que poderia ser tão obstinado quanto os símbolos e, para encurtar a história, concluí a tradução há menos de uma hora. O trabalho não está tão completo quanto eu gostaria. Há uma série de lacunas que tive que preencher de forma dedutiva, mas estou confiante de que a tradução é essencialmente correta.

“Milhões de anos atrás — provavelmente durante a era Oligocena tardia da Terra — os Lunarianos, então no alvorecer de sua civilização, eram habitantes das planícies. Eras depois, provavelmente durante a nossa era Miocena tardia, eles haviam alcançado um grau de civilização comparável ao ponto em que o cenário da história da Terra se abriu. Foi então que eles criaram sua escrita pictográfica e se tornaram construtores em vez de nômades. O alvorecer de outra era — que coloco há cerca de 600.000 anos — encontrou os Lunarianos perto do ápice de seu progresso.

“Foi então que sua Grande Mudança começou. A lua estava gradualmente se afastando da Terra ao longo dos séculos, e estava perdendo sua atmosfera e seu calor. Cinquenta mil anos mais tarde, seus lagos, muitos dos quais estavam localizados nas crateras, eram pouco mais que poças. Seus riachos nas montanhas — não havia rios reais — haviam minguado para córregos congelados. O globo estava se tornando desértico e frígido.

“Eventualmente, as noites prolongadas tornaram-se tão frias que inviabilizaram a vida nas cidades das planícies. Os Lunarianos então procuraram refúgio nas montanhas, em cavernas naturais que mais tarde ampliaram e estenderam até que as colinas estivessem quase todas escavadas. Ali, nas entranhas das montanhas, eles passaram suas noites, e durante os longos dias dos últimos milhares de anos, trabalharam em uma única coisa: armazenar sua escassa chuva.

“Os hieróglifos no Monte Hadley contam sobre sua luta patética. Demoraram dez mil anos para escavar as montanhas e mais cinco mil para converter as crateras em reservatórios. Algumas das crateras eram bacias naturais e não precisaram de ‘raios brancos’. Canais tiveram que ser cavados para a maioria delas — milhares delas. Os raios de todas, exceto algumas poucas, estão agora cobertos de areia, devido a terremotos lunares ou outros distúrbios. Eles trabalharam por milênios, mas foram impotentes contra a maior catástrofe — a atmosfera morrendo, embora, no final, tenham inventado uma espécie de ventilador rudimentar para levar o ar para suas cavernas.

“As ruínas que o Monsieur LaTaste descobriu marcam o local de um de seus primeiros refúgios. Muitos milhares foram para lá durante a primeira migração e construíram uma cidade na planície cercada por montanhas. Esta cidade, uma verdadeira metrópole, durou mais de mil anos, mas o frio finalmente forçou seus habitantes a abandoná-la e se abrigar nas montanhas.

“Um elaborado sistema de cidades subterrâneas acabou por penetrar todas as cadeias montanhosas, exceto os Apeninos. Estas eram suas colinas sagradas, mantidas invioladas como o domínio de seu deus, o grande Ele-Ela, cuja imagem havia sido esculpida na face do Monte Hadley no auge de sua civilização.

“Os hieróglifos indicam que sua maior cidade subterrânea estava nas Montanhas Dorfel, devido à proximidade das enormes crateras Bailly e Clavius, cujas bacias, como as de quase todos os principais anéis, haviam sido convertidas em reservatórios naturais que armazenavam a água conduzida às suas cavernas por aquedutos subterrâneos. Havia outra grande cidade sob as Montanhas Liebnitz. Esta cordilheira, de acordo com as inscrições, é composta em parte de puro mármore — suas Montanhas Brancas — e foi aqui que eles conseguiram o material para construir os ‘raios brancos’ que conduziam a água para os reservatórios, com a pedra sendo transportada pelas planícies em veículos puxados por ‘mulas’ que se assemelhavam a pulgas gigantes.

“Ele-Ela era seu único deus. Parte masculina, parte feminina, o fetiche era representado como assexuado, na crença de que ele — ou melhor, *isso* — havia subjugado todas as paixões. Sua imagem foi construída em baixo-relevo no Hadley, com o rosto voltado para a Terra, e seus olhos, com quinze pés de diâmetro, foram construídos com centenas de grandes diamantes. Sim, diamantes reais, meus amigos.

“Os Lunarianos viam a vasta bola da Terra como uma entidade maligna, algo que os estava empurrando cada vez mais para o espaço e devorando seu ar, e eles suplicavam ao seu ídolo para combater seu poder. Seus sábios pareciam perceber que o planeta era habitado,

pois, nos últimos dias, os escultores e artesãos lunares representaram a trágica história da lua no mural em torno do ídolo, possivelmente como um apelo por ajuda.

“Sua religião era sacrificial. Grandes estátuas de Ele-Ela foram erguidas em cada caverna das cidades subterrâneas e as vítimas eram legiões. Parece que eram esmagadas até a morte em uma espécie de aparelho de almofariz e pilão no colo do ídolo.

“Devido à baixa gravidade, os Lunarianos evoluíram de uma forma completamente diferente de seus parentes terrestres. Eles tinham mais de três metros de altura, cabeças enormes e eram parcialmente insetiformes em estrutura, embora fossem vertebrados distintos e humanos em vários aspectos. Durante os últimos cinquenta mil anos de sua tribulação, no entanto, passaram por uma metamorfose física acentuada, devido às mudanças climáticas e atmosféricas. Seus corpos se tornaram extremamente bulbosos à medida que seus pulmões se expandiam a proporções enormes, suas narinas se dilatavam e suas orelhas aumentavam. Sua pele engrossou, e, nos últimos tempos, a natureza estava dando-lhes pelos como proteção contra o frio. Grande parte da vida inferior da lua desapareceu durante a transição, e, se havia pássaros, devem ter desaparecido bem cedo, pois nada com asas é representado no penhasco.

“Eu disse que o fim ocorreu há cerca de 500.000 anos. Um milhão de anos pode estar mais próximo da realidade. Eles desenharam um mapa da Terra no Monte Hadley, e a imagem mostra o istmo que uma vez conectou a América do Norte e a Ásia no Estreito de Bering, e um continente que deve ter sido Atlântida.

“Bem, os símbolos contam muitas outras coisas, incluindo uma lenda de que já houve um grande oceano do outro lado da lua, mas se vocês olharem para o céu, acho que vão achar mais interessante. Parece que vai chover!”

CAPÍTULO XXII – Burke Presente

Os céus lunares estavam salpicados com véus dispersos de vapor, tão diáfanos que pareciam duvidar de sua própria existência.

Na Terra, isso prenunciaria apenas mais um dia sombrio; aqui, parecia um milagre, e os alienígenas vindos da esfera maior assistiam com os olhos arregalados de admiração.

As sombras fantasmais cinzentas moviam-se lentamente, hesitantes, como se percebendo sua condição alienígena e temendo se unir. Mas, após algum tempo, elas ousaram se juntar, contorcendo-se sinuosas e então encontrando-se e se fundindo para formar um todo mais denso. Foi então que os terráqueos perceberam que uma boa brisa começava a soprar, e que o ar estava levemente úmido.

E quando o terrível sol quase se apagou, a voz do Professor Burke se elevou acima dos tons suaves de seus companheiros, o primeiro a quebrar o feitiço.

“Finalmente, a lua tocará seus lábios para beber,” ele entoou de forma impressionante, distraída, como se estivesse falando com sua musa. “Logo vem a chuva, e a terrível sede de Luna será saciada. Napoleão disse aos seus soldados: ‘Os séculos olham para vocês.’ Eu digo que, entre essas nuvens e os últimos redemoinhos cinzentos que mancharam o céu lunar, cinco mil séculos nos observam.”

“Você acha que haverá uma tempestade?” perguntou Mildred, que, junto com Ernest, o Capitão Ellington, o Doutor Harveston e LaTaste, estava ao lado do Professor.

“Difícilmente,” ele sorriu, lembrando-se do amor da garota pelos humores violentos da natureza. “Será no máximo uma chuva leve — talvez apenas uma névoa espessa. Receio que não ouviremos o trovão ressoar. O que você acha, Ernest?”

“Acho que você está certo, mas eu estava esperando que houvesse uma verdadeira enxurrada. Não sou profeta do tempo, mas vou prever que não haverá chuva por pelo menos uma hora, e sugiro que, nesse meio tempo, nós seis vamos até meu avião e vamos decidir nosso próximo passo. Estou com vontade de explorar.”

“Bem, Sherard, o que você propõe?” Ellington perguntou quando a conferência começou em torno da mesa de rádio de Ernest.

“Que exploremos as cidades subterrâneas,” ele sugeriu. “Podemos ter que ficar aqui por muito tempo, a menos que a lua colida com a Terra, e acredito que as cavernas fornecerão abrigo. É possível que consigamos estabelecer alojamentos muito habitáveis lá, com a ajuda do nosso aquecimento atômico. As cavernas contêm quartos de verdade, Professor?”

“Os hieróglifos não são tão claros nesse ponto, mas acredito que encontraremos salões e apartamentos bem projetados — sem janelas, é claro. Os Lunarianos eram artesãos habilidosos, e seus templos eram de uma beleza. Portanto, penso que eles empregaram sua habilidade e arte ao modelar suas tocas nas montanhas.”

“Ótimo,” comentou Ernest. “Nós, terráqueos, podemos ser capazes de montar uma verdadeira residência, desde que consigamos água suficiente e um método de ventilação. A questão da água é primordial, claro. O suprimento que trouxemos conosco não vai durar muito mais. Alguma sugestão?”

“Acho que a chuva resolverá o problema,” ofereceu o Professor Burke. “Não conseguiremos muita água com as nuvens que acabaram de se formar, mas provavelmente o suficiente para formar pequenas poças nas partes mais baixas de alguns dos reservatórios.”

“Mas como levaremos a água até as cavernas?” perguntou Harveston. “Seria necessário um nível de vários metros para usar os aquedutos.”

“Eu estava chegando nessa parte,” disse Burke. “Minha sugestão é que nos estabeleçamos nas cavernas das Montanhas Dorfel, perto da grande cratera de Bailly. Poderíamos, então, buscar a água facilmente com nossos aviões. Bailly e Clavius, ao que parece, são reservatórios naturais cercados por terrenos inclinados que tornavam desnecessária a construção de canais. Estou confiante de que a chuva será bastante copiosa em breve. O ar está ficando mais úmido a cada dia.”

“Você acha que devemos partir para as cavernas imediatamente?” perguntou Ellington.

“Sim, e proponho que coloquemos o Professor Sherard no comando da expedição e que ele determine a hora da partida.”

“Somente se o Professor Burke tiver autoridade igual,” corrigiu Ernest, e todos concordaram.

“Então eu apoio a sugestão de partirmos imediatamente,” disse Ernest. “A noite está a menos de quinze horas de distância, e não devemos perder tempo para entrar nas cavernas. Mas não seria prudente que todos os aviões partissem ao mesmo tempo. Alguns de nós devem permanecer em Tycho e manter os rádios ocupados, sinalizando para outros terráqueos que possam chegar antes que a escuridão venha. Portanto, sugiro que apenas um avião faça a viagem inicial e retorne para guiar o resto de nós após localizar cavernas adequadas.”

“Ah, o plano é bom, é sábio,” interveio LaTaste. “E com certeza os distintos Professores Sherard e Burke, que descobriram a lua e sabem mais sobre ela, devem ser os que descobrirão as cavernas. Proponho isso, se eu estiver no direito de fazê-lo.”

“Eu concordo com o Monsieur LaTaste,” disse Harveston. “Sherard e Burke, lunarianos renomados antes mesmo de A Grande Mudança começar, e que ‘descobriram’ a lua, como LaTaste diz, são os mais qualificados para serem os pioneiros nessa empreitada. A decisão, claro, cabe a eles.”

“Voluntariamo-nos com prazer para a viagem,” respondeu Ernest após notar o aceno de assentimento do Professor Burke “e colocamos o Capitão Ellington no comando do acampamento temporário enquanto estivermos ausentes. Vamos sinalizar para você assim que localizarmos as cavernas, e retornaremos o mais rapidamente possível. Bailly fica a apenas algumas centenas de milhas daqui, e é provável que estejamos de volta em duas ou três horas, mas durante esse tempo, vários outros aviões podem chegar aqui em resposta ao seu sinal. Cada avião deve estar preparado para voo até nossa volta. Isso é aceitável para vocês?”

Todos responderam afirmativamente, exceto Mildred, que tinha sido uma ouvinte silenciosa.

“Fale, Mildred,” disse Ernest. “Você faz parte do comitê, sabe disso.”

“Então eu voto contra o plano, a menos que me permitam ir com vocês.”

“Ah, a mademoiselle aventureira, tão corajosa quanto bela!” exclamou LaTaste com galanteria ao estilo do velho mundo. “Ela tem meu voto para ir.”

“Certamente você irá,” Ernest riu. “Nós estaríamos perdidos sem você, não é, Professor?”

“Tão perdidos quanto o nosso próprio mundo,” disse Burke. “Será uma grande jornada, mas algo me diz que um de nós nunca retornará.” Sua voz tornou-se grave. “Sempre zombei da presciência e coisas do tipo, e agora estou começando a acreditar nela. Tenho um persistente pressentimento de que as montanhas são o fim da linha para mim. Talvez seja o destino, mas sempre defendi que destino e acaso eram uma coisa só. Tive um sonho estranho durante meu último sono. Parecia que eu estava diante do grande Ele-Ela no Monte Hadley, estudando sua fisionomia horrenda, quando seus lábios formaram um sorriso malicioso e proferiram meu nome com um grito infernal de vingança. O pesadelo ainda me assombra.”

“Bobagem!” repreendeu Ernest, intrigado com a súbita melancolia de seu companheiro. “Você simplesmente sobrecarregou seus nervos lutando com aqueles hieróglifos. Não acho que haja perigo à nossa frente, mas insisto que você fique para trás e tire uma longa soneca.”

“Você deve, Professor; por favor,” Mildred implorou. “Ernest e eu podemos lidar com isso. Eu exijo que você fique.”

“Não, minha filha,” ele a acalmou. “Eu preciso ir. Se o destino decretar meu fim, por que me rebelar? Veja, me tornei um fatalista da noite para o dia. Se meu pressentimento for uma bobagem, como Ernest diz, não haverá mal em eu ir — vamos rir disso quando voltarmos. Não tenho me sentido muito bem há algumas horas, e talvez a viagem me revitalize. Além disso, quero explorar o fundo de uma das grandes crateras. Acredito que encontrarei prova da teoria de que as crateras são restos de bolhas gigantescoas levantadas por gases vulcânicos quando a lua era incandescente. A cratera pouco profunda de Bailly oferecerá uma excelente oportunidade para estudo. Sim, eu devo ir, Mildred. Só um covarde tem medo de sonhos — ou até da morte, por sinal.”

Mais insistências só o deixariam irritado, então Ernest e Mildred consentiram, relutantemente, com sua ida, e decidiram partir de imediato.

“Mas vamos sair primeiro e ver se está chovendo,” disse Mildred.

Eles saíram para uma fina névoa que escorria pelas costas do Pioneiro em gotas apologéticas. Indo em direção a Cidade Crescente, encontraram a maioria dos terráqueos reunidos ao redor dele, encantados com a umidade como crianças em um banho de verão.

CAPÍTULO XXIII – Os Dorfels

A NÉVOA estava se transformando em uma leve garoa quando Ernest e seus companheiros deixaram Tycho, e os terráqueos que se reuniram ao redor do Pioneiro para desejar-lhes boa sorte logo desapareceram na névoa.

“Eu preferiria ter esperado até que a chuva passasse,” disse Ernest, “mas não temos um minuto a perder. Acho que vou subir acima das nuvens para pegar a luz do sol. As nuvens estão baixas, e devemos ser capazes de ver os picos acima delas.”

Ele inclinou a nave bruscamente para cima, e logo estavam voando sobre um mar sem fim de vapor rodopiante.

“Peguem seus binóculos e fiquem atentos às montanhas, Professor,” disse Ernest, depois de um tempo. “Acho que estamos indo direto para os Dorfels, mas os cumes mais altos da cadeia de Liebnitz podem aparecer primeiro. Eles devem surgir à nossa esquerda, perto do polo sul.”

A massa pálida da Terra, bloqueando grande parte do céu, parecia ameaçadoramente próxima sob a luz brilhante da alta altitude, e Mildred foi tomada por uma nostalgia ao contemplá-la.

“Quão perto está a Terra agora?” ela perguntou.

“Por volta de quarenta e sete mil milhas,” informou Ernest. “A lua desacelerou muito desde que pousamos, e continuará assim até parar completamente, a cerca de vinte e cinco mil milhas da Terra. Isso é apenas uma estimativa, claro. Pode parar a trinta mil, mas acho que meu cálculo está correto. Para o final, ela avançará menos de cem milhas por dia, e isso significa que levará pelo menos um mês até que pare.”

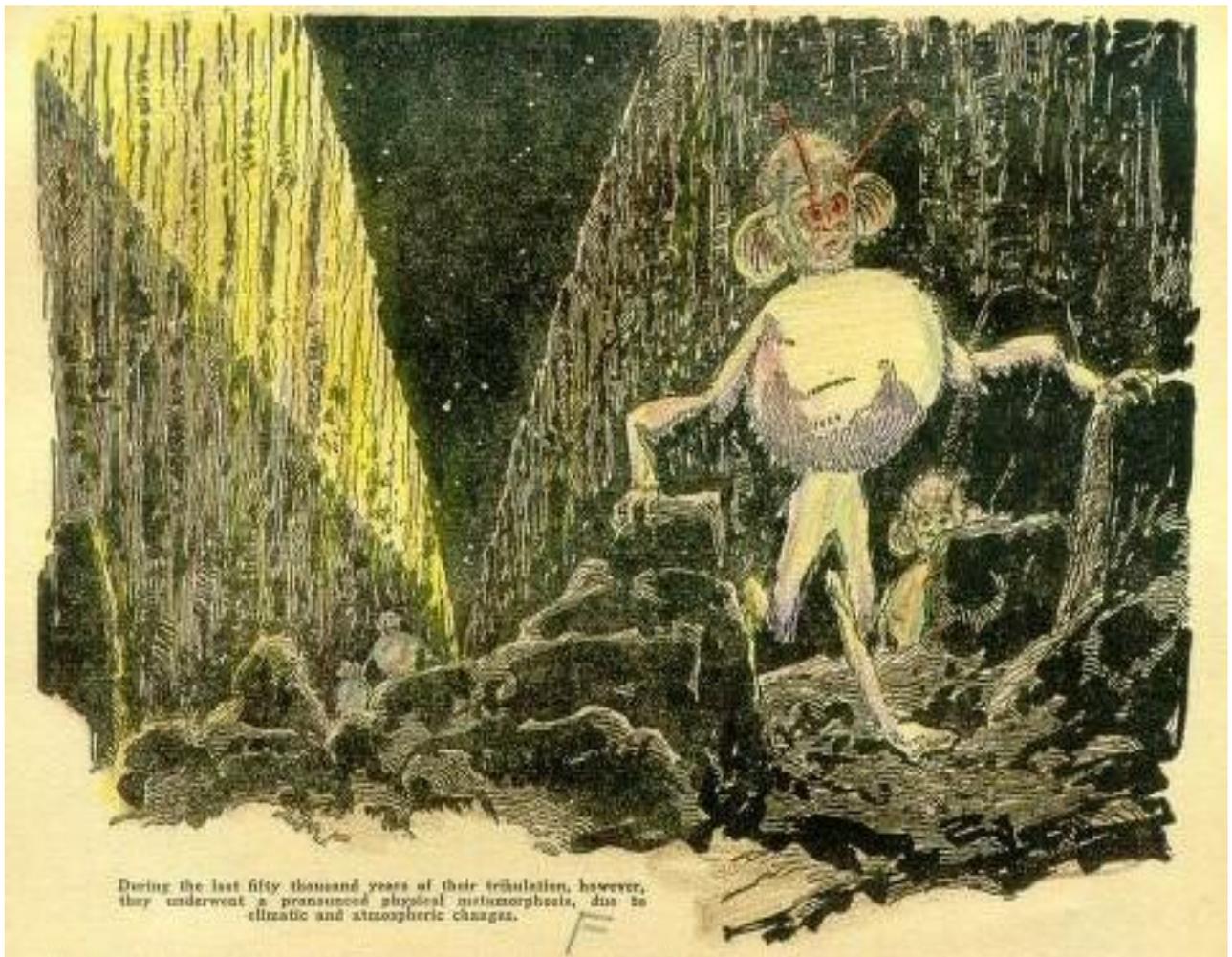
“E se ela não parar?” questionou o Professor Burke, sombriamente. “Não temos garantia de que ela vai parar, lembre-se.”

“Admito que isso não está no contrato,” respondeu Ernest, “mas tenho certeza de que vai parar. Caso contrário, voltaremos para casa rapidamente.”

“Notável!” resmungou Burke. “E se voltarmos, o impacto resultante não me trará nenhum terror. O espírito daquele fetiche infernal está me chamando, estou te dizendo.”

“Pelo amor de Deus, não fale assim!” protestou Ernest. “Você vai nos deixar deprimidos. Eu prevejo que não só voltaremos das cavernas, como também voltaremos para a Terra em segurança. Anime-o, Mildred. Que tal pegar meu telescópio e dar uma olhada na Terra, Professor. Talvez você e Mildred consigam ver o que está acontecendo por lá.”

O Professor riu secamente. “Uma manobra esperta para me fazer esquecer. Claro que não podemos ver o que está acontecendo na Terra com o sol brilhando diretamente sobre ela, enquanto é pleno dia na lua. Está quase tão pálida quanto a ‘lua do dia’ costumava parecer da Terra. Mas vamos olhar mesmo assim.”



E então, com a voz carregada de tristeza e dor:

“Eu sei que não estou sendo eu mesmo, Ernest, e gostaria de poder me livrar disso. Nunca me senti assim antes.”

Ele foi até o compartimento de Ernest e voltou com o pequeno telescópio. “Bem, talvez retornemos à Terra algum dia,” murmurou enquanto ajustava o instrumento em uma janela voltada para o planeta, “mas meu lema é: ‘nunca espere nada e você não se decepcionará.’ Você olha primeiro, Mildred.”

“Parece bronze, e é tão grande que não consigo ver tudo,” anunciou a garota após estudá-la por um minuto. “Mas acho que consigo ver marcas nela. Parece rachada.”

“Está rachada, sim, e sempre foi,” o Professor fulminou após uma breve olhada pelo telescópio.

“Os Dorfels estão a cerca de duzentas milhas de distância, eu acho,” disse Ernest, “e, a menos que a névoa desapareça, talvez não consigamos vê-los até estarmos bem perto. Vamos ter que ir devagar, pois pode haver colinas. Fiquem atentos.”

Mildred, ainda usando os óculos do Professor, logo anunciou o surgimento de crateras em miniatura, e depois de vagarem por mais cinquenta milhas, as muralhas de uma grande cratera tornaram-se visíveis.

“É Bailly, sem dúvida,” disse Ernest. “Que tal passar os óculos para o Professor Burke? Ele pode querer inspecionar a cratera enquanto passamos por cima.”

“Sim, pode ser minha única oportunidade,” lamentou o Professor. Mais alegremente: “As montanhas estão logo do outro lado, não estão?”

“A cerca de setenta milhas além, eu diria,” respondeu Ernest, percebendo o tom forçado da pergunta. “Poderíamos vê-las agora, se não fosse pela névoa.”

A paisagem lunar tornou-se cinzenta e inclinada à medida que se aproximavam da cratera.

Bailly provou ser ainda mais rasa do que o Professor Burke havia previsto. As muralhas da grande bacia oblonga não tinham mais de quatro mil pés de altura e eram perfuradas na base por túneis de água para drenar as terras baixas ao redor. E quando O Pioneiro ultrapassou as muralhas e desceu a um nível mais baixo, seus ocupantes descobriram que o interior da cratera era visivelmente diferente do de Tycho. Em vez de os túneis terminarem na borda interna, eles continuavam, na forma de aquedutos, por várias milhas, repousando sobre arcos construídos sobre um leito de rocha parecida com lava, tão porosa que suas fissuras se sobrepunham.

“Parece uma esponja petrificada,” sugeriu o Professor Burke. “É evidente que os buracos foram feitos por gases escapando, e estou convencido de que as crateras foram formadas por grandes bolhas. Mas se Bailly foi usada como reservatório, por que seu fundo não foi cimentado como o de Tycho?”

Ernest não pôde oferecer explicação.

“Entendi!” exclamou o Professor ao apontar seus óculos para o centro da bacia. “Apenas a parte mais profunda está cimentada — lá onde os aquedutos terminam. E não há canais de alimentação vindos do outro lado.”

O centro de Bailly revelou-se uma depressão de cerca de doze milhas de diâmetro, formando uma grande bacia que evidentemente havia sido ampliada e aprofundada pelos Homens da Lua, e na qual os aquedutos conectores despejavam sua carga preciosa. A bacia era tão suavemente revestida que parecia esmaltada, e em seu fundo, formando um semicírculo no lado mais próximo dos Dorfels, havia uma fileira de aberturas que eles consideraram serem as bocas dos canos de água que levavam às montanhas.

“Olhem!” gritou o Professor Burke, apontando para a parte mais profunda da bacia. “Olhem!”

Havia água — um pequeno lago dela.

O Pioneiro estava sobre as muralhas mais distantes quando Mildred avistou os picos dos Dorfels. A névoa estava desaparecendo e as nuvens começavam a se dissipar.

Os Dorfels estavam em declive a partir de Bailly, com a inclinação começando logo além da borda da cratera e tornando-se mais acentuada a cada milha. Nenhuma pressão era necessária para transportar a água até as moradias submontanas.

As montanhas erguiam-se abruptamente a partir do pé da encosta, apresentando um penhasco quase perpendicular, semelhante à parede do Monte Hadley.

Ernest foi o primeiro a avistar as cavernas dos Dorfels, e quase simultaneamente Mildred chamou a atenção para as ruínas desmoronadas de vários edifícios a cerca de três milhas à frente das montanhas.

As cavernas pontilhavam a base do penhasco em toda a sua extensão, por vários quilômetros. A maioria das aberturas era uniformemente pequena e quadrada, mas perto do centro da fileira havia uma grande abertura circular. Era em direção a essa abertura que Ernest direcionou o avião.

“Gostaria de fazer um desvio e explorar as ruínas,” ele disse, “mas deixaremos isso para outro dia.”

O Pioneiro pousou a cerca de cem metros da grande caverna. O Professor Burke apressou-se para fora e foi o primeiro a alcançar a entrada.

“Exatamente como eu pensei,” ele disse quando seus companheiros o alcançaram. “As inscrições dizem que esta é a caverna do poderoso Ele-Ela — o lugar do sacrifício. Vamos explorar as outras cavernas rapidamente — quero conhecer o deus lunar.”

“Bem, vamos voltar ao avião e pegar nossas ato-luzes de bolso,” propôs Ernest. “E vamos sinalizar ao pessoal em Tycho que encontramos as cavernas. Acho que eles já devem estar achando que está na hora de ouvirem notícias nossas.”

Mas duas horas se passaram antes que eles entrassem nas cavernas. Assim que chegaram ao Pioneiro, uma grande escuridão desceu. A monstruosa Terra estava se colocando entre o satélite e o sol.

CAPÍTULO XXIV – Presos

“CINCO AVIÕES e um ato-liner chegaram. O ato-liner é de Buenos Aires e trouxe sessenta passageiros.”

A voz do Capitão Ellington chegava fraca, o eclipse afetava o rádio. Ernest o havia sinalizado imediatamente após retornar ao Pioneiro, contando-lhe sobre a descoberta das cavernas.

“O ato-liner é o Pinzona e é comandado pelo Señor Ricardo Castello,” Ellington continuou. “Três dos aviões são dos Estados Unidos. O primeiro a chegar em Tycho trouxe o Governador Teale da Califórnia e seu grupo. Hogrefe, o de Detroit, e Eckhoff, o alemão, ambos foram sinalizados por Harveston ontem à noite, e chegaram logo em seguida, tendo se encontrado no caminho. O ato-liner chegou alguns minutos depois, seguido por uma nave de Augusta, Geórgia, trazendo um advogado chamado Wright e sua família. O último avião a chegar antes de a escuridão cair veio da Suíça, trazendo um jovem chamado Ferrier e várias crianças refugiadas que ele pegou nos Alpes. Os viajantes estavam amplamente espalhados e a maioria deles já estava na Lua há muitas horas. Nós vasculhamos a Lua em todas as frequências e nos comunicamos com outros onze aviões de inúmeros países. O Presidente Carmonne, da França, está em um deles. O eclipse está atrasando-os, mas todos devem chegar antes que você retorne.”

Uma conversa continuou na qual Ernest deu mais instruções sobre o voo para as cavernas.

“Até logo,” Ernest então disse, “estamos saindo para explorar as cavernas.”

“Boa sorte,” Ellington respondeu. “Ainda está escuro aqui.”

O sol brilhava intensamente quando eles deixaram o avião, os últimos véus de névoa tendo desaparecido durante o eclipse.

“Qual caverna vamos explorar primeiro?” Mildred perguntou quando eles estavam novamente diante da boca aberta do fetiche lunar.

“Vamos deixar o Professor Burke decidir, desde que ele não insista na caverna de Ele-Ela,” Ernest respondeu. “Venha, Professor.” Ele havia parado em frente à morada do ídolo e estava estudando as inscrições como se estivesse colado ao lugar. “Venha ler o que

está escrito em algumas das outras portas para sabermos quando chegarmos aos nossos futuros apartamentos. Suponho que devamos investigar a fileira à nossa esquerda primeiro.”

“Bem, olhe o que temos aqui!” o Professor exclamou quando eles chegaram à próxima abertura. “Ernest, há riquezas aí que fariam de cada um de nós um Creso. Este buraco específico abriga as pedras preciosas que os Lunarianos trouxeram de longe e colocaram perto de seu deus. Não sei que tipo de pedras estão lá, mas aposto que há montes de diamantes.”

“Talvez encontremos tempo para explorar antes de partirmos,” Ernest disse, seguindo em frente.

As inscrições ao redor da próxima entrada indicavam que era o santuário de um dos sumos sacerdotes de Ele-Ela.

“Exatamente como eu esperava,” Burke resmungou, “e prevejo que há uma longa fileira deles antes de chegarmos às moradas humildes dos leigos. Os sacerdotes sempre monopolizaram a proteção dos deuses, e ganharam proteção assim. A escultura em torno desta caverna diz que era responsabilidade de seu ocupante garantir que Ele-Ela não fosse zombado, e — diga, Ernest, você não notou nada peculiar na formação deste penhasco? Não? Bem, o que você acha disto?” Ele apontou para uma das muitas veias amarelas que se entrelaçavam com a rocha. “É ouro! As montanhas estão cheias disso!”

“Parece ouro, com certeza, mas você tem certeza?”

“Eu aposto minha reputação nisso. As inscrições no Monte Hadley falavam de um minério macio e abundante que os Lunarianos aprenderam a endurecer e usar de forma prática. A maioria de suas ferramentas e utensílios domésticos era feita disso. Este é um mundo dourado! Não é de se admirar que o Arquiteto Cósmico tenha colocado um grande vazio entre ele e a Terra. Caso contrário, a Lua já teria sido carregada para longe há muito tempo. E aposto que alguns dos que estão em Tycho tentarão minerar o ouro e roubar as cavernas de seus diamantes.”

“Bem, eu sempre disse que a Lua era dourada, apesar do que os poetas cantavam,” Mildred brincou.

“Mas também podemos encontrar muita prata,” Ernest riu.

“Veja, as veias estão por toda parte,” o Professor continuou enquanto eles se moviam para a próxima abertura. “Eu me pergunto como os habitantes temperaram esse material. Tenho que descobrir, mesmo que seja minha última descoberta. Acho que vou perguntar a Ele-Ela, quando eu estiver sendo devorado.”

As cinco cavernas seguintes pertenciam a sacerdotes de menor escalão, e então eles chegaram a uma porta um pouco maior, ao redor da qual havia centenas de hieróglifos.

“É a porta da morte,” o Professor anunciou dramaticamente após uma breve análise. “Estamos agora na entrada das catacumbas lunares. Foi aqui que os mortos da cidade-caverna foram trazidos. As inscrições dizem que o ‘corredor’ se estende por quase um quilômetro e leva a um labirinto de cavidades maiores que constituíam as catacumbas. Eu me pergunto se os Lunários eram embalsamadores. Os escritos não são claros sobre isso. E se eles fossem, é provável que seus corpos frágeis tenham voltado ao pó há centenas de séculos. Você quer entrar e explorar as tumbas, Mildred?”

A garota estremeceu. “Sou muito imaginativa para entrar lá, mesmo que tivéssemos tempo. Eu veria espectros por toda parte.”

“Bem, aqui estamos,” o Professor informou na próxima abertura, que ficava a uma certa distância da porta da necrópole. “Este é o começo das habitações dos Lunários. Vamos entrar?”

Ernest sugeriu que fossem mais adiante na “rua” para verificar seu comprimento provável.

“Boa ideia. É uma pena que as portas não estejam numeradas para sabermos em que quarteirão estamos.” O Professor parecia ter saído de sua melancolia.

“As inscrições tratam principalmente dos nomes dos ocupantes,” o Professor informou enquanto avançavam, parando em cada porta. “Os nomes são sem sentido. Não consigo traduzi-los em palavras que possamos pronunciar.”

“Como parece que as cavernas continuam indefinidamente, suponho que não devemos ir mais longe,” Ernest propôs quando estavam a quase um quilômetro de seu ponto de partida. “É certo que há ‘espaço para todos os terráqueos que provavelmente alcançarão a Lua. Esta caverna parece tão boa quanto qualquer outra, e se o Professor concordar, entraremos e daremos uma olhada antes de voltar para o avião.”

Eles iluminaram com suas lanternas e entraram na escuridão, com o Professor à frente e Ernest segurando a mão de Mildred. Os feixes de luz fortes dançavam fracamente, de maneira fantasmagórica, na escuridão ameaçadora à frente. As sombras se moviam como coisas animadas, como entidades sombrias e sinistras, lamentáveis, ressentidas, malignas.

Caminhando lentamente e com cautela, os exploradores varreram o interior com suas luzes até que as sombras rebeldes se dissiparam o suficiente para revelar uma câmara circular de cerca de 24 metros de diâmetro, cujo teto abobadado e paredes lisas atestavam a

habilidade dos artesãos lunares. Centenas de inscrições e vários desenhos estavam esculpidos na rocha, e muitas grandes camadas do minério amarelo tornaram-se visíveis.

“Este era um tipo de salão onde eles se reuniam durante a parte mais quente do dia,” o Professor Burke observou. “Vamos procurar a saída — quero dizer, a entrada para os aposentos. Eu diria — diga, o que é isso?”

Seu pé havia chutado algo que emitiu um som metálico. Ele focou sua luz no objeto enquanto seus companheiros se aproximavam.

“É uma mesa — não, é um tipo de assento. E olhe — é feito de ouro temperado!”

Era um banco estreito, semelhante em design aos que eles conheciam na Terra, exceto que suas pernas eram mais longas. Estava caído de lado.

O Professor se curvou para um exame mais detalhado. “É ouro, com certeza,” ele confirmou, “e suponho que haja mais deles espalhados por aí. Teremos que ter cuidado.”

Mildred fez a próxima descoberta. “Olhem! Ali está! Apontam suas luzes do outro lado da parede!”

Os três feixes de luz revelaram uma passagem que levava para as entranhas da montanha — um túnel quadrado que parecia conter a escuridão reprimida de mil Hades — uma escuridão que as potentes ato-luzes penetravam, mas não conseguiam dissipar.

“Temos mesmo que entrar?” Mildred perguntou apreensiva. Sua imaginação retratava a escuridão como a do próprio Érebo, e ela imaginava que podia ouvir as lamentações dos perdidos enquanto caminhavam pelo corredor sombrio rumo à noite eterna.

“Não tenha medo, mocinha,” disse o Professor Burke gentilmente. “Não há nada que possa nos fazer mal. A escuridão não mata.”

“Não acho que haja perigo,” Ernest assegurou, “mas se quiser, pode ficar na entrada até que o Professor e eu voltemos. Não demoraremos muito.”

“Oh, não,” Mildred protestou. “E se vocês se perderem lá dentro? Fiquei um pouco nervosa, mas já estou bem agora. Insisto em ir.”

De mãos dadas, eles se dirigiram à passagem e entraram com cautela. Suas ato-luzes iluminavam o caminho apenas a poucos metros.

“Bem, o chão parece sólido o suficiente,” comentou o Professor. Era quase um sussurro, mas ecos, despertados de seu sono de éons, reverberaram de forma ominosa e devolveram as palavras com força.

“E as paredes também,” observou Ernest depois de terem avançado uma boa distância. “Os Lunarianos eram habilidosos escavadores, pelo menos.”

Eles estavam a quase meia milha da entrada quando encontraram longas fileiras de portas de pedra que se estendiam em ambos os lados do corredor, até onde conseguiam ver. As lajes estavam cobertas de inscrições.

“Bem, aqui estão os apartamentos dos Homens da Lua,” anunciou o Professor. “Vamos entrar?”

“Mas as portas parecem estar seladas,” observou Ernest.

“Não acho que estejam. Aposto que as lajes estão em dobradiças e se abrem por dentro. Os Homens da Lua tinham que isolar o frio, sabe. Vamos empurrar esta aqui.”

“Estão nas dobradiças, com certeza,” confirmou o Professor quando a porta cedeu à força unida deles. “Cuidado!”

A pedra cedeu e caiu para dentro com um estrondo terrível que trouxe à vida mil ecos uivantes. Um odor de túmulo, quase maléfico, os atingiu.

“Exatamente como eu suspeitava,” comentou Burke, despreocupado. “Os Homens da Lua não tiveram o bom senso de inventar dobradiças.”

Ele apontou sua ato-luz para dentro da sala. A escuridão era quase sólida.

“Bem, não entraremos aí por enquanto,” disse ele. “Vamos mais adiante no corredor — talvez encontremos uma porta aberta e o ar seja menos malcheiroso.”

Logo uma abertura surgiu à vista.

“Acho que estaremos seguros nesta,” arriscou o Professor. “Há bastante corrente de ar no corredor, se você notou, e este quarto deve estar bem ventilado a esta altura. Prontos para entrar?”

Ainda de mãos dadas, eles iluminaram o interior com suas luzes e entraram.

Uma câmara quadrada, com não mais de doze metros de largura, foi revelada à medida que a luz percorria suas paredes. Em um canto, discerniram um objeto que parecia uma cama longa, e perto dela, dois pequenos bancos. No centro de cada parede havia uma passagem escavada na rocha, como a entrada.

“Um quarto de verdade, se tivesse janelas,” observou Ernest. “O que é aquilo saindo da parede ali?”

“Um cano de água, aposto,” disse o Professor. “Vamos ver.”

“Correto de novo,” certificou ele ao examinar a projeção. “E veja embaixo — ali está a bacia que coletava a água enquanto gotejava da cratera.” Ele apontou para uma cavidade em forma de copo no chão. “Encanamento bastante rudimentar, mas sem dúvida cumpria seu propósito. Bem, vamos explorar os quartos adjacentes.”

Eles passaram pela porta à esquerda e encontraram-se em uma sala semelhante à anterior.

“Todos os quartos parecem se conectar,” comentou Ernest, notando as portas que levavam a outros aposentos.

“Sim, ‘quartos conectados, mas sem área de banho’, por assim dizer, a menos que se banhassem na água que bebiam,” brincou o Professor. “Bem, o que acham de voltar para o avião? Parece haver uma abundância de quartos, e nosso calor e luz podem torná-los relativamente confortáveis. E a ventilação não será um problema tão grande, com cada quarto se abrindo para outro. Os Homens da Lua não eram tão burros, afinal.”

“Espere só um minuto,” Mildred disse quando estavam prestes a sair. “Há uma daquelas camas estranhas ali no canto, e acho que há diamantes nela. Vi algo brilhar quando apontei minha luz agora pouco.”

“Mildred, esta foi a cama de morte de alguma pobre mulher da Lua que deve ter perecido nos últimos dias, quando os vivos não podiam enterrar os mortos,” sussurrou o Professor enquanto se inclinavam sobre a laje empoeirada da cama. “Veja, há dois braceletes e duas tornozeleiras, adornados com pedras preciosas, deitados no pó que uma vez adornaram. Você quer examiná-los?”

“Eu não os tocaria por nada neste mundo,” a garota estremeceu. “Vamos embora.”

“Ernest, vamos espiar na caverna de Ele-Ela antes de irmos,” implorou o Professor quando já estavam novamente à luz do sol. “Não vai demorar mais do que um minuto ou dois, e tenho certeza de que podemos poupar esse tempo.”

Ernest quis recusar, mas cedeu ao tom suplicante de seu companheiro.

“Não vai demorar mais do que um minuto ou dois,” repetiu Burke enquanto se preparavam para entrar na caverna. “Você está com medo, Mildred?”

“Não, Professor, estou quase tão ansiosa quanto você para ver como é essa coisa.”

Eles entraram e se viram diante de uma parede de pedra a poucos metros da entrada. Uma porta quadrada se abria no centro.

“Vamos ir até o fim,” respondeu Ernest ao olhar questionador do Professor.

Sentiram o arrepio de uma aventura sobrenatural quando o próximo passo os levou pela abertura e eles lançaram suas luzes na escuridão interior.

“Ali está!” gritou Mildred. “Eu consigo ver seus olhos flamejantes! Apontem as luzes para eles!”

Ele-Ela, em toda sua feiura hipnótica, sorria de forma macabra de seu trono nas sombras mais profundas, à medida que a luz iluminava totalmente seu rosto fantástico.

E então um estrondo ensurdecedor ecoou atrás deles. A luz da entrada se apagou. A porta — onde estava?

Estavam presos!

CAPÍTULO XXV – Ele-Ela

SURPREENDIDOS E ATORDOADOS, levaram alguns momentos antes que os prisioneiros compreendessem a gravidade da sua situação.

A voz do Professor Burke quebrou o silêncio solene. “Enlaçados!” ele gritou. “Enjaulados como ratos! Ernest, eu te disse que aquele demônio ia me pegar, mas não pensei que você e Mildred iriam sofrer. E é tudo culpa minha — culpa minha. Presos — para morrer como animais! Não há esperança!”

“Não diga isso, Professor,” Ernest interveio com um ânimo forçado. “Não é tão ruim assim. Vamos sair daqui, com certeza, não é, Mildred?” A garota estava agarrada ao seu braço. “Vamos examinar a porta, Professor; talvez seja só uma pedra que caiu e possamos empurrá-la.”

“Aquele maldito demônio fez isso, estou te dizendo,” Burke vociferou enquanto eles direcionavam suas luzes para a abertura que havia antes. “Bem, o que você acha disso! É obra de demônios!”

Não era uma pedra que barrava a saída. O que eles viam era uma pesada de metal firmemente encaixada na abertura.

“Olhem, os batentes estão com sulcos,” Ernest apontou. “É claro que a laje funciona como um batente de janela, mas o que a fez cair?”

“Ele-Ela pode responder a isso,” o Professor murmurou. “O que nos preocupa agora é o que a fará subir.” Ele bateu na porta com o punho e deu-lhe um forte chute. “Tem pelo menos trinta centímetros de espessura e é feita de ouro temperado. Se tivéssemos um pé de cabra-”

“Nossos ato-raios fariam isso rapidamente, se eu não tivesse sido tão estúpido de deixá-los no avião,” lamentou Ernest. “Nunca deveríamos ter entrado nas cavernas sem eles. E também sou culpado por não trazer um rádio portátil. Minha negligência é indesculpável, Professor; sinto vontade de me chutar.”

“Não, Ernest, eu sou o tolo — um milhão deles. É só minha culpa que estamos aqui — aqui presos.”

“Por favor, não percam a esperança tão cedo,” Mildred interveio. “Pode haver outra saída. Tenho certeza de que vamos sair, de alguma forma.”

“Claro que vamos escapar,” Ernest assegurou. “Que tal vemos como é a nossa prisão?”

Virando-se para encarar o ídolo, eles espalharam suas ato-luzes até que a câmara fosse tenuemente iluminada de parede a parede.

A sala era quadrada e tinha cerca de nove metros de largura. O teto era alto e convexo, com algumas fendas estreitas de ventilação perto do topo. Três das paredes eram grosseiramente acabadas, mas a que ficava à esquerda da entrada era lisa e continha muitas inscrições. O chão era feito de grandes blocos de pedra, ajustados com precisão. Um pequeno banco em um canto era o único mobiliário.

Os prisioneiros prestaram pouca atenção a esses detalhes — era impossível não manter o olhar na figura grotesca do deus da lua.

A aparência disforme de Ele-Ela ocupava uma estrutura semelhante a um trono que repousava contra o centro da parede do fundo. O monstro tinha cerca de três metros e meio de altura em sua postura sentada, e era feito de pedra e ouro temperado, com olhos de enormes diamantes facetados, como os da réplica em baixo-relevo no Monte Hadley. Sua cabeça, corpo e pernas eram de pedra, seus braços de ouro; e em seu colo, preso entre os joelhos maciços, estava uma enorme tigela dourada, acima da qual, ameaçadoramente suspenso, havia um grande bloco de metal amarelo, segurado em suas mãos escamosas. Os braços eram articulados e aparentemente móveis.

O rosto da Criatura era ainda mais repulsivo do que o de sua semelhante no Monte Hadley. Diabolicamente além da descrição eram sua cabeça deformada, seu sorriso infernal, sua boca monstruosa.

Mas tão fascinantes quanto os olhos de uma serpente monstruosa eram os grandes orbes de Ele-Ela!

Na estranha luz que os envolvia, eles brilhavam com um esplendor ao mesmo tempo belo e terrível, coruscando as cores primordiais em um deslumbrante e terrível espetáculo.

E quando os Terrestres, inconscientemente se aproximando sob o encanto do fetiche, focalizaram seus raios na cabeça horrenda, o brilho era cegante.

“Que terrivelmente lindo!” Mildred conseguiu exclamar.

“Sim, alguns desses diamantes são do tamanho de ovos de ganso,” o Professor Burke comentou prosaicamente.

Com o encanto quebrado, Ernest propôs que procurassem por uma possível saída.

Esperançosos, iniciaram a busca; desesperançosos, a terminaram. Convencidos de que estavam cercados pelos três lados por uma montanha sólida e, do outro, por uma barreira

imóvel, sentiram a impotência que precede o desespero absoluto enquanto se dirigiam de volta à laje dourada.

Novamente em frente à laje presa, o Professor Burke direcionou a luz para o chão a seus pés.

“Então é assim que a armadilha funciona!” ele exclamou. “Agora, se ao menos pudéssemos levantar esse bloco — mas nem temos um canivete.”

“O que é, Professor?” seus companheiros perguntaram em uníssono ansioso.

“Bem, esse bloco está sobre algum tipo de mola ou alavanca — eu senti ceder sob o meu peso — e isso explica por que a laje caiu quando entramos.”

“Vamos ver.” Ernest pisou na pedra e sentiu-a ceder fracamente sob o peso adicional.

“Agora observe ela subir,” o Professor disse enquanto eles saíam de cima.

O bloco voltou ao seu nível.

“Molas,” Burke confirmou. “E eu suponho que estejam tão fortes quanto quando pegaram o último Lunário, devido à ausência de umidade. Ernest, vamos até a parede com as letras e ver o que ela tem a nos dizer. Você e Mildred podem segurar as luzes enquanto eu decifro a escrita.”

Com muitos olhares astutos e grunhidos enigmáticos, ele estudou os caracteres um por um, e então os revisou antes de compartilhar sua interpretação.

“É uma história que faria os sacerdotes de Moloque derramarem lágrimas de piedade,” ele começou. “De todas as maquinações satânicas já criadas em nome da religião, esta é provavelmente a mais diabólica. É difícil conceber um credo mais execrável, exceto a doutrina terrena da tortura eterna.

“Como eu disse, Ele-Ela era o deus — ou demônio — do sacrifício. A crença de que os deuses amam sangue parece ter prevalecido aqui, como em quase todas as religiões primitivas da Terra. Bem, Ele-Ela deve ter tido sua dose.

“Acredito que foi Roosevelt quem disse que só aqueles que não têm medo de morrer são dignos de viver. Parece que os Lunários inverteram esse axioma.

“É incrível, mas as inscrições dizem que os Homens da Lua sacrificavam metade de sua população ao deus, geração após geração.

“O monstro nesta caverna era apenas um de muitos ídolos semelhantes. Havia pelo menos um em cada assentamento subterrâneo, e antes que os Homens da Lua se tornassem habitantes de cavernas, eles os abrigavam em templos nas planícies.

“Eles acreditavam que a morte era desejável acima de todas as coisas, pois levava ao êxtase eterno. Eram ensinados a orar pela morte, não pela vida. Essa crença teria levado à

extinção universal, se não fosse por um pronunciamento sacerdotal contra o suicídio, que o classificava como a suprema covardia, e a covardia era o pecado imperdoável. A memória de todo suicida era amaldiçoada, e o fato de que os Lunarianos eram devotos adoradores de ancestrais impedia quase totalmente o autoextermínio. Muitas dessas inscrições são condenatórias do suicídio, mas parece que o suicida não era barrado das alegrias da vida após a morte por causa de seu ato.

“A fase sacrificial de sua religião era baseada em uma concepção pervertida de substituição. Eles acreditavam que as virtudes daqueles que davam suas vidas ao seu deus eram transferidas aos vivos. Eles consideravam as vítimas de Ele-Ela como sacrifícios, mas abominavam sua memória. Seus elogios eram reservados para os beneficiários das imolações.

“Ao atingir a idade de casamento, os sexos eram separados e jogados na caverna de Ele-Ela — dois jovens de uma vez, duas donzelas em outra. Um devia morrer para que o outro pudesse viver. Os sobreviventes eram considerados dignos de perpetuar a raça, por terem vencido o impulso suicida, e ao mesmo tempo recebiam as perfeições, e nenhuma das fraquezas, dos falecidos. Isso mostra que o raciocínio metafísico dos Lunarianos era tão abstruso quanto a versão terrestre de apenas algumas décadas atrás.

“Aqueles que abraçavam a morte que habitava o colo de Ele-Ela eram reduzidos a polpa pelo grande pilão nas mãos do ídolo. As massas supersticiosas realmente acreditavam que o fetiche estava vivo. Foi a criação de uma engenhosidade mecânica diabólica, que parece ter sido peculiar ao sacerdócio.

“As escrituras não explicam o mecanismo do monstro, mas acho que posso descrevê-lo. É provável que o fundo da tigela, ou almofariz, no qual os infelizes subiam, fosse ajustável, e que a pressão sobre ele liberava uma espécie de mola conectada com os braços do ídolo, fazendo-os agitar violentamente o pilão, e que outro arranjo, operado por sua vez pelo movimento do pilão, girava uma haste que corria sob o chão até a porta-armadilha, onde liberava um trinco e fazia a janela subir. Assim, a morte de um prisioneiro proporcionava a fuga do outro. E os sacerdotes então reajustavam a armadilha.

“Os Lunarianos moldaram os olhos de Ele-Ela com seus maiores diamantes — diamantes muitas vezes maiores do que qualquer um já visto na Terra. As órbitas cintilantes deviam hipnotizar, além de aterrorizar.

“Bem, essa é a história de Ele-Ela. Isso significa que dois de nós podem escapar através da imolação do outro.”

Ele fez uma pausa, e quando falou novamente, sua voz estava vibrante de emoção:

“A longa noite logo estará aqui, e nem mesmo essas paredes espessas podem nos proteger contra o frio mortal. Estou pronto para fazer o sacrifício, para morrer feliz enquanto ainda há tempo para vocês alcançarem a planície antes que a escuridão chegue.”

Antes que seus companheiros atordoados pudessem gritar em protesto, outra voz foi ouvida. Um gemido prolongado e então uma melodia fúnebre crescente; uma ululação blasfema e então um sibilar arrepiante; um grito horrível e maléfico... e depois um réquiem de morte.

Os sons sinistros vinham da boca assassina de Ele-Ela!

CAPÍTULO XXVI – Sacrifício

EXPERIMENTANDO o medo frio pela primeira vez na vida, Mildred gritou e agarrou o braço de Ernest. O próprio Ernest ficou pasmo e recuou involuntariamente. O Professor Burke, embora visivelmente surpreso, manteve-se corajosamente firme e, finalmente, ficou combativo.

“Continue gemendo e me enfrente!” ele desafiou, sacudindo o punho para o deus gritante, cujo rosnado quase abafou seu grito. “Você acha que somos crianças para nos assustar com meros sons?”

Como se em resposta ao seu desafio, Ele-Ela soltou um grito ao mesmo tempo zombeteiro e desafiador.

“Ah, eu entendi!” exclamou o Professor. “Exatamente como eu suspeitava!” Ele colocou uma mão no ouvido.

“Eu deveria ter adivinhado desde o início,” riu, virando-se para seus companheiros. “Não é nada além do vento. Um truque antigo — os egípcios o empregaram de maneira semelhante. Os sacerdotes lunares sabiam algo sobre acústica, ao que parece. Eles colocaram tubos do lado de fora até a garganta do demônio. Não são visíveis, é claro — provavelmente passam sob o chão e sobem pelo corpo do ídolo. O vento está aumentando lá fora, e isso explica o barulho.”

“Que susto!” suspirou Mildred. “É difícil acreditar que essa coisa não está viva.”

“Professor, eu não acreditava que os homens da Lua fossem tão espertos”, comentou Ernest.

“Nem eu, até entrarmos neste lugar infernal. Foi uma engenhosidade diabólica e, como já disse, provavelmente era exclusividade do sacerdócio. Eles precisavam realizar seus

milagres, você sabe. Ouça esse lamento — deve haver uma tempestade. Quanto tempo estivemos aqui, Ernest?”

“Quase três horas.”

“E quão perto está a Terra?”

“Cerca de quarenta e cinco mil milhas, eu diria.”

“Bem, isso significa cerca de vinte e quatro horas de noite à nossa frente — e está escuro como noite aqui dentro. Com os corpos separados por quarenta mil milhas — calculei isso no caminho de Tycho — o tempo entre cada lua nova seria de cerca de 1.883 dias, e a duração do dia e da noite da lua combinados seria equivalente ao intervalo de uma lua nova para a próxima. Não podemos esperar sobreviver à noite sem fogo. Isso significaria a morte de todos nós, a menos que o fetiche seja aplacado. E é isso que eu vou fazer — vocês não devem me impedir, Ernest. Você e Mildred devem correr para o avião.”

“Meu Deus, Professor, você não pode estar falando sério!” gritou Ernest. “Você não sabe o que está dizendo!”

“Por favor, por favor, não diga isso novamente,” implorou Mildred em horror. “Você não deve pensar em fazer isso. Tenho certeza de que todos nós sairemos vivos, mas eu preferiria que perecêssemos juntos a ver você seguir esse caminho. Sempre há esperança, e quem sabe se nossos amigos de Tycho já estão do lado de fora, procurando por nós.”

“Não há esperança,” desesperou-se o companheiro deles, evitando o olhar assustado da garota. “Há apenas uma maneira — um sacrifício. Ele-Ela chama, e eu...”

“Eu digo que você não o fará,” explodiu Ernest de forma peremptória. “Eu o dominarei se você tentar. Eu morreria feliz para salvar você e Mildred, Professor. Tal sacrifício faria a porta se abrir? Isso é conjectura. Não é provável que o mecanismo falhe após tanto tempo? E você não percebe que o choque de seu sacrifício pode matar Mildred?”

Sua voz suavizou à medida que ele continuava: “Você não está em si agora, velho amigo. Vamos esperar e tentar encontrar outra maneira. Algo me diz que tudo vai dar certo.”

O Professor Burke colocou a mão no ombro de Ernest e falou em um tom paternal: “Talvez eu tenha desistido da esperança muito cedo, meu rapaz. Talvez o sentimento de que devo morrer para salvar vocês dois seja apenas uma fantasia de um homem que está envelhecendo. Mas eu sinto que sou o culpado por vocês estarem aqui, e eu morreria mil mortes para desfazer minha tolice. Não posso deixar de encarar os fatos, Ernest. Já está esfriando aqui, e não podemos esperar viver até o amanhecer. E provavelmente seria uma noite eterna para nós, mesmo se sobrevivêssemos ao frio. Vejo pouca esperança de que as pessoas de Tycho nos encontrem. Não temos comida, nem água. Não posso deixar você e

Mildred sofrerem. Mas tentaremos novamente encontrar uma saída. Se pudéssemos encontrar algo para queimar, talvez...”

“Oh, Professor!” gritou Mildred, empolgada. “Tenho certeza de que vi uma rachadura preta em algum lugar aqui que parecia carvão. Está perto do ídolo, eu acho.”

Febrilmente, começaram a busca, esperando contra todas as esperanças. Primeiro, examinaram a parede à esquerda do deus. Estratos de ouro aqui e ali — apenas um ouro zombador. Silenciosamente, tensamente, com o coração batendo como um tambor que podiam ouvir acima do sibilo enfraquecido de Ele-Ela, eles se moveram para o outro lado do ídolo e retomaram a busca.

“Aqui está! Aqui está!” exultou Mildred, iluminando uma faixa escura perto da base da parede.

O Professor Burke caiu de joelhos para um exame mais minucioso. Cerca de um 15 centímetros da fenda aparecia acima do chão. Ele passou a mão sobre sua superfície lisa e depois a arranhou com as unhas, coletando um pouco de poeira na palma.

“Parece carvão, mas não devemos nos alegrar muito cedo,” disse ele, após um minuto que parecia uma eternidade. “Vamos tirar um pouco e ver se queima. Maldição, Ernest, acho que teremos que cavar com as mãos.”

“Eu já sei!” exclamou o jovem depois de um momento perplexo. “Vamos arrancar uma perna do banco e usá-la como alavanca.”

Os suportes do banco eram feitos de ouro temperado, e após muito torcer e puxar, conseguiram remover um deles.

Demoraram pouco tempo para soltar vários pedaços do mineral macio. E então ficaram olhando para ele, perplexos... Combustível, mas sem como acendê-lo!

Em vão os dois homens procuraram papel em seus bolsos; inutilmente riscaram fósforo após fósforo e os aproximaram das partículas mais finas. O material brilhou, mas não pegou fogo.

Ernest levantou-se de repente e tirou o casaco.

“Vou usá-lo como lenha,” explicou. “Tire o seu também, professor. Talvez queimem o suficiente para acender os pedaços menores. Vale a pena tentar.”

“Vou contribuir com o meu chapéu!” exclamou Mildred. “Ele é leve o bastante para queimar facilmente.”

“Bem, vamos acendê-lo primeiro”, aceitou Ernest e começou a tentativa. “Segure os casacos, professor, e eu usarei o chapéu como uma tocha.”

Alegres, viram a chama aderir às roupas de lã. Ernest então pegou os casacos, colocou-os no chão e colocou vários pedaços pequenos do mineral por cima.

Em um suspense excruciante, eles observaram as chamas brincarem com os pedaços pretos. E quando os pedaços finalmente começaram a queimar, parecia que estavam testemunhando o milagre do fogo pela primeira vez.

“É betume,” regozijou-se o professor enquanto Ernest jogava pedaços maiores no fogo. “As inscrições no Monte Hadley mencionavam algo sobre os Homens da Lua obterem seu combustível nas montanhas, mas eu não fazia ideia de que era carvão de verdade.”

Sentaram-se perto das chamas e se deleitaram com o calor aconchegante. Comparado com seus sóbrios aquecedores atômicos, uma lareira aberta de repente parecia algo maravilhoso.

Sob o encanto das brasas brilhantes, começaram a se lembrar de muitas coisas. Concordaram que suas vidas na Terra agora pareciam uma existência separada, uma espécie de sonho vívido. Seu estado atual era ainda mais irreal. Teriam sonhado com o voo pelo espaço ou estariam sonhando agora?

Finalmente, perceberam que o Ele-Ela havia cessado sua dissonância. A sede e a fome incipiente lembraram-lhes que estavam na caverna há várias horas. A luz fraca das fendas no teto não era mais visível, e sabiam que era noite.

Essa realização fez o professor Burke recair na melancolia. Por vários minutos, ele ficou fumando seu cachimbo em silêncio, olhando desolado para as brasas, seu rosto tão fúnebre quanto a escuridão ao redor.

E quando levantou a cabeça e falou, sua voz estava pesada de desesperança.

“Enganamos o frio apenas para perecer de maneira mais miserável. E eu poderia ter salvado vocês dois dando minha vida inútil.

“A vida,” ele continuou com um tom filosófico, “o que é, afinal? Muitas vezes me lembro das palavras imortais de Robert Ingersoll:

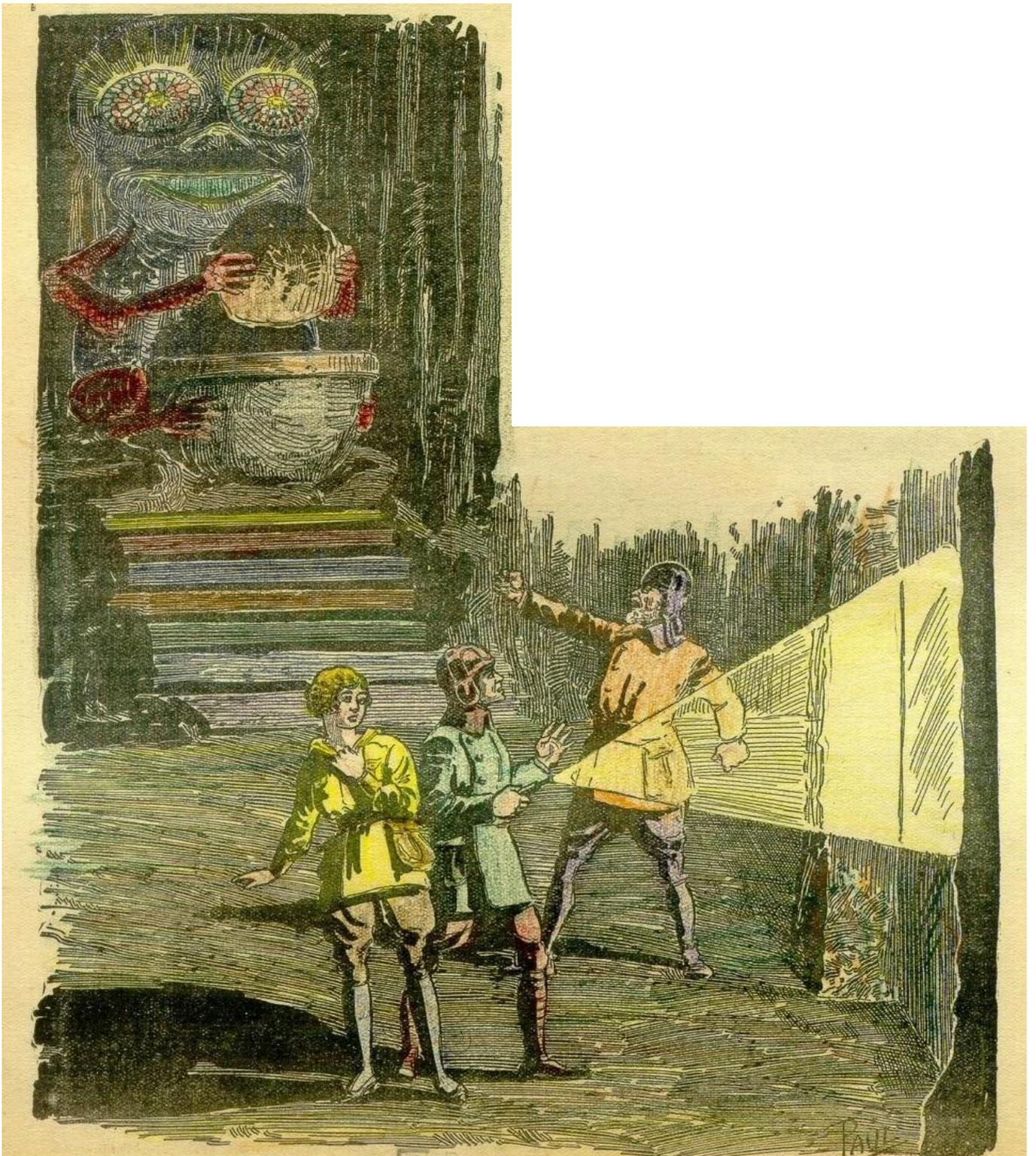
‘A vida é um estreito vale entre os picos frios e estéreis de duas eternidades. Nos esforçamos em vão para olhar além das alturas. Clamamos em voz alta, e a única resposta é o eco de nosso lamento. Dos lábios mudos dos mortos que não respondem, não vem nenhuma palavra, mas na noite da morte, a esperança vê uma estrela e o amor que escuta pode ouvir o farfalhar de uma asa.’

“Amor. Sei que parece incongruente que eu sequer pronuncie essa palavra. O mundo sempre me considerou um velho misantropo frio e egoísta, incapaz de sentimentos. Mas agora estou frente a frente com o amor. É do amor de vocês dois que falo. Eu já havia

adivinhado o segredo de vocês — se é que é um segredo — há muito tempo. E desde que estivemos juntos, passei a amá-los como se fossem meus próprios filhos. Vocês preencheram um grande vazio na minha vida.”

Sua voz se quebrou, e havia uma tristeza infinita quando ele retomou:

“Algo — chamem como quiserem — me diz que nunca sairei desta caverna vivo, mas imagino poder ver vocês dois indo juntos ao longo dos anos, de mãos dadas, de volta à Terra.”



“Oh, professor!” Mildred gritou. “Você não pode falar em nos deixar. Vamos encontrar uma maneira de escapar, e você voltará à Terra conosco.”

“Talvez sim, talvez sim,” ele acalmou. “Agora vou me deitar junto ao fogo e buscar o esquecimento do sono.”

A longa noite prosseguiu. Ernest e Mildred sentaram-se perto das brasas e falaram de tudo, exceto da sede e da fome crescentes, e do fato de que a fumaça estava lentamente enchendo a câmara.

Por fim, falaram de amor, e Ernest a pressionou contra seu peito pela primeira vez. “Minha garota da Lua,” ele sussurrou.

“Há quanto tempo você me ama?” a garota perguntou trêmula.

“Desde aquele dia na praia, quando você ficou em pé na rocha e desafiou a tempestade.”

“Eu já imaginava,” ela murmurou, repousando no ombro dele.

O professor dormiu de maneira inquieta, e seus companheiros captaram as palavras murmuradas: “O amor que escuta pode ouvir o farfalhar de uma asa.”

As horas fatais arrastaram-se. Ernest tentou distrair Mildred do pensamento sobre sua situação, dizendo-lhe repetidamente sobre sua devoção. Ocasionalmente, ele se levantava e colocava mais carvão no fogo.

Após várias horas, o professor Burke acordou em um frenesi de excitação e saltou de pé com um grito de triunfo.

“Seremos salvos!” Ele gritou para seus companheiros atônitos. “Tenho um plano — ele veio a mim quando acordei. Fui um tolo por não ter pensado nisso antes.”

“Ouçam!” continuou ele antes que o casal pudesse dizer algo. “Nossos amigos de Tycho começarão a nos procurar assim que amanhecer. Nosso avião, estacionado lá fora, pode ser visto a quilômetros de distância, e eles certamente o encontrarão. Então, eles começarão a procurar nas cavernas por nós. A entrada para a morada de Ele-Ela os atrairá, assim como nos atraiu. Mas como podemos sinalizar pra eles? Há apenas uma maneira, e eu a encontrei. Assim que amanhecer, pegaremos a perna do banco e começaremos a bater incessantemente na porta até que nos ouçam. Seus ato-raios nos tirarão daqui num piscar de olhos.

“A noite tem cerca de doze horas — metade já se foi. Podemos suportá-la sem muito sofrimento. Agora, vocês, crianças, vão dormir e esqueçam seus problemas. Você estava certa, Mildred — eu viverei para rir do monstro e voltarei à Terra com vocês!”

Ernest sentia que a euforia de seu amigo carecia de sinceridade, mas reconhecia o plano como sua única esperança e se perguntava por que ele mesmo não havia pensado nisso.

“Mildred disse que encontraríamos uma maneira, Professor,” ele entusiasmou-se, e virou-se para a garota, cujos olhos brilhavam de alegria. “O Professor nos manda dormir. Devemos obedecer?”

“Eu nunca estive mais acordada, e não estou com tanta sede,” respondeu Mildred. “Quero ficar acordada o máximo que puder.”

Então os três se sentaram novamente e falaram sobre muitas coisas — mas não sobre a fumaça que estava lenta, mas certamente, enchendo a câmara.

A longa noite prosseguia. Eles conversaram até que a sede secou suas línguas e a fumaça tornou-se quase insuportável. E então ficaram olhando vagamente para o fogo, pensando pensamentos que não ousavam expressar. . . . E a terrível noite prosseguia.

“Precisamos deitar com os rostos no chão,” arfou Ernest quando a fumaça começou a sufocar. “Respiraremos mais facilmente assim.”

A respiração ofegante do Professor logo tornou-se sonolenta, mas para Ernest e Mildred, deitados com os rostos próximos ao chão áspero, o sono acenava apenas para zombar deles. O rosto pálido da garota revelava seu sofrimento silencioso. “Minha corajosa garotinha,” Ernest conseguiu sussurrar roucamente, e a puxou para si até que seus lábios se encontrassem em um beijo patético.

As horas espectrais se arrastaram até o amanhecer esperado. O Professor Burke continuava dormindo, apesar de seus arfantes e tosses. A fumaça estava se tornando tão densa que Ernest hesitava em reabastecer o fogo, mas quando ele o deixava enfraquecer por um breve período, o entorpecimento logo começava. Ele sabia que o sofrimento de Mildred devia ser maior do que o seu, e queria gritar em sua impotência, maravilhando-se com a fortaleza transcendente da garota.

Depois do que parecia outra eternidade, o Professor Burke acordou, aparentemente alerta, e em sussurros secos implorou novamente aos seus companheiros que buscassem alívio no sono, assegurando-lhes que ele ficaria acordado para cuidar do fogo.

“Eu vou acordá-los quando o pessoal de Tycho chegar,” animou. “Prevejo que estarão aqui dentro de duas horas após o nascer do sol.”

Por fim, Ernest e Mildred sentiram-se afundar em uma insensibilidade misericordiosa.

Eles foram acordados por um estrondo terrível, um rangido metálico e batidas. Sentaram-se com dificuldade e esfregaram os olhos. A consciência trouxe a percepção da horrível verdade: o Professor havia sumido e o barulho vinha de Ele-Ela!

E então perceberam que um grande feixe de luz estava competindo com as nuvens de fumaça, que se dissipavam. A porta estava aberta, e já era dia!

Lado a lado, rastejaram até a abertura e para a cegante luz do sol.

Depois de alguns minutos sem discernir, avistaram o casco brilhante do Pioneiro, e então, distante, uma fila de pontos em movimento.

Era o comboio aéreo de Tycho!

CAPÍTULO XXVII – A Necrópole Lunar

MAIS UMA VEZ, a cidade-caverna dos Dorfels estava povoada. Após cinco mil séculos de silêncio, seus corredores e câmaras novamente ressoavam com vida, embora os sons fossem alienígenas.

Um dia e uma noite se passaram desde a fuga de Ernest e Mildred da armadilha do Ele-Ela. Eles estavam quase totalmente recuperados fisicamente, mas o tormento mental havia deixado marcas que sabiam que nunca se curariam completamente. Sentiam-se envelhecidos e enxergavam nos olhos um do outro sombras que não deveriam existir.

Pesadelos, com Ele-Ela como o íncubo, perturbavam seu sono, e eles temiam que o som do pilão assassino do monstro reverberasse para sempre em seus ouvidos.

O Capitão Ellington, ao relatar o que havia ocorrido em Tycho após sua última comunicação com O Pioneiro, contou sobre a ansiedade e consternação no acampamento quando as horas passavam sem novas mensagens. Quando o eclipse terminou, eles haviam sinalizado para vários outros aviões, todos os quais chegaram antes do pôr do sol. Alarmados com o silêncio contínuo da nave de Sherard, fizeram todos os esforços para contatá-la, e durante toda a noite, que sobreviveram mantendo o aquecimento atômico no máximo, os rádios permaneceram ativos. E então, com os primeiros raios da manhã, a esquadrilha partiu em direção aos Dorfels, não encontrando as cavernas até que a maior parte da cordilheira fosse coberta.

“Finalmente vimos a planície e as asas reluzentes do Pioneiro,” relatou Ellington, “e quando os encontramos, vocês estavam mais mortos do que vivos, tão enegrecidos pela fumaça que mal eram reconhecíveis.”

Vinte e três aviões e dois ato-liner, A Cidade Crescente e o Pinzona, compunham a esquadrilha vinda de Tycho, e na manhã seguinte, duas outras naves foram guiadas até as cavernas por sinais.

Os sinais haviam sido contínuos, dia e noite, mas sem novas respostas, e Ernest finalmente se convenceu de que as duzentas e setenta e cinco pessoas na comunidade da caverna eram os únicos terráqueos a terem chegado à Lua. A constatação o chocou. Ele esperava que fossem muitos milhares.

Uma fileira de cavernas à direita da masmorra de Ele-Ela foi escolhida como a morada do último punhado da Terra. Aquecedores atômicos e luzes atômicas, além dos móveis trazidos dos aviões, tornaram as cavernas habitáveis, exceto pela escassez de água. A pequena poça que brilhava nas profundezas da distante cratera de Bailley estava desaparecendo rapidamente sob os fortes raios do sol, e o que restava estava sendo trazido para as cavernas por aviões designados, armazenado em todos os tipos de recipientes disponíveis e, em seguida, fervido e filtrado.

Ao chegarem às cavernas, os terráqueos estabeleceram uma espécie de governo comunitário, com o Presidente Carmonne, da França, à frente. No entanto, quando Ernest se recuperou suficientemente, toda a autoridade foi investida nele, apesar de sua relutância.

Havia pouco para ele fazer. A comunidade era em grande parte autogovernada, e sua população heterogênea, representando quase todas as raças, logo se fundiu em um todo cooperativo e democrático.

Um dos primeiros atos de Ernest foi remover os restos mortais do Professor Burke do almofariz e enterrá-los em frente à caverna de sacrifício. Ao redor do túmulo, Mildred plantou algumas sementes que encontrou entre os pertences dele. Na laje rústica que marcava o estranho local de descanso de seu amigo, Ernest providenciou para que fossem esculpidas estas palavras: “O lugar onde o homem morre pelo homem é solo sagrado” — uma citação de Ingersoll, cujas obras, junto com as de Schopenhauer, Mildred também havia encontrado em seu beliche.

Ele-Ela nunca mais voltaria a causar estragos. O mecanismo que operava a armadilha e os braços do ídolo foi destruído e a porta da caverna removida. O interior da laje dourada trazia testemunho mudo dos últimos esforços do Professor Burke para sinalizar um resgate. Estava coberto perto da base com inúmeras marcas onde, deitado no chão da câmara enfumaçada, ele havia soado sua batida inútil. A perna do banco, com as pontas amassadas, foi encontrada onde ele a deixou quando, ao abandonar toda esperança, tomou sua decisão sacrificial. A poeira no chão mostrava onde ele rastejara até os pés do ídolo, para escalar a tigela da morte.

Os habitantes da Terra acharam impossível se ajustar ao cronograma lunar de luz e escuridão, então viviam de acordo com seus próprios relógios, dividindo o dia e a noite em

períodos de doze horas, tanto quanto possível, comendo, dormindo e cuidando de seus afazeres independentemente do tempo lunar, exceto pela necessidade de se confinarem às cavernas durante a “parte diurna” da noite, quando a Terra gigantesca bloqueava a luz do sol. Todos os dias, a Lua era envolta em uma escuridão eclíptica por mais de quatro horas.

Durante a primeira parte das noites, que estavam ficando mais quentes à medida que a Lua retinha mais calor do sol, os terráqueos pouco faziam além de observar o gigantesco globo materno cujos vastos campos verdes, monopolizando o céu, inundavam o satélite com um brilho esmeralda. A Terra agora era “a lua da lua” — Terra, a terrível, ameaçando destruir a esfera filha que havia se afastado ao nascer, e cujo retorno vingativo agora colocava em risco sua própria existência.

Durante os longos períodos de luz solar, os homens, acompanhados por algumas das mulheres mais aventureiras, faziam muitas expedições de exploração nas cavernas e montanhas. As montanhas mais próximas foram visitadas primeiro e proporcionaram muito conhecimento novo sobre os extintos Lunarianos. Diversos tipos de móveis — todos feitos de ouro temperado — foram encontrados, além de muitos outros objetos de ouro, como bacias, urnas e outros utensílios, sem mencionar braceletes, tornozeleiras e outras joias adornadas.

As cavernas estavam literalmente impregnadas de ouro. Grandes veios de ouro eram visíveis em quase todas as paredes, e quanto mais os exploradores penetravam, mais encontravam.

Ernest liderou a exploração do tesouro de Ele-Ela e, fiel à previsão do Professor Burke, continha “cargas” de pedras preciosas; mas, contrariamente à sua profecia, os terráqueos não brigaram pela posse das gemas, nem tentaram minerar o ouro.

As pedras estavam seladas em cofres que precisaram ser abertos com ato-raios. Havia quatro cofres de diamantes, dois de pérolas e dois de uma estranha pedra vermelho-esverdeada que parecia uma fusão de rubi e esmeralda. Alguns dos diamantes, todos lapidados, pesavam mais de mil quilates. As pérolas também eram as maiores e mais perfeitas que os terráqueos já haviam visto.

Ernest se perguntava de onde os Lunarianos haviam obtido as pérolas. Os gigantes bivalves que as produziam deviam ter existido em algum mar, raciocinou, e nunca houve um mar lunar, a menos que a lenda que o Professor Burke encontrou no Monte Hadley, sobre um oceano que existiu no outro lado da Lua, fosse mais que uma fábula.

Diamantes e pérolas não significavam mais do que seixos polidos agora, mas ainda eram coisas belas, então Ernest dividiu o conteúdo dos cofres igualmente entre as pessoas. No dia seguinte, ele viu algumas crianças brincando de bolinhas de gude com as pérolas.

Outra expedição, liderada conjuntamente por Ellington e Harveston, conseguiu alcançar as catacumbas lunares, e lá, mais de um quilômetro e meio da boca do túnel sinuoso, seus ato-raios revelaram uma cidade de dez mil tumbas.

Uma vasta caverna, circular e com pelo menos duzentos metros de diâmetro, formava a necrópole lunar. A parede da câmara levemente arqueada tinha cerca de sete metros e meio de altura e era regularmente cravejada, fileira após fileira, com selos redondos de ouro ajustados rente à superfície tão próximos que quase se tocavam. Havia quatorze camadas completas deles, e outra, no topo, se estendia por quase meia volta.

Ao remover uma das placas com seus ato-raios, os exploradores encontraram uma cavidade cilíndrica com cerca de noventa centímetros de largura que penetrava horizontalmente na rocha dura por uma distância de cerca de quatro metros.

Um punhado de pó era tudo o que restava da estranha criatura cujo túmulo era o cilindro — um punhado de pó no qual repousavam alguns ornamentos enegrecidos.

Após removerem diversas camadas de selos na esperança de encontrar um Homem da Lua mumificado, os exploradores, convencidos de que a busca era inútil, voltaram sua atenção para uma elevação circular no centro da câmara. Descobriram que se tratava de uma estrutura de topo plano, com cerca de dois metros de altura e quase quatro metros de largura, cercada por degraus, e Harveston e Ellington supuseram que era uma espécie de altar onde os sacerdotes lunares realizavam seus rituais funerários.

Começando a sentir os efeitos do ar abafado e insuficiente, o grupo deixou o lugar dos mortos, adornado de ouro.

Estava chovendo quando eles emergiram do túnel meia hora depois — chovendo tão forte que os habitantes da Terra haviam se refugiado nas cavernas. Um relâmpago cegante saudou Harveston e Ellington quando eles chegaram à entrada da passagem, mas isso não os impediu de correr para os aposentos de Ernest para relatar sua descoberta. Encontraram-no junto com Mildred, perto da porta de sua caverna, enquanto a garota exultava com a tempestade.

Na manhã seguinte, Ernest reuniu as pessoas e lhes dirigiu a palavra:

“Enfrentamos outra Grande Mudança, e ninguém pode prever o que ela trará,” começou ele.

“A Terra está a menos de trinta e um mil quilômetros de distância, e o estágio de proximidade crítica está muito próximo. A Lua pode parar quando tiver se aproximado mais algumas centenas de quilômetros, ou pode não parar até chegar a vinte e cinco mil quilômetros do planeta. E não temos certeza se ela vai parar.

“Mas quando tiver percorrido mais alguns milhares de quilômetros, no máximo, e a atração da Terra for contrabalançada pela pressão das marés, uma de três coisas deve acontecer: a Lua pausará por um breve período e depois recuará rapidamente, ou voltará a passos de caracol, ou cairá na Terra como uma flecha.

“Eu acredito, no entanto, que ocorrerá um rápido recuo. Isso está de acordo com a teoria Bartônica, que afirma que o satélite, após ser expulso de sua mãe incandescente, recuou a uma taxa de vários milhares de quilômetros por dia, sua velocidade diminuindo gradualmente à medida que a força das marés se reduzia até que, ao alcançar aproximadamente 160 mil quilômetros, quase parou, e levou milhões de anos para atingir a distância que tinha antes da Grande Mudança. Parece que seu recuo inicial não seria mais rápido do que o estágio final de seu avanço, mas quando a tensão de sua pausa for rompida, a reação das marés provavelmente a fará saltar para longe nos primeiros milhares de quilômetros.

“Como disse ao sugerir a migração para a Lua, a Terra seria habitável com a Lua a não menos de 150 mil quilômetros de distância. Mas poderíamos sobreviver ao retorno da Lua à sua antiga órbita? E seríamos capazes de voltar à Terra algum dia? Essas perguntas são incertas. É possível, no entanto, que o satélite retenha parte da atmosfera da Terra por um tempo, e que o caminho aéreo entre os dois corpos, embora muito mais fino do que o atual, seja denso o suficiente para suportar nossos ato-planos operando em plena potência. E é possível que possamos partir para a Terra antes que a Lua atinja o ponto dos 160 mil quilômetros.

“Se a teoria Bartônica não se sustentar, levará séculos para que a esfera recue mil quilômetros, e nesse caso a rotação e as temperaturas gélidas da Terra a tornariam inabitável por eras.

“Existe, é claro, a possibilidade de que nada disso ocorra. Pode ser verdade, como o professor Burke temia, que a Lua se choque com o planeta. Mas estou confiante de que ela vai parar. A Terra está tão próxima que podemos ver, sem o telescópio, que sua superfície é uma massa quebrada e em movimento. Isso significa que a rotação assustadora do globo impediu que o gelo formasse uma crosta sólida. O mundo está envolto por um mar polar cujos colossais icebergs se agitam por toda parte enquanto ondas montanhosas, açoitadas pela fúria, saltam em direção à Lua atormentadora. Se não fossem as marés, a Lua já teria se chocado com a Terra há muito tempo. Como está, acredito que elas são poderosas o suficiente, com a atração atômica quase ou completamente dissipada, para deter o satélite e lançá-lo de volta ao espaço.

“E quando a Lua hesitar, pressionada pelas forças conflitantes, sua maior tribulação começará. É então que a Terra terá sua vingança. O empurrão e a tração abalarão o menor corpo até seu núcleo. E, por fim, quando o ponto de ruptura for alcançado e a Lua for lançada de volta por alguns milhares de quilômetros, suas convulsões quase a destruirão.

“O terremoto lunar será de duração indeterminada, e é então que nosso destino estará na balança. A severidade dos abalos quase deslocará as montanhas, e é quase certo que as partes socavadas das cadeias vão desmoronar.

“A Lua está agora se movendo em direção à Terra a uma velocidade inferior a trezentos quilômetros em vinte e quatro horas, tendo desacelerado tanto na última semana que as noites são quase tão curtas e agradáveis quanto eram na Terra. Mas o terremoto lunar pode começar a qualquer momento. Não acredito, no entanto, que ele comece antes de a Lua percorrer mais uns oito mil quilômetros. Ainda assim, não podemos confiar mais na segurança das cavernas. A partir de hoje à noite, devemos estacionar nossos ato-planos nas portas e estar prontos para buscar refúgio neles ao primeiro tremor, permanecendo lá até que o pior tenha passado.

“O professor Pickering e outros pesquisadores famosos acreditavam que a Lua poderia girar sobre seu eixo se estivesse apenas a uma curta distância da Terra, e eu também acreditava nisso. Mas isso não aconteceu, e creio que Luna continuará a mostrar a mesma face à Terra, independentemente do que possa acontecer, a menos que ela realmente se choque com o planeta.

“Isso é tudo o que posso lhes dizer. E agora, com o consentimento de vocês, Mildred e eu iniciaremos uma aventura que nos atrai desde que viemos para cá. Queremos fazer uma rápida viagem ao outro lado da Lua antes que a mudança ocorra. Esperamos voltar antes do anoitecer, mas deixarei o presidente Carmonne encarregado do acampamento durante minha ausência. Acho que encontraremos o leito de um grande oceano do outro lado.”

CAPÍTULO XXVIII – O Outro Lado da Lua

Por meio de um crepúsculo estranho que não era nem amanhecer nem anoitecer, o Pioneiro seguia seu caminho. O acampamento dos terráqueos ficava sob a luz solar intensa, a centenas de milhas atrás. À frente, apenas sombras ameaçadoras e o desconhecido portentoso.

Uma sensação que se assemelhava ao medo arrepiava Mildred à medida que as asas da nave cortavam a escuridão. Parecia a ela que eles estavam entrando na temível morada de uma entidade incorpórea muito mais maligna do que Ele-Ela — algo sinistro que poderia, ela imaginava, ser a própria alma de Luna. Por um momento, ela pensou em sugerir que

voltassem às cavernas. Mas, naquele instante, Ernest a chamou animadamente e, apontando à frente, com o rosto expressando absoluto espanto.

No alto da distância sombria, provavelmente não mais que cinquenta milhas adiante, uma linha longa e irregular de brilho cintilava contra um fundo de ébano.

“O que é isso?”, exclamou a garota.

“Não posso imaginar, a não ser que seja algum fenômeno elétrico, semelhante às nossas auroras boreais. Estranho, não é? Veja, é tão constante quanto a luz refletida — e talvez seja isso mesmo. Mas o que poderia estar refletindo?”

A linha serrilhada de luz parecia ascender à medida que o *Pioneer* avançava. Isso, Ernest concluiu, era porque estavam voando baixo e em linha reta. E então, quando o fenômeno parecia quase diretamente acima deles, partes dele começaram a desaparecer, deixando uma fileira de pontos e curvas cintilantes.

Mildred gritou maravilhada e, no mesmo instante, Ernest reduziu os motores e ativou o helicóptero. Um minuto depois, o avião estava hesitante e pairando como um pássaro confuso.

O esplendor acima deles era a luz do sol refletindo nos picos de montanhas altíssimas!

“Devem subir abruptamente,” disse Ernest depois de estabilizar a máquina. “É uma cadeia de montanhas não registrada nos nossos mapas lunares. Não podiam ser vistas da Terra porque esta parte da Lua sempre esteve em sombra. Isso significa que estamos além do polo sul lunar, e na porta de entrada para o outro lado.”

“Quão perto estão as montanhas?” A voz da garota estava repleta de excitação.

“Provavelmente não mais de dez milhas, e devem ter cerca de quinze mil pés de altura, e os picos, pelo menos, são brancos. A fragmentação da luz — veja, não resta muito agora — deve-se ao pôr do sol. Melhor subirmos antes que toda a luz desapareça. Suponho que possamos confiar nos nossos holofotes para evitar uma colisão, mas não quero arriscar com essas montanhas até entender sua altura e como elas se erguem.”

“Mas não será muito escuro para explorarmos o outro lado?”

“Não muito mais escuro do que aqui, mas mais escuro do que eu esperava. O sol ainda está alto a algumas centenas de milhas atrás de nós, sabe, e devido ao ar dispersar a luz, não ficará tão escuro no outro lado — a menos que avancemos demais. Não pretendo explorar muito — apenas satisfazer minha curiosidade sobre aquele mar lunar, e acho que o encontraremos logo no outro lado. Provavelmente estaremos de volta dentro de duas horas. Não acho que devemos temer o que encontraremos no outro lado. Ainda assim, há algum perigo — o desconhecido nunca é seguro. Se algo acontecer com nosso avião, é possível que

nunca mais retornemos. Talvez devêssemos voltar, Mildred. Não estou com medo, mas estou pensando em você. Não há necessidade de correr o risco. Já experimentamos sofrimento suficiente nas mãos da lua, e seria cruel da minha parte arriscar você em mais perigos. Vamos deixar o outro lado em paz. Venha, vamos voltar para as cavernas. Insisto.”

A garota sabia que ele falava sinceramente, mas apenas por sua causa. Sozinho, ele ousaria enfrentar montanhas duas vezes mais altas e céus duas vezes mais escuros. Ela podia ser tão corajosa quanto ele.

“Nem pense em voltar,” respondeu ela. “Não estou com medo, e estou realmente ansiosa para seguir em frente. Se for feio demais, não pousaremos. Vamos logo antes que toda a luz desapareça dos picos.”

Ernest aplicou quase toda a energia do Pioneiro no helicóptero, e o grande avião disparou para cima como um balão, tremendo com o esforço. A quinze mil pés, o brilho nos picos ainda estava acima deles. Meio milha mais alto, e os últimos flashes restantes estavam abaixo deles, aparentemente a cerca de dez milhas de distância. Ernest então parou o helicóptero e navegou diretamente à frente. O restante das montanhas não era visível até que o avião estivesse a duas milhas da luz. Então, através do crepúsculo, eles discerniram o suficiente da imponente cadeia de montanhas para saber que ela se erguia quase perpendicularmente, e que apenas os topos pareciam ser de pedra esbranquiçada, provavelmente mármore. Parecia que a natureza havia tentado erguer uma parede intransponível para esconder o lado negro da lua.

A última luz nos picos apagou-se assim que passaram por eles, porém mais cristas esquálidas eram vagamente visíveis através da escuridão. Ernest desceu algumas centenas de pés para obter uma visão melhor delas, mantendo o avião em sua velocidade mais lenta e virando os holofotes para a frente.

Eles não tinham ido mais de vinte milhas quando as montanhas desapareceram repentinamente sob eles. A cadeia aparentemente terminava tão abruptamente quanto começava.

“O outro lado da lua!”, exclamou Ernest, radiante. “E para onde iremos agora? Acho que continuarei um pouco mais e encontrarei um lugar para pousar. Talvez...”

Um som sibilante e crepitante veio dos motores. O avião mergulhou tão abruptamente que Ernest quase perdeu o controle dele.

“Não é nada sério, querida,” assegurou ele à sua companheira assustada. “Apenas um vazamento de óleo. Acho que posso consertá-lo em alguns minutos depois que pousarmos. Vamos planar.”

Após muitos espirais, que deveriam tê-los trazido para terra firme, o Pioneiro continuava a descer. O altímetro mostrava a Ernest que eles estavam abaixo do nível do mar.

“Estamos sobre o leito do oceano lunar,” ele comentou.

Mais alguns espirais, e os holofotes iluminaram o fundo da grande bacia. O Pioneiro parou de repente em um leito de seixos e areia.

“Bem, nossa jornada de exploração acabou,” disse Ernest. “Devemos retornar assim que eu consertar o avião. Está muito mais escuro aqui do que eu previa. Mas vamos, vamos sair por um momento, para podermos dizer que estivemos no chão do mar lunar. Vamos pegar alguns seixos como prova.”

Mantendo-se no caminho dos holofotes, eles se afastaram apenas uma curta distância, pegaram um punhado das rochas menores e estavam prestes a retornar quando Mildred soltou um grito de descoberta e levantou seu achado para inspeção.

Era a concha de um grande molusco bivalve, quase o dobro do tamanho de qualquer um que eles já tinham visto.

“Agora sabemos de onde os homens da Lua tiraram suas pérolas,” comentou Ernest, “mas como eles atravessaram as montanhas? Como o professor Burke teria gostado de resolver esse mistério. E aposto que ele teria querido sair imediatamente para encontrar os leitos dos rios que alimentavam o mar. Não havia grandes rios no lado exposto, você sabe, então todos os rios devem ter suas fontes na metade oculta. Vamos, vamos voltar para o avião. Acho que consigo consertar o vazamento por dentro.”

O problema se mostrou mais sério do que Ernest pensava. Os motores estavam quase submersos em óleo.

Após três horas, o trabalho ainda o deixava perplexo. Estava ficando bastante escuro, e Mildred, observando as estrelas, ficou surpresa ao ver aquelas próximas ao horizonte serem encobertas de repente. Nuvens estavam se formando.

Dentro de outra hora, o céu inteiro estava coberto, e então vieram flashes de relâmpagos incontrolláveis que revelaram milhas da bacia ao redor e delinearam as montanhas próximas. O estrondo do trovão era ensurdecedor.

Ernest terminou de soldar o vazamento no momento em que a tempestade começou.

“Espero que não dure muito,” ele disse. “O sol logo se porá no outro lado, e a menos que consigamos atravessar as montanhas antes disso, teremos que ficar até ele nascer de novo.”

Mas a tempestade demorou, crescendo em intensidade. A chuva foi tão forte quanto qualquer outra que eles tinham visto na Terra. E quando os elementos cessaram sua fúria e as

estrelas reapareceram — brilhando com um esplendor muito maior do que o casal da Terra já tinha visto desde sua viagem pelo espaço —, era noite, e a escuridão, uma escuridão cimeriana, caiu sobre eles como um cobertor sufocante.

Ernest desligou os holofotes e ligou toda a iluminação interna. O rádio logo os colocou em contato com a nave do Capitão Ellington, e Ernest informou o operador sobre o ocorrido. “Diga a Ellington que estamos em segurança e voltaremos ao acampamento em algumas horas, após o amanhecer.”

A comunicação com o acampamento foi estabelecida em intervalos durante as primeiras horas da noite, e os livros do professor Burke também ajudaram a passar o tempo até que Mildred adormecesse, com a cabeça no ombro de Ernest.

CAPÍTULO XXIX – De Volta à Terra

Deve ter sido perto da meia-noite quando o tremor lunar começou.

O grande paroxismo veio sem aviso. A esfera cambaleou como se tivesse sido atingida por um golpe devastador. Reverberações, sepulcrais e opressivas, ecoaram pelo ar. A Lua saltou e sacudiu, contorcendo-se e convulsionando-se até que sua epilepsia parecia uma dança da morte. O casal terrestre sentiu o Pioneiro escorregar e deslizar, e souberam que a superfície estava se movendo.

Ao longo da noite, o abalo continuou com intensidade crescente. Ernest sabia que a Lua estava sendo sacudida até o seu centro, e duvidava que pudesse sobreviver à tortura. O barulho do caos tornou-se ensurdecedor, avassalador. Um ulular staccato elevou-se acima do estrondo. A Terra estava tendo sua vingança, e a Lua gemia em sua terrível agonia e ódio.

A maior parte da luta terminou tão abruptamente quanto começou. Um choque que sacudiu o satélite até o limite da destruição foi o final.

Acabou, mas o orbe derrotado continuava a tremer. Ernest, olhando para as estrelas, viu-as correrem pelo céu sombrio e soube que a Lua estava sendo arremessada de volta ao espaço.

Ele tentou sinalizar o acampamento imediatamente, e tentou várias vezes. Silêncio. Ele temia o pior.

Logo que a manhã enevoadá se rompeu sobre o mar desaparecido, o Pioneiro decolou. As montanhas foram atravessadas sem dificuldade. Alguns de seus picos, vistos através da escuridão, pareciam ter desmoronado. E alguns minutos depois, quando o avião irrompeu na luz do sol, a Lua devastada estava revelada.

O que antes era uma planície agora era um desperdício anômalo. A superfície estava rachada, deformada, afundada, inchada. Rochas enormes se projetavam aqui e ali. Algumas das fissuras eram abismais.

A última esperança de sobrevivência para seus camaradas morreu assim que os Dorfels apareceram. A grande cordilheira estava completamente devastada e quase toda destruída. De longe, via-se que centenas de picos haviam rachado e desmoronado, e quando o Pioneiro sobrevoou a devastação, milhares de fissuras prodigiosas abriam-se famintas. Aqui e ali surgiam grandes depressões, como se as montanhas fossem simples montes de papel machê pisoteados por Gog e Magog.

E quando o Pioneiro pousou, não havia nenhum vestígio da cidade cavernosa. Milhões de toneladas de rocha haviam desabado das alturas turbulentas e aniquilado tudo. Ernest acreditava que a destruição veio com o primeiro espasmo da Lua, e que os aviões, às portas das cavernas, haviam sido soterrados antes que os últimos da Terra, apressando-se de suas células em colapso, pudessem alcançá-los.

Uma solidão infinita e tristeza envolveu o homem e a mulher. A realização de que eram o último casal da Terra os deixou atordoados.

Quando, após muitos minutos, Ernest falou, sua voz era oca. “Sozinhos em um universo de morte,” disse. “Talvez fosse melhor termos perecido também.”

E, durante os dias de pesadelo que se seguiram, enquanto esperavam que a Lua regressiva desfizesse parte do dano no planeta, para que pudessem retornar, imaginaram mais de uma vez que haviam morrido de verdade, e agora eram fantasmas em uma esfera espectral. Ocasionalmente, Ernest apontava seu telescópio para a Terra, e uma vez Mildred visitou o jardim que havia plantado perto do túmulo do Professor, e encontrou coisas verdes crescendo. O próprio túmulo estava enterrado sob a queda de rochas, assim como a casa próxima de Ele-Ela.

Um homem e uma mulher — o último casal da Terra — lutando pelo espaço em um frágil fio de ar. Atrás deles, uma Lua móvel, trêmula em retirada. À frente, um mundo cansado, visto como um globo glacial. Ao redor deles, piscando através do éter envolvente, a sublime e magnífica visão das esferas.

O ar estava tão rarefeito que o Pioneiro mal conseguia manter o curso. Com todos os motores em velocidade máxima, não conseguiam fazer mais de seiscentos quilômetros por hora. Uma vez, encontraram um pequeno “bolsão” e o avião caiu centenas de metros.

O telescópio revelou que o manto de gelo da Terra estava se rompendo rapidamente, e quando haviam percorrido metade da distância, a terra começou a aparecer. O ar estava ficando mais denso.

Quando estavam a cerca de oito mil quilômetros do planeta, algumas de suas alterações na superfície foram reveladas. Era impossível identificar os continentes, dos quais muitos agora podiam ser vistos. Havia terra onde deveria haver água, e mares onde antes havia terra.

E quando os continentes se delineararam com mais clareza, estavam totalmente alienígenas aos quais o casal terrestre estava familiarizado. Grandes cordilheiras de gelo apareceram na maioria deles, perto da linha do equador, e se estendiam longe para o mar. As Américas podiam ser discernidas, mas pareciam ter encolhido bastante, e a região do istmo era uma zona de gelo. Com exceção da Austrália, que foi prontamente reconhecida, eles não conseguiam ter certeza dos outros continentes. Grande parte do que acreditavam ser a Europa havia desaparecido no mar ou sob uma camada de gelo que cobria a parte sul. Grande parte da Ásia, incluindo toda a sua faixa de ilhas, também havia sumido. A metade norte da África estava completamente coberta por uma capa de gelo, e parte da sua costa sul havia sido levada pelo mar. Pequenas ilhas haviam surgido em todos os mares.

A rotação do globo revelou outra mudança surpreendente: os polos não estavam mais congelados! Terras escondidas desde alguma era glacial anterior estavam expostas, e havia muito mais delas perto de cada polo do que os geólogos acreditavam. Ainda havia algumas geleiras sobre essas terras, no entanto, e milhares de enormes icebergs nos mares circundantes.

A verdade surgiu de repente para Ernest — a Terra torturada havia mudado de eixo!

O Pioneiro estava agora descendo rapidamente, trazendo outras mudanças à vista. Foi observado que todas as cadeias montanhosas haviam sido desgastadas, algumas das cadeias menores praticamente desapareceram. Havia muitos novos rios, e alguns dos antigos haviam sido apagados. Manchas escuras aqui e ali no interior dos continentes provavelmente eram os restos de cidades.

Ernest fez sua nave pousar na costa de um continente que ele acreditava ser a Groenlândia.

Poucos minutos depois, o homem e a mulher estavam caminhando pela praia, aprendendo a andar novamente. Pareciam ter se tornado coisas de chumbo, pesadas e desajeitadas. Era como se nunca tivessem conhecido a gravidade da Terra.

O sol brilhava e uma brisa de calor estava no ar, embora o frio dos icebergs alertasse para noites amargas.

Andando um pouco para longe da costa, encontraram grama e ervas surgindo. A Terra não estava morta, afinal. Ela lhes daria sustento, e o mar também poderia fornecer algo. Havia comida concentrada suficiente no avião para durar vários meses, e então poderiam plantar o grão e as sementes de vegetais deixados pelo Professor Burke. O Pioneiro os abrigaria e protegeria do frio.

“Outro Adão e Eva, mas um Éden estranho,” disse Ernest, com um toque de humor. “Um Éden sem nada além de nós.”

“Um novo Adami e Heva,” sorriu Mildred. “É uma versão mais antiga da criação do que aquela dada em Gênesis, e muito mais agradável, eu acho. Eu estava lendo sobre isso em um dos livros do Professor.”

“Sim, eu me lembro,” disse Ernest. “O Supremo Brahma colocou o homem e a mulher em uma ilha e lhes disse para ficarem lá. Mas Adami persuadiu Heva a migrar. Brahma os amaldiçoou, mas o homem falou, ‘Amaldiçoe-me, mas não a amaldiçoe; não foi culpa dela, mas minha.’ O Supremo Brahma disse, ‘Eu salvarei ela, mas não a ti.’ Mas a mulher não quis viver sem ele, e disse, ‘Se não pouparem a ele, não me poupe também, pois eu o amo.’ Então o grande Brahma se compadeceu e disse, ‘Eu cuidarei de vocês e seus filhos para sempre.’”

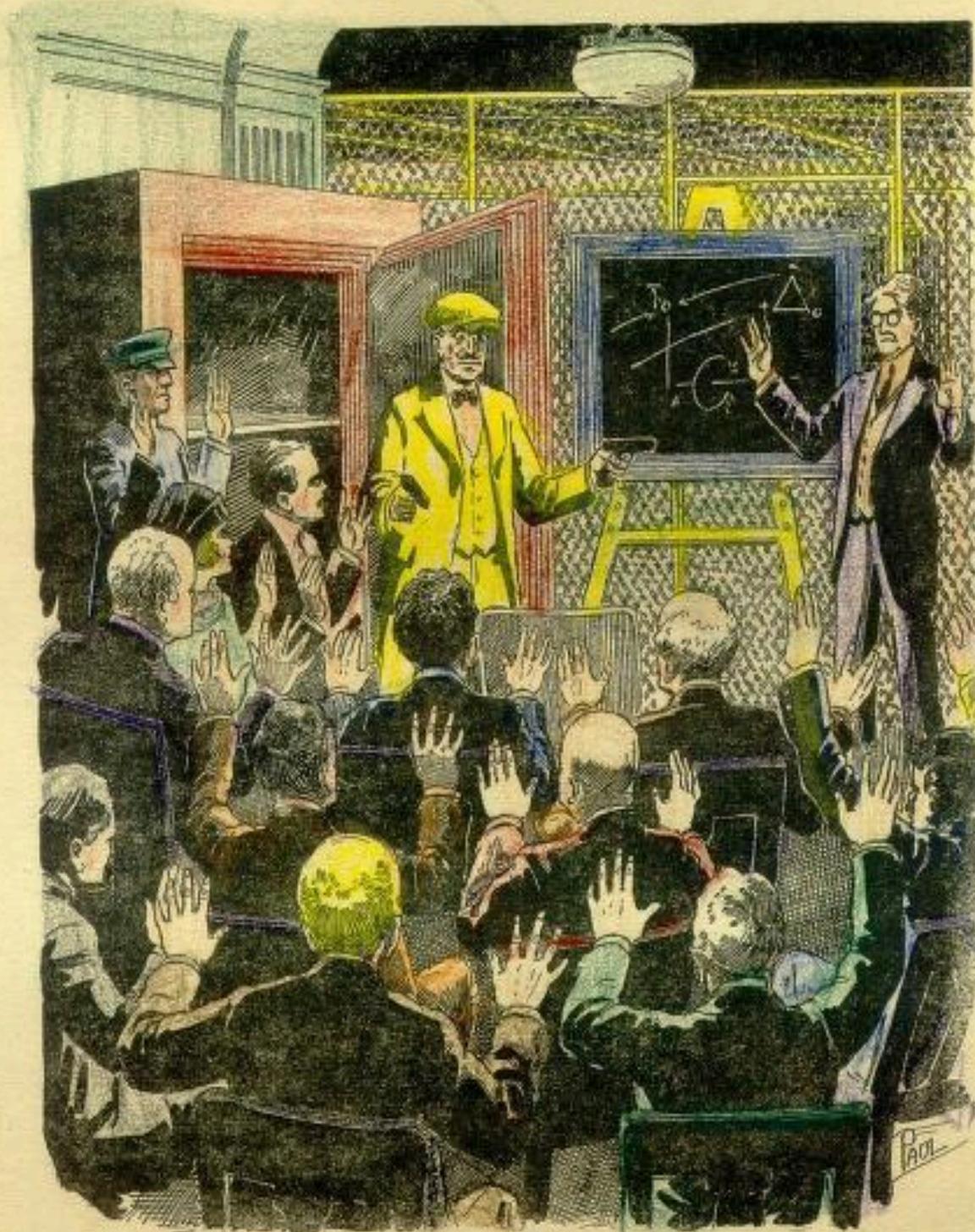
Ernest beijou a garota e a segurou em um longo abraço. Depois, de mãos dadas, começaram a explorar o seu paraíso.

Um homem e uma mulher.

The ATOMIC RIDDLE

by Edward S. Sears

Author of "The Shadow on the Spark."



"Put 'em up everybody!"
This command came in curt fierce tones from Frenchy Vergoyne. Not being under arrest and being a very accomplished criminal, he had picked the pockets of Inspector Graves and his two deputies, relieving them of their weapons and their watches. Two of the pistols he now held in his hands.

O Enigma Atômico

Edward S. Sears

Os cidadãos de Houston, Nova Jersey, poderiam ter sido observados por volta das duas horas de uma tarde de outubro de 192—, reunidos em torno do prédio de doze andares do Castile Bank and Trust Company.

Na noite anterior a essa reunião de cidadãos, \$100.000 em notas, a maior parte em grandes denominações, havia sido colocado no cofre novo e moderno da empresa, na presença de pelo menos seis funcionários do banco. O caixa, um dos homens mais proeminentes do círculo de jovens de Houston, havia configurado a combinação e ido para casa. Durante a noite, o dinheiro desapareceu. O cofre estava intacto.

Roger Bolton, o caixa, era o último de uma antiga família, que contava com estadistas, engenheiros e educadores em sua linhagem, desde o início do século XIX. Sua carreira universitária havia sido brilhante. Ele conquistou o direito de usar a letra da universidade em seu suéter; em suma, aos trinta anos, poderia ser considerado como alguém que havia se lançado em uma carreira promissora no mundo das finanças. Seu salário era de \$10.000 por ano, uma quantia que o banco considerava uma garantia suficiente contra a tentação.

Sendo um sujeito alto, de boa aparência, atlético, com traços regulares e boa postura, não causou surpresa quando seu noivado com a filha de um dos maiores magos financeiros de Nova York foi anunciado. Olive Velie, aos vinte e cinco anos, ainda não era casada, embora suas oportunidades incluíssem quatro ou cinco possíveis títulos e dois ou três possíveis castelos. Ela tinha grandes olhos sonhadores, sobre os quais havia sobranceiras delicadamente desenhadas, um nariz não muito grande, mas também não negligenciável, uma boca não exatamente curvada, mas inclinada, às vezes, a uma severidade de linha dura. Seu queixo era bem arredondado, as bochechas não muito cheias e seu pescoço era bem moldado e esguio. Ela tinha seios fartos e cabelos abundantes e escuros.

Olive havia entrado no escritório de seu pai enquanto ele discutia com Roger Bolton os termos de uma nova emissão de títulos de Molgravia — Molgravia sendo um dos Estados Balcânicos ligeiramente ampliado pela Liga das Nações após a Primeira Guerra Mundial. O entendimento de Bolton sobre o assunto despertou tal admiração no velho Velie que ele elogiou o jovem por sua sugestão de distribuição do peso do empréstimo. E Tom Velie não era conhecido por distribuir elogios generosamente.

“Olive,” disse Velie, “deixe-me apresentar o Sr. Roger Bolton, que foi muito além do abc do sistema bancário.”

Roger, levantando os olhos, viu uma garota, um pouco acima da altura média, de cabelos escuros e completamente adorável. Ele percebeu que seus braços nus eram perfeitamente formados, seus dentes brilhando através de um sorriso muito gracioso, enquanto ela reconhecia a apresentação. Aparentemente, ambos os jovens reconheceram uma afinidade imediata.

“Pai,” ela disse, “não temos compromissos esta noite. O Sr. Bolton, se estiver livre, poderia jantar conosco.”

Bolton, naturalmente, aceitou. Eles foram ao teatro, voltaram para casa e encontraram algo para conversar até uma da manhã. Durante seis meses, grande parte do tempo livre do jovem foi passada na residência dos Velie ou acompanhando Olive a uma ou outra função. Logo ficaram noivos, mas o casamento foi adiado indefinidamente, pois Bolton considerava \$10.000 por ano uma soma insuficiente para se casar com os milhões dos Velie.

É assim que as coisas estavam no dia em que o povo de Houston se reuniu em torno do prédio de doze andares do Castile Bank and Trust Company. No intervalo entre o depósito dos \$100.000 no cofre e o retorno de Bolton na manhã seguinte, toda a quantia havia desaparecido. Esse dinheiro estava em notas, mas por alguma curiosa negligência, a quantia de \$10.000 em ouro, que não fazia parte do empréstimo de Molgravia, não foi tocada. Bolton, perplexo, não conseguiu sequer sugerir uma explicação. De fato, sua súbita expressão de terror, tão distante de sua habitual postura de coragem fria, imediatamente gerou suspeitas sinistras.

O cofre, que havia sido recentemente instalado, parecia exatamente como no dia anterior, mas o dinheiro havia desaparecido. A polícia começou imediatamente uma investigação sobre os bancos e funcionários.

Cinco funcionários e caixas tinham certeza de que viram Bolton colocar o dinheiro no cofre e configurar a combinação. Nenhum alarme havia soado durante a noite. Nada indicava que o cofre tivesse sido arrombado. Nada havia sido perturbado no banco. Parecia óbvio que Bolton havia colocado apenas alguns pacotes no cofre e escondido os \$100.000 em algum lugar durante a noite. E como Bolton não ofereceu explicações, ele foi preso.

Os cidadãos, que quase idolatravam esse jovem, que havia progredido tão rapidamente sob seus próprios olhos, imediatamente se convenceram de que estavam

abrigo uma víbora e o desanimado Bolton foi recebido com vaias enquanto um carro da polícia o levava para a delegacia para um intenso interrogatório que envolvia intermináveis repetições da pergunta incessante:

“O que você fez com o dinheiro roubado?”

Olive Velie, após uma noite de sonhos cor-de-rosa sobre o futuro, no qual Bolton ascendia continuamente no mundo das finanças, acordou para um rude desapontamento. Quando viu uma cópia do Houston Globe, uma foto de seu namorado a olhava debaixo de uma manchete que anunciava: “O mais proeminente banqueiro de Houston é preso. Roger Bolton acusado de roubo de \$100.000.”

O velho Tom Velie viu as manchetes na mesa do café da manhã.

“Bem,” ele exclamou, “estou amaldiçoado se algum dia teria acreditado nisso sobre ele. Que loucura, mania suicida. Ora, o jovem tolo, se ele quisesse \$100.000 para se casar, eu teria dado a vocês dois a qualquer momento, e ele sabia disso.”

“Oh, pai, não fale assim,” disse Olive. “Você não acha por um momento que ele pegou todo esse dinheiro, acha?”

“Parece muito ruim. Ele foi o único que lidou com o dinheiro. O dinheiro sumiu. O cofre não foi aberto. Vou conseguir o melhor advogado para ele, no entanto.”

“Bem, a menos que ele admita isso, eu nunca vou acreditar que ele fez algo tão idiota. Assim que a investigação acabar, eu irei até ele. Deus sabe que ele provavelmente será bem torturado até podermos vê-lo,” disse Olive.

Enquanto isso, os oficiais de polícia de Houston, ansiosos por acrescentar mais um feito ao seu currículo, estavam submetendo Roger ao refinado processo conhecido como terceiro grau. O interrogatório foi conduzido em um canto de uma das grandes salas da delegacia. Uma luz brilhava diretamente em seus olhos. Ao seu redor estavam agrupados policiais uniformizados e um ou dois à paisana. Não havia crueldade. Simplesmente a mesma, interminável repetição das mesmas perguntas monótonas.

“Conte logo, Roger. Onde está o dinheiro?” ou

“Quem mais estava envolvido nisso? Quem levou o dinheiro?” e coisas assim.

A todas essas perguntas Roger respondeu que estava tão perplexo quanto eles.

Agora, essa investigação trouxe à tona duas novas pistas.

Um novo vigia noturno, que havia sido muito bem recomendado, mas contratado apenas alguns meses antes, desapareceu no dia após a prisão de Roger. Um assistente de caixa, vindo de outra cidade, mas cujas credenciais pareciam boas, também estava desaparecido. Naturalmente, presumiu-se que eram cúmplices de Roger.

Portanto, como um alívio bem-vindo à mesma interminável pergunta, Roger foi questionado de tempos em tempos...

“Onde está o vigia?” ou “Onde está o assistente de caixa?”

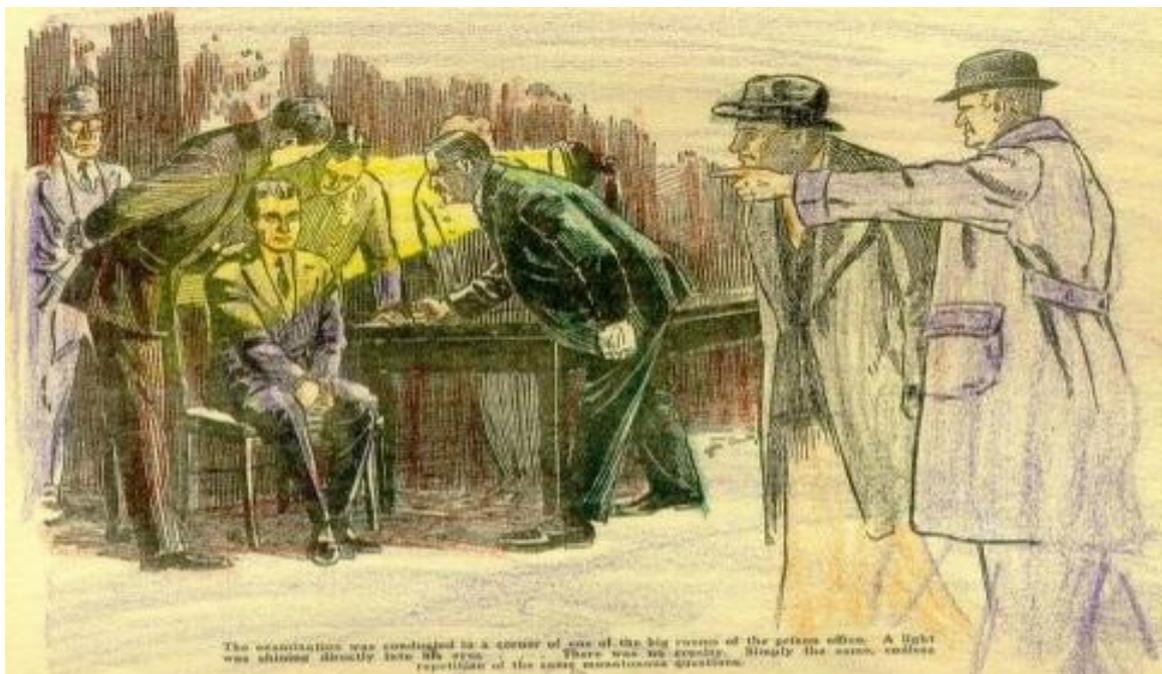
Roger suportou bem a provação. Finalmente, para dar alguma coerência ao inquérito, os oficiais permitiram que um advogado de Nova York, escolhido por Tom Velie, o visitasse. Eles instalaram ditáfonos para gravar qualquer deslize que Roger pudesse cometer durante a entrevista. Mas foi inútil. Ele apenas dizia:

“Eu não sei nada sobre o roubo. Estou tão surpreso quanto vocês. Se eu pudesse explicar, o faria de bom grado.”

Willoughby, o advogado, um ex-promotor que havia voltado à advocacia, relatou a Velie e Olive com uma tremenda raiva.

“Como posso ajudar esse jovem tolo se ele não confia em mim? Ele simplesmente diz, repetidamente, que não sabe nada sobre isso.”

“Bem, se ele sabe de algo sobre isso, eu vou descobrir para minha própria satisfação,” exclamou Olive. “Eu sei que Roger é incapaz de algo desonroso. Ele sabe que eu o abandonaria no mesmo instante se ele se rebaixasse a algo tão vil. Ele provavelmente está tão agitado neste momento que não sabe o que está dizendo.”



Olive mandou chamar o carro e disse ao motorista para não perder tempo no caminho para Houston. Os oficiais da prisão prontamente permitiram que ela visitasse Roger em sua cela, ouvindo cada palavra que eles trocavam.

“Roger,” ela o saudou, “você não consegue pensar em como esse dinheiro desapareceu?”

Apesar dessa saudação brusca, ela o abraçou com toda a fé e fervor do mundo.

“Querida,” disse Roger, com a primeira nota de esperança nessa semana em sua voz, “Se você tivesse pensado que eu era culpado, eu quase teria acreditado nisso também.”

“Agora me conte tudo sobre a tarde em que você trancou o cofre, Roger. Você estava comigo na quinta-feira à noite, na noite anterior ao desaparecimento do dinheiro. Vamos ver. Você jantou conosco. Agora, levando uma hora e meia para chegar a Houston, isso lhe deu tempo apenas para se arrumar para o jantar. Descreva como guardou o dinheiro. Seu advogado precisa de algo em que trabalhar, você sabe.”

Essa conversa encantou os policiais e detetives que escutavam e tomavam notas a toda velocidade. Como haviam decidido que Roger era culpado, todos esses detalhes haviam sido negligenciados ou deixados para o futuro.

“Quinta-feira à tarde, meu último dia no banco,” disse Roger, “nosso novo cofre havia acabado de ser instalado. No cofre estava a maior parte do dinheiro que o banco mantinha em mãos. Mas neste novo cofre, coloquei \$100.000, o valor da nossa assinatura no empréstimo Molgraviano — nossa parte na nova emissão de \$50.000.000 realizada pelos bancos de Nova York com a ajuda de seu pai. Isso foi classificado em denominações e cada pacote cuidadosamente marcado com o valor de cada um. Em uma caixa de aço, no mesmo cofre, estavam \$10.000 em ouro. Eu me pergunto se isso também desapareceu.”

“Não desapareceu,” disse Olive. “Isso torna as coisas ainda mais suspeitas para você. Mas não se preocupe. O que você sabia sobre esses dois homens que estão desaparecidos?”

“Muito pouco. O presidente do banco, Sr. Briscoe, disse que eles vieram com ótimas recomendações. Lawson, o assistente de caixa, sabia tudo sobre empréstimos estrangeiros. Seu sotaque, no entanto, me fez suspeitar que Lawson não fosse seu verdadeiro nome. Além disso, ele era muito superior à sua posição. Era de físico leve, com uma mente quase mecânica. Sua memória era prodigiosa. Seus olhos nunca vacilavam. Apenas olhavam diretamente através de você. O vigia não era de Houston, mas aparentemente tinha experiência em proteger bancos. Nunca troquei mais que um ‘Como vai?’ com ele.”

“Bem, você me contou algumas coisas que o advogado não conseguiu arrancar de você, e isso vai ajudar um pouco. Agora, Roger, mantenha a cabeça no lugar e não se preocupe se eu não vier vê-lo por um tempo.”

Ela o segurou em um abraço quase maternal por um momento e saiu da prisão. Quando chegou a Nova York, Olive foi direto ao Sr. Willoughby para contar o que soubera.

“Não há muito nisso, Srta. Velie,” disse ele, “mas onde estamos certos de que nosso cliente é inocente, isso já ajuda bastante. Até agora, a única prova da culpa de Bolton é o fato de que o dinheiro desapareceu. E isso é quase suficiente para condenar. O que você puder fazer de agora em diante, Srta. Velie, não será demais.”

O *Castile Bank and Trust Company* tinha seguro contra roubos e contra desfalques. Além disso, Roger estava segurado no valor de \$25.000. Consequentemente, essas duas seguradoras imediatamente colocaram seus detetives no caso do dinheiro desaparecido. Depois de uma semana de investigação, estavam exatamente onde começaram. Roger foi acusado formalmente de desfalcar \$100.000 do *Castile Bank and Trust Company*.

As autoridades de Houston chamaram o Inspetor Craven, do departamento de polícia de Nova York, para investigar o roubo. Se o dinheiro pudesse ser recuperado e os culpados levados à justiça, o Inspetor Craven era o homem para fazer isso. Combinando tenacidade de um buldogue, perspicácia e conhecimento de como as mentes criminosas funcionavam, ele possuía uma inteligência notável para encontrar motivos nos golpes mais misteriosos do submundo. Amigo de Tom Velie, ele discutiu o roubo com ele antes de visitar Houston. Embora relutante em tirar conclusões precipitadas, o Inspetor Craven disse francamente que a situação não parecia boa para Roger Bolton.

“Sr. Bolton,” ele começou, “Estou familiarizado com os fatos até onde são conhecidos. O que quero que faça é me oferecer alguma teoria ou apontar alguma pessoa, além de você, que poderia ter aberto o cofre, retirado o dinheiro e ajustado a combinação novamente.”

“Inspetor Craven,” Bolton respondeu, “acusar outra pessoa está totalmente além de mim. Nem mesmo o presidente do banco sabia a combinação daquele cofre. Essa era minha responsabilidade. A combinação estava na minha cabeça. Ninguém poderia tê-la lido, pois nunca foi escrita. Ou há uma maneira de abrir esse cofre sem conhecer a combinação, o que, na minha opinião, é impossível, ou o dinheiro atravessou as paredes do cofre, o que é igualmente impossível.”

“Bem, Sr. Bolton,” disse o Inspetor Craven, levantando-se, “se pretende fazer essa declaração a um júri, é melhor se preparar para passar os próximos anos da sua vida na prisão. Se os \$10.000 em ouro não tivessem permanecido no cofre, eu quase adotaria a teoria de que o cofre foi removido e outro colocado em seu lugar. Isso é tão fantástico quanto sua suposição de que o dinheiro atravessou as paredes do cofre. Conhecendo você, Tom Velie e especialmente a Srta. Olive Velie, aceito, por enquanto, pelo menos, sua declaração de inocência. Talvez, depois de examinar o cofre, eu possa mudar de opinião. Adeus.”

Saindo da prisão, o Inspetor Craven caminhou a curta distância até o *Castile Bank and Trust Company*. O Sr. Briscoe veio imediatamente cumprimentá-lo.

“Como vai, Inspetor,” ele disse. “Entre. Suponho que queira dar uma olhada.”

“Sim, Sr. Briscoe. O cofre está da mesma forma que na noite do roubo?”

“Não foi tocado. Nunca ouvi falar de algo tão misterioso. Fizemos uma auditoria nas contas de Bolton e não há o menor indício de irregularidade. Claro, dois funcionários desapareceram, mas nem o caixa-assistente nem o guarda sabiam a combinação. Além disso, não houve absolutamente nenhum sinal de qualquer distúrbio.”

Ele conduziu o caminho até o cofre. Não era especialmente grande, mas era formidável, de qualquer maneira. A porta tinha cerca de um metro e meio de altura, com um cadeado de combinação de tamanho respeitável. Estava na parte de trás do banco, com um lado exposto e outro embutido em um nicho. O Inspetor Craven examinou o exterior e usou seu microscópio de tempos em tempos, mas não disse nada. O interior do cofre revelava pouco. Tudo estava como na noite em que o dinheiro desapareceu.

Quando o inspetor chegou ao quartel-general em Nova York, encontrou Olive Velie esperando em seu escritório.

“Ouvi dizer que você foi para Houston, Inspetor,” ela disse. “Encontrou algo animador?”

“Bem, Srta. Velie, há uma chance em um milhão de que o dinheiro foi colocado no cofre, como Roger Bolton diz, e que foi retirado. Como isso poderia ser feito está além de mim. Você pode imaginar como as paredes de um cofre poderiam permanecer intactas depois de terem sido abertas para permitir a remoção de \$100.000 e, ainda assim, não deixar vestígios? Não é o melhor cofre do mundo. Um bom ladrão poderia cortar aquela porta em cerca de dez minutos com um maçarico de oxiacetileno. Mas ele não poderia deixá-la intacta. Não há impressões digitais. Mas os criminosos modernos

não deixam mais impressões digitais. A presença delas nos diria algo, mas sua ausência significa pouco. Francamente, Srta. Olive, como as coisas estão no momento, eu faria exatamente o que a polícia de Houston fez. Eu colocaria Roger Bolton sob custódia.”

“Ainda assim, devo admitir que, se ele soubesse algo sobre o dinheiro, teria se traído de alguma forma, a menos que fosse um criminoso endurecido, o que, é claro, não acredito nem por um momento.”

“O que podemos fazer, Inspetor? Não há um homem especializado em cofres e combinações? Não há ninguém entre os fabricantes de cofres que possa imaginar uma maneira de o cofre ter sido roubado?”

“Pensei nisso, Srta. Olive. Consultei alguns deles e eles dizem que Roger deve ser culpado. Cheguei até a escrever uma carta para um amigo meu, que tem um aparato de pensamento bastante incomum e que muitas vezes ridicularizou minhas teorias. Mas ele está em Nova Orleans agora, como convidado da Associação Médica do Sul, e ficará lá por mais uma semana. Até lá, Roger pode estar tão envolvido que será impossível ajudá-lo. Você gostaria de ir a Nova Orleans com seu pai, na chance de que o Dr. Jarvis possa ajudar?”

“Eu aceitaria qualquer chance,” disse Olive. “Mas meu pai não precisa ir. Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma. Você me daria uma carta para o seu amigo?”

“Certamente. Srta. Roberts,” ele chamou sua secretária, “por favor, redija esta carta.”

“Dr. Milton Jarvis,

“Hotel Magnolia,

“Nova Orleans, LA.

“Meu caro Dr. Jarvis:

“A portadora desta carta, Srta. Olive Velie, é filha do Sr. Tom Velie, um de nossos principais financistas, que, é claro, é bem conhecido por você. Ela explicará o problema a você, um problema cuja solução, confesso livremente, está além de mim. \$100.000 foram retirados de um cofre no *Castile Bank and Trust Company*, se o noivo da Srta. Velie tiver crédito, por ladrões de tal habilidade que não deixaram nenhum rastro de sua presença no cofre. Agora, como \$100.000 podem ser retirados através de paredes de aço de espessura considerável sem deixar uma pista? A menos que alguém descubra como isso pode ser feito, Roger Bolton provavelmente cumprirá uma pena na prisão, e eu talvez tenha que ajudá-lo a chegar lá. Este não é um problema médico, mas você acompanha tanto a ciência que me perguntei se poderia ajudar neste caso.

“Sinceramente,

“Inspetor Craven, Polícia.”

A única noite que ela passou no trem foi sem dormir, mas, antes de se entregar ao desespero ou de imaginar uma visão mais feliz, o trem já estava cruzando a ponte sobre o Lago Pontchartrain, e ela estava em Nova Orleans. No Hotel Magnolia, soube que o Dr. Jarvis havia ido ao Hospital Touro para ministrar uma palestra às dez e meia. Como ainda eram nove horas, Olive teve algum tempo para se arrumar antes de sair para a Avenida Prytania, onde o hospital está localizado. Ela tinha acabado de se acomodar em sua cadeira no grande auditório quando o presidente da Associação Médica apresentou o Dr. Milton Jarvis.

Olive observou curiosamente aquele homem de quem esperava tanto. Ele era relativamente alto, muito ereto, esbelto, com penetrantes olhos escuros. Suas roupas estavam bastante na moda, mas ajustadas ao corpo, de modo que seu desenvolvimento muscular extremo era aparente. No entanto, nem suas roupas nem sua constituição atraíram tanto a atenção dela quanto a inteligência extrema de seu rosto. Seus olhos eram sagazes, seus lábios firmes. Ele não parecia ser o tipo de homem que aceitaria contradições pacientemente.

O Dr. Jarvis começou sua palestra com comentários sobre uma conferência dada por um dos membros proeminentes da Associação na noite anterior. Essa conferência, ao que parecia, tratava de úlceras pilóricas. Ele revisou, para o benefício das enfermeiras, as várias formas de tratamento; primeiro, uma operação em que o piloro era seccionado em sua junção com o estômago, a lesão ofensiva era removida e a extremidade do piloro era religada ao seu hospedeiro. Ele descreveu isso como um remédio bastante sério. Em seguida, falou sobre as várias dietas que ou irritavam o local ferido ou acalmavam.

Mesmo para uma garota tão alerta e inteligente como Olive, esse assunto teria sido uma grande provação em circunstâncias normais. Mas a irmã de Tom Velie, Anne Rounsaville, viúva de um diplomata francês, era uma mulher que, durante os últimos dez anos de seu luto, dividia suas afeições igualmente entre um fox terrier de mau humor e uma úlcera pilórica. Como Olive tinha suportado pacientemente todos os sintomas, ela era a favorita da velha senhora. Anne Rounsaville, tendo um temperamento analítico, relatava a Olive, em cada visita, o efeito exato de alimentos macios, pães grossos, ácidos, bases e o que mais fosse, em sua doença favorita.

Portanto, o Dr. Jarvis estava abordando um terreno familiar ao discutir as várias fases dessa enfermidade comum. Foi uma grande decepção para Anne Rounsaville que um ataque de pneumonia tenha sido fatal e toda sua preocupação com a úlcera pilórica não tenha valido de nada. Mas a gratidão pela paciência de Olive como ouvinte levou sua tia a deixá-la uma fortuna de mais de meio milhão.

Depois de discutir tópicos puramente médicos por algum tempo, o Dr. Jarvis passou a falar sobre biologia e química, dos quais falava como alguém com uma paixão.

“Vocês devem saber,” ele disse, “que não só nas ruínas antigas e nos pergaminhos amarelados podemos traçar a história do homem, mas também nas camadas ou níveis sucessivos da Terra podemos traçar a história dos elementos. O que chamamos de matéria tem uma aparência de vida. Tomemos, por exemplo, algo tão comum quanto a amônia. Ela pode ser combinada de maneiras que servem como alimento e entrar em nossos corpos como parte de organismos vivos. Pode ser deixada em outro estado e se tornar combustível. Átomos, moléculas, colóides, todos têm suas histórias e todos foram modificados com o tempo. Fundamentalmente, estamos próximos de concluir que o átomo de hidrogênio e, além dele, os elétrons e prótons do hidrogênio são elementares. Se o hidrogênio está na base de todos os outros átomos, exceto que há mais elétrons em um do que no outro, qual é a diferença entre os elétrons de hidrogênio no tecido vegetal e aqueles que entram no material de um arranha-céu? Simplesmente uma diferença no número e no arranjo dos elétrons em torno do núcleo contendo o mesmo número de prótons.

“Assim, a barreira entre o mundo vegetal e o mundo animal, ou o mundo mineral, que em todos os livros antigos era tão nitidamente definida que eram classificados como pertencentes para sempre a mundos separados, foi derrubada.

“Nosso raciocínio na medicina, como em todos os lugares, é nosso melhor guia. Antigamente, tudo dependia da matéria médica e de conhecer suas fórmulas. Mas agora é diferente. Suponham que vocês, enfermeiras, estivessem observando um paciente que apresentasse uma contagem sanguínea surpreendentemente alta. Suponham que, em vez dos habituais 10.000 ou 12.000 leucócitos, vocês encontrassem 20.000 ou 30.000 no sangue do paciente. Vocês concluiriam imediatamente que o paciente estava sofrendo, para usar um termo popular, de anemia maligna.

“Suponha que um médico com ampla experiência fosse chamado para testemunhar em tribunal em um caso contra uma companhia de seguros, onde várias pessoas da mesma vizinhança de uma grande cidade simultaneamente apresentassem uma atividade

semelhante de glóbulos brancos. Um paciente poderia ser diagnosticado com aparente anemia, e a companhia de seguros seria chamada a pagar uma quantia semanal estipulada por uma apólice de seguro. Quinze ou vinte pessoas assim afetadas fariam estragos suficientes nos fundos da companhia de seguros para inspirar uma investigação.

“Nesse caso, a razão diria que seria extremamente improvável que quinze pessoas em uma vizinhança sofressem desse mal. Então, ocorreria a você que algo além da anemia poderia produzir um aumento repentino na contagem sanguínea. Se você se lembrasse de seus estudos, concluiria imediatamente, como eu fiz: ‘Uma injeção de peptonas ou nucleínas aumentaria a contagem de leucócitos.’

“Foi exatamente isso que aconteceu. A vizinhança era notória por acidentes fraudulentos com bondes, e descobriu-se que esses incidentes eram causados pela atividade de vários acrobatas que podiam deslocar braços e pernas à vontade e simular, com realismo, uma queda terrível. Assim, expusemos a fraude e as pessoas que aparentemente sofriam de anemia estavam, na verdade, sob efeito de uma injeção de peptonas, administrada por um médico sem escrúpulos, que já havia sido disciplinado por má prática.

“Falo a vocês sobre esses tópicos distantes para lembrar que, qualquer que seja sua profissão, sua razão é o que os distingue de todas as outras qualidades dos animais. A memória não nos distingue tanto, pois um elefante se lembrará quando o homem já tiver esquecido.

“Quando eu era mais jovem, o estudo da ameba, o organismo unicelular que podia se mover e se reproduzir por subdivisão, parecia-me a coisa mais inútil que se poderia imaginar. Mas quando examinamos uma gota de sangue e vemos os fagócitos, semelhantes às amebas, cercando sua presa, o germe da doença do qual se alimentam, a ameba em nosso próprio sistema adquire a interessante relação de ser uma parte importante do nosso ser.”

Enquanto Olive se esforçava para entender essa palestra intrincada, um lampejo de esperança passou por sua mente. Se, como o médico afirmava, não havia diferença fundamental entre a matéria em uma planta e em um arranha-céu, por que deveria haver alguma impossibilidade, se você tivesse a filosofia ou a ciência certa, em puxar notas bancárias através das paredes de um cofre? Ela ficou mais confiante de que o Dr. Jarvis, de todos, talvez pudesse encontrar uma resposta para seu enigma. Após o fim da

palestra, ela esperou até que os diversos médicos e enfermeiras tivessem falado com ele. Ela o abordou quando ele estava prestes a sair do salão.

“Dr. Jarvis,” ela disse, “eu sou Olive Velie. Vim de Nova York para ver se você poderia nos ajudar. O Inspetor Craven disse que, se alguém pudesse resolver nosso mistério, esse alguém seria você.”

Depois de ler a carta do inspetor, o Dr. Jarvis disse:

“Um Bolton roubar um banco! Absurdo. Claro que o cofre foi aberto. E o Inspetor Craven diz que os ladrões não deixaram rastros. Agora, que rastros ele procurou? Pegadas sujas? Uma série de impressões digitais facilmente legíveis? Uma combinação quebrada com uma marreta? Eu estaria tirando conclusões precipitadas se teorizasse sem ver o cofre. Mas eu sou médico. Lido com doenças do corpo, não com cofres de banco.”

“Oh, mas doutor,” exclamou Olive, “o Inspetor diz que pode ter algum capricho da ciência, algo que o intriga. Ele acreditava que você poderia sugerir alguma chave para o mistério.”

“Bem, Srta. Olive, só há uma resposta para uma confiança cega e lisonjeira assim. O trabalho principal da conferência médica terminou, então vou me despedir e voltar para Nova York com você.”

No trem de volta, Olive Velie contou ao Dr. Jarvis tudo o que sabia da situação.

“Bem, estou acreditando em sua palavra de que Roger é inocente,” disse o Dr. Jarvis, quando ela terminou. “Se ele é, certamente o dinheiro não desapareceu por conta própria. Se ele sumiu, alguém o levou. Esses oficiais veem apenas o que está diante de seus olhos. Ora, só pelo que você me contou, posso supor alguns fatores que eles ignoraram. Conheço os detalhes de forma geral, conforme os jornais relataram. O Picayune fez uma boa matéria sobre o caso. Uma coisa me chama a atenção agora. Não é peculiar que os ladrões, se fossem ladrões comuns, ignorassem \$10.000 em ouro que poderiam ter levado facilmente?

“O dinheiro que foi retirado do cofre faz parte de um empréstimo estrangeiro. Quem teria interesse em impedir um empréstimo estrangeiro? Pessoas, obviamente, que estivessem preparando um golpe monarquista ou aqueles que eram contra todo o capital. Eles poderiam ser tanto cientistas quanto criminosos ou poderiam ser fanáticos que imaginavam estar destinados a resgatar a humanidade dos males do capitalismo, reais ou imaginários. Se eles tinham inteligência suficiente para conceber um plano para impedir tal empréstimo, deixariam rastros de sua façanha? Não rastros muito

óbvios, com certeza. Você disse que os comunistas estão ativos em Molgravia. Se soubéssemos algo sobre a situação por lá, isso poderia nos dar uma pista. Assim que voltarmos, vá até o arquivo do jornal e obtenha para mim qualquer informação sobre as condições em Molgravia no último ano.”

“Dr. Jarvis,” exclamou Olive, “Farei exatamente como você diz, pois não conheço ninguém que possa nos ajudar além de você.”

“Veremos. Mas deixe-me adverti-la. Não escreva que você me encontrou. Não diga a ninguém que estou envolvido. Os homens que planejaram esse roubo, se alguém o planejou, não parariam por nada, então você não deve lhes dar qualquer motivo para desconfiança. Estou razoavelmente certo de que eles não pensaram na detecção. Se a teoria que está se formando em minha mente estiver correta, o plano deles foi tão diabolicamente engenhoso que poucos suspeitariam de um roubo.”

Pode-se imaginar o quanto essa restrição de não escrever corroeou o coração de Olive. Mas a ordem para investigar os acontecimentos em Molgravia deu a ela algo para ocupar sua mente.

“Você já ouviu,” disse o Dr. Jarvis no grande salão de convenções, “a frase ‘cuidado com o homem de um livro só’. Mas eu diria, cuidado com o homem que conhece bem apenas um livro e muitos outros apenas superficialmente. Um conhecimento geral amplo é essencial em qualquer profissão, e a falta de habilidades gerais é um obstáculo ao sucesso na medicina, assim como em todas as outras profissões.”

“Esse homem,” pensou Olive consigo mesma, “já deve ter chegado a uma solução para o roubo do cofre. E ele era um famoso médico e cirurgião, não um famoso detetive. Mas,” pensou ela novamente, “cabeças perspicazes são encontradas em todas as camadas da humanidade, e muita boa filosofia pode ser exposta por um fazendeiro de pensamento direto e sem educação.”

Os eventos começaram a acontecer com a chegada do Dr. Jarvis em Nova York dois dias depois. Na manhã seguinte, ele caminhou até sua garagem e abriu a porta. Quando a abriu, o cheiro de gasolina era incomumente forte. Isso lhe pareceu peculiar. Ao abrir a porta do carro, um cupê, o odor se intensificou muito. Sendo observador, o Dr. Jarvis notou que as tábuas do assoalho não estavam completamente alinhadas. Com um alicate, ele levantou as tábuas. Debaixo delas estava a bateria em sua caixa de metal. Seguindo o cheiro de gasolina, ele viu que a caixa da bateria estava cheia de gasolina. O longo e grosso cabo que levava ao motor de arranque estava afastado da caixa da

bateria, mas qualquer movimento do carro faria com que ele encostasse na caixa de metal.

“O que aconteceria,” o doutor perguntou a si mesmo, “se esse cabo entrasse em curto-circuito e soltasse uma faísca no ponto de contato com a caixa? Seria uma boa faísca grossa e, com o vapor de gasolina confinado, haveria uma poderosa explosão. No mínimo, eu passaria algumas semanas no hospital.”

Ele agradeceu sua boa sorte pelo vazamento de gasolina ter ocorrido apenas algumas semanas após a instalação de um novo cabo. Mas ele ergueu o cabo cuidadosamente. Em seguida, descobriu que, dentro da proteção de metal, o isolamento do fio havia sido cortada por cerca de trinta centímetros ao longo do cabo. No momento em que ele tivesse ligado o carro, o cabo teria sido jogado contra a caixa de metal; haveria um curto-circuito e uma explosão que poderia ter qualquer resultado imaginável.”

Esse incidente fez o doutor refletir. Com uma corda, ele amarrou o cabo para evitar que fizesse contato. Com uma grande esponja, ele começou a remover a gasolina da caixa. Quando essa tarefa foi concluída, ele desparafusou o cabo do polo positivo para torná-lo inofensivo. Agora, ele não tinha dúvidas de que sua teoria sobre o roubo ao banco estava correta. Sua chegada a Nova York havia sido transmitida aos líderes do esquema, que temiam o que ele pudesse descobrir. Para acalmar os temores deles, decidiu não fazer nenhuma visita ao *Castile Bank and Trust Company* em Houston. Havia apenas uma possível solução para o roubo. Seu primeiro dever era relatar ao inspetor a tentativa de feri-lo ou matá-lo e alertá-lo sobre o perigo.

Ao retornar aos seus aposentos, ligou para o Inspetor Craven. Quando ouviu a voz de Craven, disse:

“Vou te ver em um táxi, Inspetor,” ele disse. “Acabei de sofrer um acidente com meu carro. Quase explodiu.”

“Acidente, nada,” disse o inspetor. “Espere até chegar aqui. Eu também tive um desses ‘acidentes’.”

Quando o Dr. Jarvis chegou à sede da polícia, encontrou o Inspetor um tanto agitado.

“Doc,” gritou ele, “algum pobre coitado, provavelmente um ladrão de carros, invadiu minha garagem esta manhã. Quando ele colocou o pé no arranque, o carro explodiu e ele morreu. Eu mesmo investiguei o caso. Um bom pedaço de dinamite com um detonador de percussão foi enfiado sob a corrente do arranque. No momento em que o motor foi acionado, tudo foi pelos ares. O seu carro tinha dinamite também?”

“Não, o meu não era tão mortal, mas era igualmente perigoso. O sistema de fiação teve a isolação cortada. Eu poderia ter sido mutilado ou morto se não tivesse descoberto. Acredito que nossos ladrões de banco de Houston estão querendo guerra.”

“O quê,” explodiu o Inspetor Craven, “você acha que o jovem Bolton está à frente de uma quadrilha de ladrões de banco?”

“Que bobagem! Os jornais que li deram todos os números dos certificados roubados. Alguma dessas notas foi oferecida a algum banco, hotel ou comerciante? Se minha suposição estiver correta, não foram.”

“Nenhuma foi relatada à polícia, de qualquer forma,” disse o Inspetor, cuja curiosidade foi despertada. “Você quer dizer que, sem ter ido ao banco, já chegou a uma teoria de como o dinheiro desapareceu?”

“Depois dos eventos desta manhã, não tenho dúvida alguma. Se você tiver confiança suficiente no meu julgamento, direi como podemos chegar a uma solução para o mistério. Se eu estiver errado, o homem certo está na prisão.”

“Ficarei feliz em fazer qualquer coisa que pareça uma demonstração de atividade.”

“Ninguém suspeita agora que eu tenha uma pista, já que não estive em Nova York e não tive oportunidade de examinar o local,” disse o doutor. “Se eu for ao banco agora, isso indicaria que espero encontrar uma pista. Vamos organizar uma reunião nos escritórios do *Castile Bank and Trust Company* amanhã à noite, quando chamará menos atenção. Será após o expediente bancário e não seremos interrompidos. No entanto, precisaremos de alguns ‘figurantes’.”

No quartel-general comunista de Molgravia em Nova York, você encontrará algum emissário do líder comunista, Serge Malakieff, ou talvez um de seus assistentes de laboratório. Ele será um homem intelectual. Provavelmente, também, não muito robusto fisicamente. Convide-o para nos encontrar lá amanhã à noite. Qualquer tipo de convite o trará, tenho certeza. Em seguida, você deve encontrar o ladrão mais habilidoso atualmente em liberdade. Ele é alguém que opera com uma inteligência impressionante. Ele usa um maçarico. É oxihidrogênio ou oxiacetileno. Mas ele nunca faz buracos irregulares. Seus cofres são abertos em um círculo perfeito ou em uma elipse perfeita.”

“Por Deus, Doc, você deve ter analisado nossa galeria. Essa é uma boa descrição do método de Frenchy Vergoyne. Mas ele está cumprindo pena pelo roubo em New Brunswick, a menos que tenha sido perdoado ou liberado em condicional nas últimas duas semanas. Preciso verificar e prendê-lo se ele estiver em liberdade.”

“Se ele estiver solto, descubra se ele conhece algum bom 'pintor de cofres' que use secantes rápidos. Se houver algum maquinista ou metalúrgico excepcionalmente bom na sede comunista, você também pode convidá-los. Acho que cerca de cinco homens realizaram o roubo. Talvez mais. Se, como eu prevejo, esses homens comparecerem à palestra que proponho dar, mostrarei a você amanhã à noite como o cofre foi roubado. Talvez você possa recuperar o dinheiro. No entanto, isso é um assunto policial, no qual eu não estou interessado.”

O Dr. Jarvis então apertou a mão do Inspetor Craven e saiu para uma consulta sobre tratamentos com raio-X, como se o assunto estivesse resolvido, deixando o Inspetor Craven boquiaberto enquanto ele saía pela porta.

Ele estava meio inclinado a impedir que continuasse com esse esquema maluco, ligando para o doutor e encerrando a investigação. O doutor não tinha visto o banco, nem o cofre, nem mesmo o jovem Bolton. Mas ao revisar os memorandos em sua mesa, viu um item que havia sido colocado lá naquela mesma manhã. Informava que Frenchy Vergoyne havia sido liberado em condicional pelo governador três semanas antes. Parecia que ele tinha um histórico de guerra.

O inspetor imediatamente colocou seus homens no encalço do ladrão. Ele foi preso quando estava prestes a embarcar em um trem em direção ao oeste. Embora aparentemente não estivesse fazendo nada, estava muito bem provido de dinheiro.

“Bem, chefe,” ele disse com um toque de desafio, “qual é a acusação?”

“Sem acusação nenhuma, Frenchy,” disse o Inspetor. “Queremos que você nos diga como se abre um cofre. Apenas uma espécie de testemunha por enquanto. Chame um advogado, se quiser, mas eu não tenho nenhuma acusação.”

Frenchy, muito intrigado, foi levado a um confortável quarto de hóspede, com tudo à sua disposição, exceto a liberdade. Ele decidiu não chamar um advogado.

O Inspetor Craven, agora preocupado, consultou o Promotor Distrital. O Sr. Glover, sendo um oficial de Nova York e não propenso a atuar no caso contra Bolton, se é que ele surgiria, teve uma visão liberal da situação.

“O que você fez, afinal, além de deter o Frenchy como testemunha? Se Frenchy depois processar por danos à sua reputação, de que adianta? Acredito que esse doutor é um adivinhador astuto. E se ele adivinhar qualquer coisa que não seja o fato de que o jovem Bolton pegou o dinheiro, eu te pago um bom jantar.”

Quando, ao retornar ao seu escritório, o Inspetor Craven encontrou Olive Velie ao telefone, ele estava de mau humor.

“O que posso fazer por você, Srta. Velie?” ele perguntou.

“Você descobriu algo sobre o roubo?”

“Não posso dizer que descobri,” disse ele com bastante amargura. “O Dr. Jarvis me convenceu a marcar uma reunião no banco em Houston amanhã à noite, às oito horas. Você pode estar lá, se quiser. O Doutor se comprometeu a persuadir as autoridades de Houston a levarem o Sr. Bolton também. Eu prendi um pobre ladrão inocente por absolutamente nada e o que os advogados dele farão comigo será muito. Então ele falou inocentemente sobre alguns amigos pintores dele e eu convidei alguns comunistas molgravianos para assistirem a algo que parece ser uma palestra científica que o doutor quer dar. Eu realmente acho que ele perdeu a cabeça.”

“Como você é engraçado, Inspetor,” disse Olive com uma risada. “Estou tão feliz que tudo acabou. Estarei lá, pode ter certeza.”

Os piores temores do Inspetor Craven foram confirmados na noite seguinte, quando, acompanhado por dois membros de sua equipe, ele foi, com o intrigado Frenchy, ao *Castile Bank and Trust Company*. Três fileiras de cadeiras haviam sido colocadas no espaço atrás das gaiolas dos caixas e imediatamente em frente ao cofre que havia sido roubado. Perto do cofre, o doutor havia colocado um grande quadro-negro.

Ao entrarem no prédio, ele viu um grupo de comunistas Molgravianos em animada conversa. Eles sorriram quando ele entrou no banco. O Sr. Briscoe, o presidente do banco, estava presente. Roger também estava lá, vigiado por dois policiais. O Dr. Jarvis estava de pé diante de seu quadro-negro. Havia outros quatro indivíduos, Molgravianos, na sala além de Frenchy.

Tom Velie havia insistido em acompanhar Olive à demonstração. Ele esperava assistir a uma farsa. Quando viu o quadro-negro, ele bocejou. O Dr. Jarvis era talvez o único, com exceção dos Molgravianos, que estava impassível. Frenchy Vergoyne retribuiu a inspeção do doutor com desprezo. Ele era do tipo profissional, este ladrão. Enorme, corpulento, cerca de trinta e cinco anos, com mandíbulas pesadas e olhar frio, Vergoyne não carecia de inteligência. Seus lábios se fechavam firmemente, indicando uma reticência habitual.

Dois dos Molgravianos eram mais interessantes. Um, notou o Dr. Jarvis, era um homem baixo e atarracado, com cabelo escuro e encaracolado. Seu rosto era bronzeado e inteligente, mas com um inconfundível ar de artesão. Suas mãos eram calejadas, e ao redor das unhas podiam ser vistas cicatrizes de todos os tipos, de cortes ou machucados

feitos por metais ou ferramentas. Este Molgraviano usava o nome americanizado de Grant Smith.

O outro Molgraviano que atraiu a atenção do doutor encontrou seu olhar com confiança. Fisicamente, ele era frágil, com ombros estreitos; poderia-se suspeitar de problemas nos pulmões. Mas o intelecto em seu rosto era tão marcado que o Dr. Jarvis se sobressaltou. Nos pulsos, o doutor, um especialista em todos os tipos de aparelhos científicos, notou manchas marrons. Em outro homem, ele diria que eram sinais de um fígado desordenado. Mas, por sua própria experiência, ele as reconheceu pelo que eram — queimaduras de raios X. Esse homem era conhecido como Carlino Angulescu.

A testa de Angulescu era ligeiramente arredondada. Seus olhos castanhos brilhavam com uma luz de autossuficiência tão grande que continha uma suposição de desprezo régio ou celestial. O nariz aquilino, finamente desenhado, e o rosto bem modelado convenceram o doutor de que, se ele procurasse um ser incomum entre os Molgravianos, não precisaria buscar mais.

Vendo todos olhando esperançosamente para ele, o Dr. Jarvis tomou sua posição diante do quadro-negro.

“Senhorita Velie e senhores,” disse ele, incluindo até mesmo Frenchy Vergoyne em sua reverência, “serei o mais breve possível ao discutir os assuntos complexos que nos reúnem. Terei que me aventurar em algumas especulações políticas, o que está bem distante da minha inclinação natural.

“Agora, este roubo de \$100.000, atribuído a um jovem que não tinha nada a ganhar e tudo a perder com tal ato, parece ser nada mais do que uma simples quebra de confiança. Mas se o jovem Bolton pegou o dinheiro, por que não pegou tudo? Descobri que o dinheiro roubado fazia parte de uma quantia destinada a compor o novo empréstimo Molgraviano, que foi recentemente financiado na América. Então, perguntei a mim mesmo: ‘Alguém desejaria impedir o financiamento do empréstimo Molgraviano?’

“Pareceu-me que, se houvesse algum movimento definido contra os governantes de Molgravia, isso poderia fornecer um motivo. Encontrei histórias de um forte movimento comunista lá, com uma ativa propaganda nos Estados Unidos.

“Tendo encontrado um motivo que poderia induzir certos indivíduos a fazer grandes esforços para impedir o financiamento de um empréstimo que aumentaria materialmente o poder e o prestígio da casa real, havia um estranho problema a ser

resolvido. Como poderia alguém, além de Bolton, abrir o cofre e não deixar nenhum vestígio de tê-lo aberto?

“Descartando a extrema improbabilidade de que Bolton fosse o culpado, considerei as circunstâncias. Item um, um cofre novo; item dois, \$100.000 retirados, \$10.000 em ouro deixados; item três, \$100.000 era a parte do empréstimo Molgraviano do banco. Finalmente, cheguei à conclusão extremamente bizarra de que o cofre havia sido aberto, o dinheiro retirado e o cofre fechado novamente.

“Para deixar claro como isso foi feito, terei que revisar alguns fatos e teorias da química e física elementar.”

Uma expressão de incredulidade apareceu no rosto do Inspetor Craven. Ele se beliscou. O doutor evidentemente não tinha iniciado uma farsa. Será que ele era tolo o suficiente para pensar que uma palestra sobre química resolveria um roubo de cofre? Ele estava prestes a sair, mas se lembrou de algumas outras palestras do Dr. Jarvis e permaneceu. Bolton estava atento. Olive seguia cada palavra. Tom Velie estava cochilando.

“Primeiro, precisamos falar sobre dois elementos. Hidrogênio e oxigênio. Vocês devem se lembrar, alguns de vocês, se acompanham o que os cientistas estão fazendo, que vários anos atrás, quando esses dois elementos foram liquefeitos pela primeira vez, os maiores obstáculos estavam em encontrar pressões suficientemente grandes para produzir a liquefação. O que eles finalmente descobriram foi o seguinte: os próprios gases contribuirão para sua própria liquefação. Se selados hermeticamente no instrumento ou recipiente, o gás hidrogênio ou oxigênio, ao ser aquecido, se expandirá até finalmente exercer pressão suficiente para que parte do gás se liquefaça.

“Agora, preciso descrever brevemente a natureza do hidrogênio. Ele comumente existe no estado molecular. Dois átomos formam essa molécula. Cada átomo tem um próton e um elétron, o próton carregando uma carga positiva de eletricidade e o elétron uma carga negativa. Para quebrar essa molécula de hidrogênio em dois átomos, o cientista Langmuir calculou que seria necessária uma energia de 100.000 calorías, ou o suficiente para aumentar a temperatura do gás para 36.000 graus Fahrenheit — muito mais do que o calor do sol.

“Os cientistas não conseguiram acumular tanta energia ou calor e aplicá-los às moléculas de hidrogênio. Mas lembrem-se disso: todas as formas de energia são intercambiáveis. Você gira um botão na sua cozinha e sua eletricidade se transforma em calor. Você aperta outro botão e sua eletricidade se transforma em luz. Você acende uma

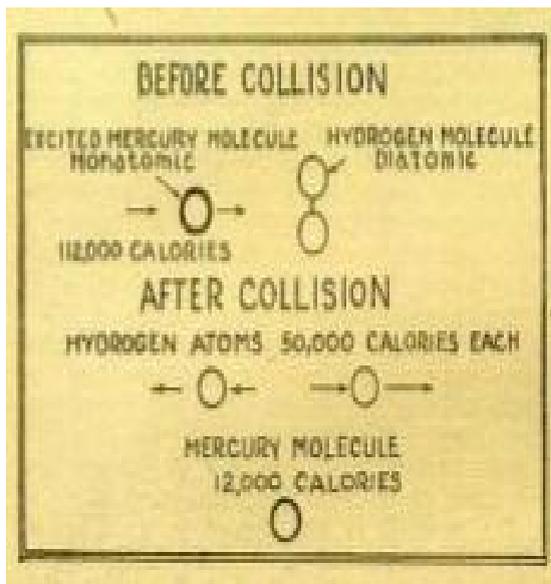
caldeira, roda um dínamo e o calor se transforma em eletricidade. Nas várias formas de luz, existem diferentes formas de energia. De fato, a ideia moderna de luz é que ela é composta de pacotes de energia. As diferentes formas de luz correspondem a várias formas e quantidades de energia.

“Nas ondas de luz ultravioleta, por exemplo, foi encontrada a energia correspondente às 160.000 calorias, que era a quantidade estimada necessária para quebrar a molécula de hidrogênio. Mas o hidrogênio é imune à influência dessa luz.”

O Inspetor Craven estava se preparando para se juntar a Tom Velie em seu reconfortante cochilo, quando observou o Molgraviano, Carlino Angulescu. Quando o Dr. Jarvis começou a comentar sobre a natureza da molécula de hidrogênio, o rosto de Angulescu perdeu seu olhar desdenhoso e ele se inclinou para a frente para não perder uma palavra sequer. Se esse Molgraviano via algo na conversa maluca do doutor, o inspetor pensou que deveria pelo menos tentar seguir. Mas de vez em quando olhava para o Molgraviano, cujo interesse parecia crescer em vez de diminuir.

“Se,” continuou o Dr. Jarvis, “a imunidade da molécula de hidrogênio à influência dos raios ultravioleta não pudesse ser quebrada, então um método muito promissor de se obter hidrogênio atômico teria sido em vão. Mas outros elementos não compartilham da imunidade do hidrogênio. O vapor de mercúrio absorve luz ultravioleta muito facilmente. O problema, portanto, tornou-se mais simples. Por que não carregar átomos de mercúrio com luz ultravioleta e bombardear a molécula de hidrogênio com eles?”

“O átomo de mercúrio, que absorveu a luz ultravioleta, é chamado de átomo de mercúrio excitado. E esses átomos de mercúrio, mesmo na proporção de um para dez mil em uma mistura gasosa, ficarão excitados com ondas de luz ultravioleta suficientes para gerar o equivalente a 112.000 calorias de energia, que é 12.000 a mais do que as 100.000 necessárias para dissolver a união dos dois átomos na molécula de hidrogênio. Agora, se uma quantidade desses átomos de mercúrio excitados for introduzida em uma atmosfera de hidrogênio molecular, ocorrerão várias colisões. Os átomos de mercúrio excitados colidirão com a molécula de hidrogênio e suas 112.000 calorias de energia ultravioleta serão exercidas contra a molécula de hidrogênio. A energia é suficiente para fazer com que os dois átomos de hidrogênio se separem, e o átomo de mercúrio, tendo liberado sua energia, não está mais excitado. A ação é assim: (Aqui o Dr. Jarvis desenhou alguns diagramas no quadro-negro).



“Você logo se perguntará qual é a utilidade dessa dissolução da molécula de hidrogênio. Bem, antes de tudo, ela torna disponível a enorme energia em calor de 100.000 calorias. Pois se gastarmos 100.000 calorias para quebrar a molécula de hidrogênio, quando os átomos se unirem novamente, recuperamos nossas 100.000 calorias de calor. Se tivermos um número suficiente desses átomos, podemos obter um calor muito superior ao produzido por qualquer aparelho

atualmente conhecido.

“Fomos ainda mais longe. Íons de hidrogênio ou prótons existem no ácido sulfúrico. Quando eles encontram os elétrons, dos quais a corrente elétrica é composta, em uma solução de ácido sulfúrico, os elétrons se unem aos íons ou prótons, e vemos átomos de hidrogênio sendo formados.

“O hidrogênio atômico é muito mais ativo do que o hidrogênio molecular. E se conseguirmos encontrar um meio de usar as 100.000 calorias de calor geradas toda vez que dois átomos de hidrogênio se unem para formar uma molécula, teremos algo muito útil em um processo como, por exemplo, a soldagem. Agora, Srta. Velie, se puder acordar seu pai, o restante da demonstração o interessará.”

Velie foi acordado e o doutor retomou sua palestra. Angulescu parecia profundamente interessado, o que ajudou a manter o Inspetor acordado.

“Como os raios ultravioleta não são fáceis de manusear comercialmente, o hidrogênio atômico para soldagem pode ser obtido de outra forma. Se o hidrogênio molecular for passado por um arco elétrico poderoso entre eletrodos de tungstênio, ele será quebrado em átomos. Esses, ao saírem do arco e se transformarem novamente na forma molecular, geram calor, quase o dobro da chama oxi-hidrogênio. Sabendo disso, o uso de átomos de hidrogênio na soldagem torna-se uma certeza.

“Todos os outros métodos de soldagem estão sujeitos ao que é conhecido como fluxos de oxidação no ponto de soldagem. Agora, por que falamos de soldagem por meio de átomos de hidrogênio quando estamos tentando desvendar um roubo de banco? Vou

mostrar rapidamente. Mandei limpar a pintura de um lado deste cofre. Inspetor Craven, poderia ser tão gentil a ponto de examinar o lado que foi limpo?”

O Inspetor olhou para o lado do cofre e soltou um assobio baixo de espanto. Em um círculo perfeito no meio dessa parede do cofre, o metal mostrava sinais de algum tipo de manipulação. Aparentemente, o metal havia sido cortado com uma ferramenta e selado com outra. Uma faixa de cor diferente aparecia entre as linhas externas e internas do corte.

“O que isso significa, doutor?” perguntou o Inspetor, boquiaberto de espanto.

“Significa exatamente isso, meus amigos,” disse o Dr. Jarvis, “que um buraco foi feito no lado deste cofre e selado. Acredito que encontraremos outro corte no teto do cofre. O interior desse buraco não poderia ser selado tão bem, mas muito poucas pessoas pensariam em olhar para o teto do cofre em busca de uma abertura. É considerado um detalhe insignificante.”

A porta do cofre se abriu. Quando uma luz foi lançada no teto interno do cofre, lá estava, como esperado, a mesma marca circular no metal que havia sido vista no lado do cofre.

Todos ficaram completamente absortos. Olive e Roger trocaram um olhar de alívio mútuo. Tom Velie esfregou os olhos, dizendo: “Bem, vai se ferrar.”

O inspetor Craven estava impaciente. Será que aquele médico confuso pretendia dar uma palestra a noite toda e possivelmente deixar os ladrões, quem quer que fossem, escapar? E o que havia acontecido com os \$100.000? Depois que todos olharam curiosamente para as marcas no cofre, o doutor Jarvis retomou.

“Não acredito que seja necessário provar mais nada sobre o fato de que este cofre foi aberto na noite do misterioso desaparecimento dos \$100.000. Vou prosseguir e contar como ele foi aberto e como foi tão efetivamente selado que, para propósitos comuns, não teria sido descoberto até que o banco o removesse e comprasse um cofre novo.

“Um grupo de vários homens entrou no banco naquela noite. Eles estavam equipados com aparelhos de oxiacetileno ou oxihidrogênio. Um dos homens, habilidoso nesse tipo de trabalho, desenhou o círculo do corte que pretendia fazer. Com sua tocha, ele cortou um disco no lado do cofre, grande o suficiente para permitir a entrada de um homem. Ele realizou a mesma operação no teto do cofre. Ele fez o corte inclinado para que o disco não caísse do teto para dentro do cofre.

“Para responder a possíveis objeções, devo admitir de imediato que teria sido mais fácil cortar em torno da combinação, mas isso também cortaria os pinos do mecanismo,

que não poderiam ser recolocados. Tendo cortado dois buracos regulares no cofre, a soma de \$100.000 em notas foi retirada, e \$10.000 em ouro foram ignorados. O próximo problema era selar os dois buracos de forma que não houvesse sinais óbvios do roubo.

“Os ladrões estavam equipados com uma quantidade de metal. O disco que havia sido cortado no lado do cofre foi primeiro colocado no lugar. Uma faixa estreita de metal estava faltando onde a ferramenta havia queimado. Com uma tocha diferente, o trabalhador mais habilidoso dos ladrões começou a fundir metal suficiente para selar a abertura no espaço que havia sido cortado entre o disco de metal e a parede do cofre. Se apenas os métodos antigos de soldagem estivessem disponíveis para os ladrões, seu plano de ocultar o roubo teria sido inútil. Mas, utilizando hidrogênio ativado, ou atômico, no ponto de fusão ou soldagem, um calor tão intenso foi gerado que o trabalhador habilidoso não teve dificuldade em fazer um serviço impecável. Quando ele suavizou a superfície, praticamente não havia irregularidades na superfície do cofre. A pintura foi danificada, é claro, mas será que homens como esses seriam impedidos por um retoque de pintura?

“Agora, por um momento, devo testar sua paciência com uma descrição do instrumento utilizado para esse fim. Trata-se de uma tocha de soldagem com eletrodos de tungstênio, dispostos em um ângulo agudo em relação um ao outro. A distância entre eles é regulada pressionando uma alavanca no cabo da tocha. A corrente alternada de qualquer tomada serviria perfeitamente como fonte de energia. Um tubo passa pelo cabo, e através deste tubo flui um fluxo de hidrogênio. Esse fluxo de hidrogênio passa pelo arco elétrico e é reduzido a átomos. Ao passar pelo arco, está no estado atômico no ponto de soldagem. Ao queimar novamente para o estado molecular, gera um calor que funde qualquer coisa. Como a ação redutora desse hidrogênio atômico é tão poderosa, não pode ocorrer contaminação por carbono, oxigênio ou nitrogênio. A solda pode ser feita tão limpa e suave quanto desejado.

“Para não cansá-los ainda mais com ciência oculta, simplesmente afirmarei que o interior e o exterior do cofre foram cuidadosamente selados com esse equipamento de soldagem a hidrogênio. O operário, que selou o lado do cofre, foi então levantado do interior por seus cúmplices. Eles não puderam fazer muito com o interior do teto do cofre. O exterior, no entanto, foi selado com cuidado. Mas quem procuraria sinais de arrombamento no teto do cofre?”

“Se minha longa explicação leva à suposição de que tudo isso requer muito tempo, o Inspetor Craven dirá a vocês que, com o equipamento adequado, os buracos poderiam ser cortados em poucos minutos. A soldagem com hidrogênio atômico pode ser feita à taxa de cinquenta ou mais pés por hora. Embora a explicação seja complexa, a execução leva pouco tempo.”

O desgosto estava estampado no rosto do Inspetor Craven ao final dessa demonstração. Pelo que ele conseguia ver, tudo o que o médico havia mostrado era que havia um método pelo qual um buraco poderia ser cortado em um cofre e, depois, selado novamente. O médico parecia ler seus pensamentos:

“Agora que mostrei como este cofre poderia ter sido roubado, meu amigo, o Inspetor Craven, está ansioso para agir. Mas eu sou meramente um teórico científico e devo seguir minha inclinação para o reino da política. Pensei que o Inspetor daria continuidade à história de onde eu parei. Eu sei pouco sobre política, mas, quando vários homens se dão tanto trabalho para esconder seu feito, presumo que deve haver um motivo igualmente importante.

“O único dinheiro que esses ladrões levaram do cofre foi \$100.000, que faziam parte de um empréstimo de \$50.000.000 para Molgrávia. Interromper qualquer parte do empréstimo, é verdade, seria um impedimento temporário. Mas, se esse roubo não fosse descoberto, um homem de honra seria acusado de quebra de confiança. Suponha que a mesma coisa acontecesse em Nova York e outras grandes cidades, onde a maior parte do empréstimo foi distribuída? Uma dúzia de caixas confiáveis seriam presos, \$50.000.000 desapareceriam e o governo molgraviano seria desacreditado. Isso valeria um pouco de pesquisa no reino da soldagem com hidrogênio atômico?”

O médico poderia ser perdoado pela pequena exultação que apareceu em sua voz. Seu raciocínio havia sido impressionante. Mas o médico ignorou um fator muito importante. A tentativa contra seu automóvel deveria tê-lo ensinado que homens que tramam esquemas de tal magnitude são engenhosos e desesperados.

“Levantem as mãos, todos vocês!”

Essa ordem veio em tons curtos e ferozes de Frenchy Vergoyne. Não estando preso e sendo um criminoso muito habilidoso, ele havia roubado os bolsos do Inspetor Craven e de seus dois assistentes, tirando-lhes as armas e os relógios. Dois dos revólveres agora estavam em suas mãos. “Agora todos vocês vão para lá,” ele ordenou. “E mantenham aquela mulher na frente de vocês. Se alguém se mexer, ela vai ser a primeira a receber.” Durante todo esse tempo desde sua prisão, Roger Bolton não havia conseguido fazer

um único movimento em seu próprio benefício. E, nesse momento crítico, quando aqueles que causaram sua desgraça pareciam estar prestes a ser capturados, um ladrão determinado e desesperado ousou chamar a mulher que ele amava de “aquela mulher”. Isso foi demais para Roger Bolton.

Roger deu um golpe feroz no ladrão, exatamente como costumava atacar na linha de defesa nos seus dias de futebol universitário. Antes que Frenchy Vergoyne soubesse o que estava acontecendo, Roger o atingiu como uma catapulta. Ele torceu a arma da mão direita de Vergoyne e afastou a outra. O gatilho disparou, mas a bala atingiu o teto. A essa altura, o Inspetor Craven já estava em ação, e logo Frenchy Vergoyne estava no chão, com o Inspetor Craven sentado em seu peito, arma em punho. Frenchy Vergoyne não ousou se mover. Mas, na confusão, Carlino Anguleseu, Grant Smith e outros dois molgravianos correram pela porta de malha de ferro, que levava da parte de trás das cabines dos caixas, fechando-a enquanto fugiam. Sem ousar tirar os olhos de Frenchy, o Inspetor Craven gritou para seus homens.

“Sigam-nos, capturem-nos antes que eles saiam de Houston.”

Então ele se voltou para Frenchy.

“Agora, Frenchy,” disse ele, com a arma apontada para o rosto de seu prisioneiro, “você ou sua gangue mataram um dos nossos homens naquele assalto em New Brunswick. Não importa se eu vou te matar, ninguém vai me culpar. Todos os homens da força policial vão garantir isso. Diga-me onde está o dinheiro roubado, ou essa arma vai disparar em alguns segundos.”

Frenchy não queria morrer. Em voz baixa, ele disse ao Inspetor Craven que a quantia de \$100.000 em notas ainda estava intacta, sob constante vigilância, em um endereço em Nova York.

“Roger,” chamou o inspetor, “mantenha essa arma apontada para Frenchy até que eu receba um relatório. Se ele estiver mentindo, ele não terá muito tempo para se preocupar com seus problemas.”

Em mais alguns segundos, o Inspetor Craven estava telefonando para uma delegacia de polícia perto do endereço em Nova York.

“Clancy,” gritou para o tenente que atendeu ao telefone, “pegue o carro de choque e dez homens totalmente armados e vá para o número — Avenida. Você encontrará o dinheiro roubado do *Castile Bank and Trust Company* lá, se minhas informações estiverem corretas. Me ligue no banco assim que confirmar este relatório.”

Em vinte minutos o telefone tocou.

“ALÔ. Inspetor,” chamou Clancy, “nós pegamos o dinheiro. Tivemos que matar um homem que tentou atirar em nós. Estamos voltando com a grana.”

Assim que o inspetor anunciou essa notícia surpreendente, todo o grupo, incluindo o Sr. Briscoe, juntou-se em um prolongado “Hurra”.

Carlino Anguleseu e seus companheiros, sem dúvida, haviam chegado em segurança a Nova York. Frenchy Vergoyne, vendo que não estava sendo mantido sob vigilância, saiu da sala e retomou sua viagem para Chicago.

“Doutor,” disse Craven, um tanto arrependido, “eu te devo um pedido de desculpas. Achei que você gostava tanto de ciência que havia esquecido tudo sobre o nosso roubo ao cofre. Você não mencionou isso, mas suponho que eles pintaram o local onde cortaram o cofre.”

“Ah, claro,” disse o doutor, “isso foi um pequeno detalhe. Eles tiveram que repintar toda a superfície de um lado do cofre. Mas com uma tinta de secagem rápida, isso foi algo simples.”

“Bem,” disse o Sr. Briscoe, “já que o dinheiro foi recuperado e agora sabemos quem o roubou, acho que os oficiais deveriam libertar Roger Bolton. Devemos a ele todo tipo de compensação, mas o que mais poderíamos fazer?”

Quando Clancy chegou com seus homens e o dinheiro roubado, o Inspetor Craven ordenou que dois deles permanecessem de guarda até que o Sr. Briscoe decidisse o destino adequado do fundo.

“Doutor Jarvis,” exclamou o Sr. Briscoe, assim que o dinheiro foi contado, encontrado intacto e depositado no grande cofre no porão, “a maneira como você solucionou esse roubo intrincado é simplesmente maravilhosa. Temos um superávit considerável no banco, e as companhias de seguro ofereceram uma grande recompensa pela recuperação das notas roubadas. As recompensas certamente pertencem a você.”

“Sr. Briscoe,” respondeu o doutor, timidamente, “para mim, todo o caso foi um problema científico a ser resolvido como tal. Meu interesse inteiro nesse caso foi devido à confiança que a Srta. Velie tinha neste jovem e ao entusiasmo dela na minha capacidade de ajudá-la. Posso dizer que considero Roger Bolton um homem muito afortunado.”

Olive corou ao ouvir essa declaração, mas confirmou a opinião do doutor apertando o braço de Roger, que estava entrelaçado ao dela por alguns minutos. Tom Velie, completamente acordado, disse:

“Doc, a força policial realmente precisa de você se esses ladrões estão recorrendo a assaltos invisíveis. Como você resolveu isso sem sequer vir aqui, quando a polícia já havia examinado o local com microscópios, é algo que me intriga. Mas você precisa jantar conosco no domingo e me explicar o que perdi. Vou oferecer a Roger um emprego melhor sob minha supervisão, onde posso cuidar do meu futuro genro. E ele precisa marcar a data logo.”

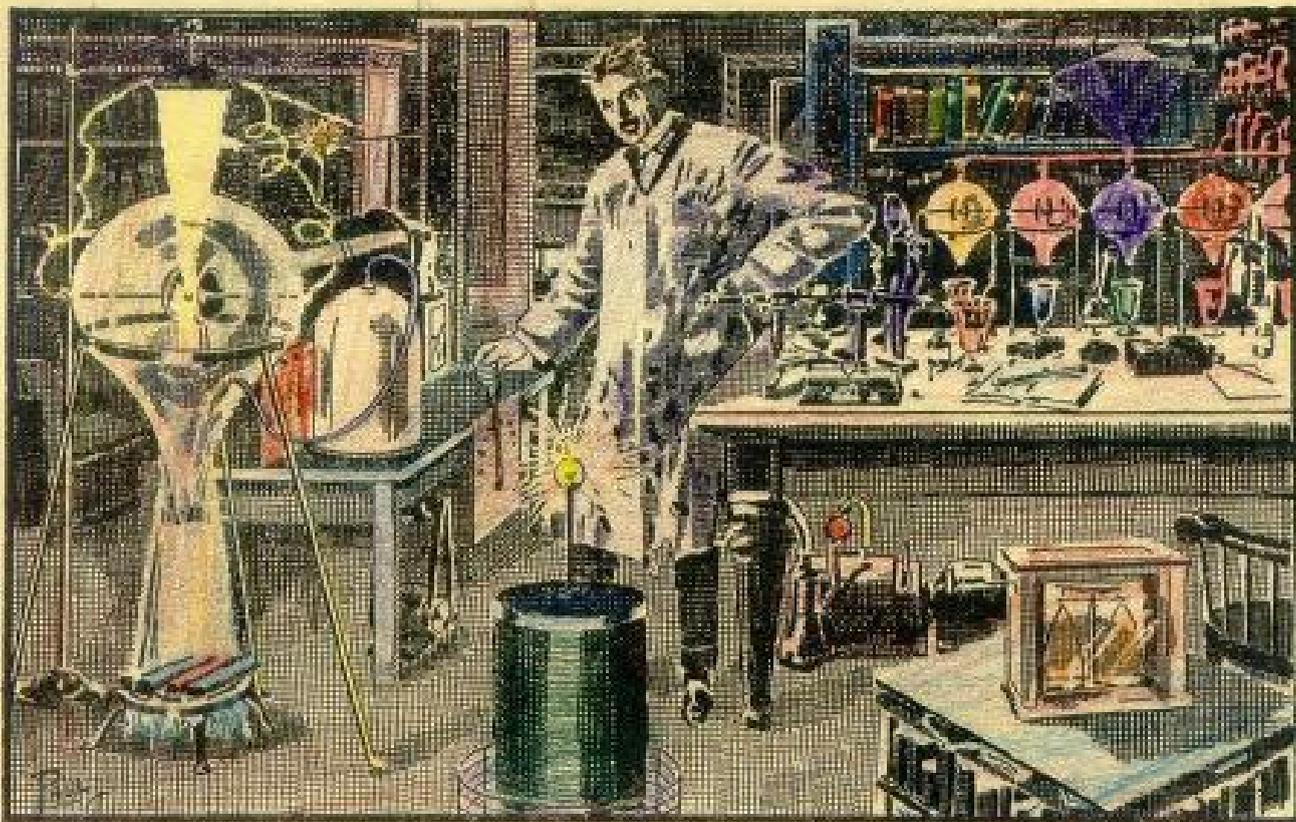
Quando se casaram, Roger insistiu que o Doutor Jarvis fosse o padrinho. Olive, corando, insistiu que o primeiro filho, seja menino ou menina, teria “Jarvis” como nome do meio.

Os grandes bancos, avisados a tempo, tomaram precauções que impediram eficazmente qualquer novo ataque ao empréstimo molgraviano. O inspetor Craven foi oferecido uma recompensa muito grande, que ele inicialmente recusou. Mas quando descobriu que o doutor Jarvis, que era muito bem de vida, não queria ter nada a ver com a recompensa, ele informou os banqueiros como o método desse roubo havia sido descoberto. Com a ajuda de Tom Velie, eles doaram um laboratório de um milhão de dólares para um dos hospitais, destinando uma grande renda ao doutor para seus experimentos e pesquisas.

Descobriu-se que Carlino Anguleseu era ninguém menos que o cientista Serge Malakieff, que havia dedicado sua ciência à causa do comunismo. Ele escreveu ao doutor Jarvis dizendo que ele estava prostituindo seus talentos para o benefício do capitalismo, uma decisão da qual ele poderia se arrepender algum dia. Embora o doutor reconhecesse a grande habilidade de Malakieff, ele deu de ombros à ideia de uma ameaça. Ao mesmo tempo, recebeu um convite do governo molgraviano, que tinha ouvido falar de sua conquista, para palestrar na Associação Médica Internacional, que se reuniria na capital molgraviana no ano seguinte. Ele imediatamente partiu para seu novo laboratório, onde decidiu que uma palestra sobre a “Influência dos raios ultravioleta em tecidos delicados ou fibrosos” seria de grande interesse para os molgravianos.

The GOLDEN VAPOR

by E. H. Johnson



" . . . Slowly Dr. Grig turned the great 'Medic' bulb first one way and then another, and finally he clamped it pointing directly downward. After opening one of the inlet cocks, so as to let a little of the gray powder down into the first 'Materializer' bulb he watched it intently for a long time. Suddenly he stopped receiving the rays, and for a moment he seemed as one sleeping. The iron bars on which the downward rays were playing slowly seemed to 'dematerialize'—may, vanish—into thin air! The iron bars had disappeared and in the glass bulb the 'Golden Vapors' had condensed into a fine powder—and it was distinctly yellow!"

O Vapor Dourado

E. H. Johnson

No dia 4 de dezembro de 1919, as multidões que voltavam para casa nas ruas de São Francisco, como em qualquer outra grande cidade, estavam ocupadas com seus próprios pensamentos. Os ruídos mais altos do dia haviam cessado, e com o surgimento gradual das inúmeras luzes com as quais, como joias, a bela rainha costumava se adornar para uma noite em casa — uma sensação de calma segurança aquecia os corações de jovens e idosos. A paz comparativa reinava na terra, e no céu brilhavam estrelas tão amarelas quanto o ouro da Califórnia em si — e igualmente ilusórias. Apenas um entre toda a multidão apressada via pouco encanto nessa cor. Embora estivesse tão ciente de sua própria segurança quanto qualquer outro, sua convicção era de um tipo desafiador, que encontrava sua segurança no

conhecimento de sua própria astúcia bem-sucedida e temia pouco porque amava pouco. Ocasionalmente, ele sorria sombriamente, quase cinicamente, ao ver passar uma pessoa ostensivamente rica, ou ao captar o leve odor de algum perfume raro. Para ele, esses eram apenas disfarces de uma satisfação na qual ele tinha pouca fé. Proclamavam um conforto que ele achava, na melhor das hipóteses, uma ilusão. No entanto, como qualquer ser humano, ele não podia deixar de se perguntar, pois tal vida agora estava bem ao seu alcance, mas ele apenas apertava o casaco um pouco mais em torno de sua forma esquelética, olhando furtivamente, embora talvez inconscientemente, para as portas escuras e para os trechos sem estrelas no céu acima. Esse homem de aparência estranha era o Dr. Rudolph Grieg, um doutor em filosofia, não em medicina e cirurgia.

De repente, gritos familiares encheram o ar quando meia dúzia de meninos jornaleiros surgiram de um prédio próximo — uma estrutura imponente cujos andares inferiores estavam cheios de máquinas barulhentas e atendentes humanos se esquivando. A edição vespertina de um grande jornal estava saindo com seu relato de mil horrores e frivolidades que, independentemente da variedade, extensão ou sentido, logo encantariam as horas à beira da lareira em mil lares. Com a gíria usual, cada garoto tentava abafar os esforços publicitários de seus colegas, de modo que, por mais atento que um ouvinte pudesse ser, ele só poderia concluir que os eventos do dia não eram muito diferentes dos de outros dias. E todas as noites, independentemente da natureza desses anúncios, cada garoto vendia suas mercadorias antes do “próximo carro”, com seus passageiros pendurados nas alças, balançando e lendo, alheios aos seus contatos humanos promíscuos em sua absorção nos maiores ou menores assuntos humanos — desaparecendo além das luzes cintilantes no coração da cidade.

De toda essa multidão, apenas o Dr. Grieg parecia não ter pressa em partir. Seus ouvidos aguçados haviam captado uma palavra no clamor barulhento dos jornaleiros e, com todas as suas sensibilidades aguçadas em alerta, ele ouviu o suficiente para incitá-lo a fazer algo que para ele se tornara bastante incomum — comprar um jornal. Ele praticamente arrancou o jornal de um garoto que corria, lançou uma moeda de vinte e cinco centavos em sua direção e se voltou para uma janela iluminada para examinar as manchetes com uma evidente excitação. O garoto olhou várias vezes para a moeda que havia recebido, começou a falar uma ou duas vezes, mas, ao ver que seu cliente parecia satisfeito, correu.

Então, sem sequer lançar um olhar ao redor, o Dr. Grieg apressou-se nas ruas mais escuras em direção à periferia da cidade, onde poderia ter sido seguido noite adentro, caminhando, caminhando, sem parar, com a aparente falta de propósito de alguém que tem muito tempo a gastar e não considera o passatempo desagradável. E ainda assim, se seu

percurso era sem rumo, ninguém descreveria sua aparência física nesses termos. Primeiro, com as mãos profundamente enfiadas nos bolsos, ele se apressava como se estivesse fugindo de algum perseguidor temido. Então, aparentemente sem qualquer reflexão prévia, ele parou sob uma lâmpada, puxou o jornal que havia adquirido recentemente, leu e releu algo nele e, finalmente, com toda a aparência de alguém que aprecia a contemplação de uma grande piada que arquitetou, empurrou-o mais uma vez para o fundo do bolso, agarrou as lapelas do casaco, endireitou-se e riu — de fato riu, embora uma cuidadosa análise de outro jornal idêntico ao que ele carregava não revelasse o menor motivo para tal comportamento.

Então, lentamente, ele vagou pelas áreas residenciais mais nobres da cidade, ocasionalmente assobiando de maneira despreziosa — aparentemente sem objetivo, assim como seus próprios passos errantes. Mas a repetição frequente de algumas notas sugeria o eco inconsciente de alguma canção de outros tempos. No entanto, eram ignoradas pelas poucas pessoas que ainda estavam acordadas, exceto por uma, um velho vigia noturno, em quem aquelas melodias peculiares de repente despertaram memórias estranhas. Ele se viu novamente inclinando-se na pequena janela da casa de seu pai, em uma terra que outrora lhe fora querida, mas que ele agora considerava não ser mais sua principal afeição, já que se tornara um americano. A cada repetição daqueles sons inquietantes, ele quase conseguia ouvir o som das pisadas, pisadas dos alegres *Studenten* (estudantes) cantando noite adentro. Não havia engano, e pela primeira vez em vinte anos as palavras voltaram à sua mente:

“Alt Heidelberg, du feine,
Du Stadt an Ehren reich,
Am Neckar und am Rheine
Keine andre kommet dir gleich.”

Não havia erro! Velha Heidelberg; até mesmo o ritmo no final de cada verso era o mesmo dos estudantes na antiga Heidelberg. Quem quer que estivesse assobiando pelas horas da meia-noite, era ou um nativo da Alemanha ou um daqueles americanos que haviam estudado lá por muito tempo. E apesar de sua recente sensação de vergonha por causa de sua nacionalidade, o velho apressou-se ao virar a esquina, na esperança de encontrar esse possível amigo, apenas para ver uma figura distante desaparecer em uma rua lateral, para se perder completamente quando o assobio cessou.

Assim foi que Grieg vagou pela cidade — Dr. Grieg, o homem com um passado invejável e diante de quem se estendia a oportunidade ilimitada de ajudar ou desestabilizar grande parte da organização social dos anos que viriam.

Quando menino, ele crescera naquele país muito disputado e sem dúvida desejável que carregava o nome poético de Alsácia-Lorena. Desde cedo, fora enviado tanto para a Realschule quanto para o Gymnasium, e mais tarde, por algum esquecido golpe de sorte, conseguiu ir para Heidelberg, Bonn e Berlim. Lá, ele estudou sob alguns dos maiores cientistas vivos, Helmholtz entre eles, e não apenas mostrou uma habilidade incomum em dominar os profundos mistérios da química e da física, mas em várias ocasiões deu evidências de possuir um raro poder de percepção sobre os fenômenos naturais. Problemas elétricos profundos eram seu maior deleite, e chegou a ser sugerido que, se ele tivesse se importado com a notoriedade, poderia ter antecipado o grande Heinrich Hertz ao anunciar alguns dos fatos que este descobriu sobre ondas eletromagnéticas. Em 1893 e nos anos seguintes, ele esteve de um lado para o outro entre Paris e algumas universidades alemãs, onde ocorria o trabalho febril que precedeu os anúncios revolucionários de Becquerel e Roentgen. Ele acompanhou de perto alguns dos primeiros trabalhos dos Curie em sua isolação revolucionária de substâncias radioativas e, na época (1896-7) em que Perrin tentava gerar correntes elétricas por meio dos raios de Roentgen, o Dr. Grieg não só estava frequentemente em Londres participando de reuniões das sociedades científicas inglesas, como também deu uma série de palestras na Sociedade Filosófica de Cambridge sobre a “Natureza Elétrica da Matéria.” Esses artigos, preservados nas transações da sociedade, mostram talvez mais claramente agora do que naquela época a incrível perspicácia do homem. De uma maneira digna de Faraday ou Maxwell, ele previu certos fenômenos — ou a ausência deles — que seriam comprovados pelo trabalho de outros investigadores uma década depois. Especialmente, ele se interessou por todos os experimentos elétricos conduzidos no vácuo, pois estava sempre atento a qualquer possível verificação de sua teoria inicial de que qualquer forma de matéria, em sua forma elementar suficientemente dividida — átomos ou suas subdivisões — poderia ser transportada por forças elétricas, como as partículas de raios investigadas por Becquerel e Crookes. Embora essa sugestão parecesse radicalmente visionária, a experiência do mundo científico entre 1895 e 1900 o ensinou a reservar seu julgamento. Apenas após uma certa familiaridade com os novos raios e radiações adquirida, os homens de ciência voltaram a se arriscar a fazer afirmações dogmáticas relativas a possíveis fenômenos naturais. Então, eles condenaram Grieg como um buscador de notoriedade e, devido ao fato de que naquela época ele não ocupava nenhuma posição

acadêmica importante, ele teve poucos recursos em sua adversidade. Mas sua determinação em provar seu ponto de vista aumentou a partir daquele momento. Tornou-se a paixão dominante de sua vida mostrar que seus críticos estavam errados. Para fortalecer sua própria convicção, mais trabalho era desnecessário. Ele ainda demonstraria ao mundo uma transformação mais maravilhosa do que qualquer outra pela qual a pedra filosofal já fora procurada.

Foi então, por volta de 1902, que ele se voltou para a América. Ferido, mas longe de estar derrotado, ele decidiu deixar os líderes cegos do velho mundo e vir para a terra das oportunidades douradas. Como suas controvérsias na Europa eram em grande parte sobre questões de opinião, sua distinção neste país foi pouco, ou nada, diminuída, e ele foi imediatamente oferecido a uma cadeira de eletroquímica em várias universidades do leste. Mas, após algumas palestras especiais diante de algumas das sociedades científicas nos estados do leste, ele continuou sua jornada para o oeste, finalmente estabelecendo-se na ensolarada cidade de São Francisco. Aqui, o espírito ocidental de entusiasmo juvenil o inspirou como nada havia feito desde seus dias de estudante em Bonn. Ele encontrou todos prontos para aceitar um recém-chegado por seu valor aparente, sem questionar sobre o passado e sem exigir promessas para o futuro.

Agora, ele alugou alguns quartos, reuniu seus livros ao seu redor e começou um período de estudo e experimentação mais intenso, se possível, do que em seus primeiros anos. Além do carteiro com sua pilha de jornais científicos e cartas de sábios estrangeiros, ele não recebia visitantes; ninguém sabia nada sobre sua rotina de vida. Dias e noites perderam toda distinção para ele. O descanso só vinha quando era extremamente necessário e sem qualquer relação com a hora do dia ou o costume dos que o cercavam. Ele vivia como em uma prisão, feliz por suas portas bloquearem o mundo inteiro de possíveis perturbadores.

Durante os anos que se seguiram, Dr. Grieg gradualmente percorreu o caminho que ele havia sonhado enquanto ainda era estudante. Cada fato, cada relação entre os fenômenos da física molecular, o aproximava de seu objetivo desejado. Quando ainda era um menino, ele leu com grande interesse sobre os experimentos antigos nos quais a água, enclausurada em esferas de ouro e prata, havia sido feita para realmente passar pelos poros do metal quando submetida a pressão suficiente. Por que a mesma coisa não poderia ser realizada por alguma outra força que não a mecânica — por uma força elétrica ou magnética, por exemplo? Ele também acompanhou os experimentos bem conhecidos sobre a difusão de metais, nos quais moléculas de ouro e chumbo se misturavam quando blocos das substâncias puras eram mantidos em contato próximo por um longo tempo. Aqui, os materiais, em pequenas porções,

certamente, haviam migrado sob alguma influência amplamente classificada como forças moleculares. Essas também não seriam elétricas? Não poderiam ser controladas artificialmente?

Depois, houve os experimentos notáveis de Bridgman, neste país, e de Adams e outros na Inglaterra, que mostraram que as propriedades características comuns de todas as substâncias desaparecem ou mudam radicalmente quando forças adequadas são aplicadas a elas. Ele viu os espécimes de rochas produzidos por Adams, provando que o granito sólido e frio podia ser feito para mudar sua forma e fluir apenas pela aplicação de pressão suficiente. Ele estudou os dados de Bridgman mostrando que líquidos podem se comportar como sólidos, e vice-versa, se confinados e submetidos a forças de magnitude suficiente. E muitas de suas outras propriedades físicas foram alteradas a tal ponto que proporcionaram um novo campo de conhecimento.

Tudo isso veio a Grieg como um apoio bem-vindo para suas teorias. Cada descoberta feita por outro permitia-lhe encurtar seus próprios métodos para alcançar seu objetivo. Ele recordava os famosos experimentos sobre eletricidade e o éter, realizados por Sir Oliver Lodge e outros, e as teorias mais recentes sobre elétrons o enchiam de êxtase. Outros investigadores, assim como ele, estavam descobrindo que átomos de matéria, quando em vibração em uma taxa suficientemente alta, tinham algum efeito sobre o éter do espaço; eles realmente emitiam ondas e, em alguns casos, eles próprios desapareciam como se fossem levados pelos raios de energia que haviam emitido — radiações que realmente afetavam certos instrumentos elétricos. Logo se descobriu que, à medida que essas propriedades elétricas da matéria aumentavam, muitas das outras características “substanciais” comuns diminuía ou desapareciam completamente. A identidade de alguns dos “raios” de substâncias radioativas e átomos de hélio já havia sido suspeitada há muito tempo, e restava apenas produzir tal separação e transferência de matéria artificialmente para superar a grande dificuldade que temporariamente ameaçava todas as esperanças do Dr. Grieg. Ele precisava fazer com que os átomos — átomos de hélio, por exemplo — realizassem algumas das coisas que as partículas alfa do rádio haviam mostrado fazer. Talvez fosse possível fazer até mais.

Pouco pode ser dito sobre os detalhes experimentais envolvidos nessa tentativa. Naturalmente, o equipamento utilizado era complexo e delicado. Os quartos de Dr. Grieg gradualmente assumiram a aparência confusa de sala de estar, biblioteca e laboratório. No maior dos três cômodos que agora constituíam esse “pequeno reino”, havia uma longa mesa coberta de uma confusão misteriosa de instrumentos, tubos de vidro, bulbos de quartzo e outras substâncias, uma bomba de vácuo elétrica e um medidor MacLeod para mostrar o grau

exato de vácuo obtido. Havia também fios, interruptores, reostatos e medidores elétricos em grande número, um emaranhado desesperador para os não iniciados, mas para o mestre — para Grieg — tudo estava, sem dúvida, em ordem precisa, em um ajuste agradavelmente fino — uma coisa viva, uma criatura promissora!

Dessa massa de equipamentos, várias partes eram mais destacadas do que o restante. Montado perto do centro da mesa havia um globo semitransparente, aparentemente de vidro e levemente tingido de uma cor amarela-limão. De cima, ele estava conectado por um tubo ao medidor e à bomba, e abaixo afinava para um pescoço com uma torneira de vidro. Em lados opostos, entravam dois fios que pareciam terminar em pequenos refletores côncavos de metal, não muito diferentes dos cátodos nas primeiras formas de tubos de raios X. Os dois eram idênticos e pareciam curvados para focar em um ponto comum entre eles. Um observador atento teria notado, nesse ponto focal, uma pequena conta de metal brilhante, montada na extremidade de um fio fino vindo de outro eletrodo na parede traseira do bulbo. Externamente, todos esses componentes estavam conectados por fios aos instrumentos elétricos que preenchiam em grande parte a mesa e o espaço abaixo dela.

Não muito longe havia um segundo bulbo, de tamanho aproximadamente igual ao anterior, mas contendo um grande espelho côncavo de aparência muito peculiar. À primeira vista, seria considerado de metal, como os menores, mas uma inspeção mais atenta mostrava que ele também tinha uma natureza de algo vítreo, quase transparente quando visto diretamente de frente. Em seu foco estavam as extremidades de vários fios finos com pequenas molduras que sugeriam de imediato o arranjo de grades em alguns dos detectores de vácuo usados na telegrafia sem fio. Esse bulbo não estava conectado à bomba de ar, mas aparentemente selado permanentemente e suportado de maneira que podia ser girado para ficar voltado em qualquer direção. O Dr. Grieg chamava esse último bulbo de “Medior”, e o outro de “Materializador”. Neles residia o segredo de todo o seu trabalho, o resultado de seus anos de estudo, e eles eram ao mesmo tempo armas e ferramentas de potencial inimaginável para o bem.

Há muito tempo ele havia visto o suficiente da realização de seus sonhos para trabalhar em ritmo febril. Embora um pouco de reflexão mostrasse que seu segredo estava seguro, mesmo que seus quartos estivessem abertos a todos, ele vivia em um tremor constante de medo de que seu novo poder caísse nas mãos de outros. Naturalmente calmo e reflexivo, às vezes ele perdia todo o autocontrole só de pensar na possibilidade de um estranho em seu santuário. E esse medo crescia dia após dia, até que razões começaram a se formar em sua mente para deixar a casa que ele quase considerava sua, e procurar outro lugar, onde não

houvesse uma senhoria curiosa, onde as paredes não fossem tão finas, onde o risco de incêndio fosse menor, onde as instalações fossem melhores, e assim por diante, até que, ao observar tudo, ele viu claramente que não havia outro caminho senão mudar, e o quanto antes melhor.

Assim aconteceu que, em pouco tempo, uma carroça cheia de grandes caixas e caixotes foi movida para um dos cômodos dos fundos no segundo andar de um prédio comercial no centro da cidade. Grieg havia raciocinado corretamente, que o isolamento era mais certo no coração da cidade do que onde as pessoas tinham a mente menos ocupada. Aqui, ele tinha um cômodo espaçoso, apenas um, é verdade, e com apenas duas janelas altas que permitiam apenas a visão de alguns metros quadrados de uma parede de tijolos a poucos metros de distância. Mas esses e outros fatores foram grandes fontes de satisfação para o novo ocupante, e o menor dos vários motivos para isso era que o aluguel era muito mais baixo do que seria para qualquer outro espaço semelhante. E as paredes eram de tijolos sólidos e alvenaria, com dois pés de espessura, se não mais, — e o piso era de concreto. O que mais ele poderia desejar? Maior segurança e isolamento dificilmente poderiam ter sido proporcionados por uma ilha isolada na Polinésia.

Agora, o trabalho começou de verdade. Meses antes, o Dr. Grieg havia conseguido transmitir hélio de um bulbo para outro a vários metros de distância por meio de seus raios elétricos. E o método tinha sido surpreendentemente simples, depois que todos os detalhes supérfluos do equipamento foram eliminados. No início, o frasco contendo o hélio foi colocado no caminho de um poderoso feixe de raios ultravioleta e o bulbo Medior imediatamente à frente dele, nos mesmos raios. Então, quando as pressões corretas foram obtidas nos dois recipientes, ele conseguiu demonstrar, por meio do espectroscópio, que o espaço dentro do Medior continha uma pequena porcentagem de hélio, enquanto antes da exposição não continha absolutamente nada.

A partir desse momento, os desenvolvimentos foram do tipo de pequenos ajustes e melhorias, em vez de invenções fundamentais. Ele agora tinha o embrião da criação que acreditava plenamente que poderia crescer até proporções imensas, se devidamente estudada e assistida. Diante dos seus olhos mentais, havia um universo em transformação, suas leis subvertidas, e todas as noções humanas de sua estabilidade e fixidez anuladas. Se o hélio, por exemplo, poderia ser assim chamado por ele de um recipiente fechado e feito aparecer dentro de outro, quando não havia nenhuma conexão física aparente ou meio funcional entre eles, por que não poderia seu comando ser estendido a todos os outros elementos também?

Certa noite, enquanto estava sentado até tarde da noite e olhando para seus queridos bulbos, como já fizera muitas vezes antes, mas agora como alguém hipnotizado e imóvel pela primeira vez em muitas horas, ele gradualmente perdeu toda noção de tempo e espaço ao contemplar uma visão em expansão que se construía cada vez mais diante dele. Suas bochechas ficaram ruborizadas e um fogo incomum brilhou nas profundezas de seus olhos semicerrados, e, embriagado pelo sonho e também exausto, ele adormeceu e continuou sonhando.

Hora após hora, seu pequeno relógio tocava os segundos, e o pequeno motor que acionava a bomba de ar ronronava tão contente que mal se poderia sonhar que sua canção era de trabalho incessante e fiel. Talvez soubesse da importância de sua tarefa, e quem poderá dizer que o pequeno relógio velho não filosofava profundamente antes de marcar mais um segundo, sabendo que nenhum poder poderia trazê-lo de volta?

De repente, Grieg acordou. Ele pareceu, a princípio, assustado, como se tivesse sido surpreendido em algum negócio secreto, e então, reconhecendo onde estava, quase riu alto. Sem dúvida ele teria feito isso, se não fosse seu hábito de manter segredo e silêncio, que já estava bem enraizado. Mas ele riu um pouco, e por muito tempo, enquanto caminhava pela sala com as mãos para trás, parecia estar revivendo alguma cena agradável. Ele parava ocasionalmente e acariciava algum aparelho de aparência estranha, ou talvez falasse com outro dispositivo misterioso, o tempo todo com a postura de alguém que era tanto um general organizando suas tropas para um glorioso ataque quanto um amigo querido. Suas breves exclamações eram do tipo de garantias, promessas e felicitações.

Naquela noite, ou melhor, manhã, Grieg não pensou mais em dormir. Por algum tempo, ele estudou os livros espalhados pela sala, a maioria deles abertos em alguma referência de interesse imediato. Em seguida, ele retomou seu trabalho experimental. Por dias, ele mal parecia parar por um momento. Quando ou onde ele comia, não se sabe. Se ele não tivesse de fato dormido em meio aos seus aparelhos naquela outra noite, poderia ter sido creditado com insônia perpétua, entre seus outros poderes. Mas, através de tudo isso, algo parecia sustentá-lo, renovar seu vigor e instilar juventude em suas veias.

Há muito se sabe que, sob a influência da força de correntes elétricas de frequências e potenciais suficientemente altas, praticamente todas as substâncias agem como condutores. Grieg havia feito uso desse fato ao criar o Medior. Agora, ele construiu estranhos transformadores para aumentar essas qualidades ao máximo possível. Enormes bobinas, como as de Tesla e Oudin, foram incorporadas ao equipamento, que já ocupava grande parte da sala. Dispositivos para produzir luz ultravioleta em feixes poderosos foram adicionados, e

lâmpadas de vapor de mercúrio substituíram as lâmpadas elétricas comuns no teto. Isso porque ele sempre constatava que seus experimentos tinham mais sucesso na presença dessas radiações de comprimento de onda curto.

Seu sucesso foi tão grande que logo ele foi capaz de transferir alguns dos gases mais pesados de um bulbo para outro, da mesma forma que havia feito inicialmente com o hélio. Em seguida vieram os vapores metálicos, começando pelos mais leves, e finalmente o de mercúrio, todos, claro, inicialmente contidos em um bulbo selado, livre da presença de outras substâncias, e feitos para reaparecer no Medior. No entanto, o Medior, pelos motivos que o levaram a nomeá-lo assim, nunca foi destinado a ser o receptor final; ele deveria ser apenas o meio, o agente para transformar o que recebia de uma forma de energia de onda etérea para a de uma corrente elétrica particular. Esta, por sua vez, seria transformada em sua forma de matéria característica pelo Materializador. No entanto, as dificuldades envolvidas quando essa etapa era tentada em condições que não fossem ideais haviam tornado o Materializador até então pouco mais do que teoricamente útil. E então, em um breve momento, ele descobriu que a interposição de condensadores adequados entre os dois bulbos resolvia completamente o problema. Quando em operação, os raios levemente luminosos no Materializador faziam a pequena esfera metálica brilhar em incandescência, e um vapor logo aparecia ao redor dela, condensando-se e formando-se nas laterais do bulbo como um pó impalpável ou, às vezes, como um líquido, que podia ser retirado através da torneira abaixo.

As principais etapas do processo eram as seguintes: Um bulbo contendo, por exemplo, vapor de mercúrio, era colocado no caminho de um feixe de luz ultravioleta que, por sua vez, também passava para o Medior, embora este estivesse possivelmente a alguns metros de distância. (A absorção dessas radiações pelo ar e outros meios havia sido evitada dando-se às ondas uma forma adequada.) A grade no Medior era então aquecida por uma corrente elétrica auxiliar de uma pequena bateria de armazenamento, e todo o bulbo era orientado de modo que seu espelho côncavo ficasse voltado para o feixe de raios ultravioleta. Então, o aparelho de alta frequência e alto potencial era ligado, e assim que os condensadores eram ajustados às capacidades corretas, a pequena esfera no foco dos espelhos do Materializador começava a brilhar, um vapor azulado a cercava, e logo minúsculas gotículas de mercúrio metálico começavam a escorrer pelas laterais do bulbo e podiam ser coletadas em um frasco abaixo.

No entanto, ainda restavam algumas limitações que ele via como necessárias para serem removidas antes que seu grande sonho pudesse ser inteiramente realizado. Entre elas estava o fato de que a substância a ser transferida por esse método precisava iniciar sua transformação em um frasco hermeticamente selado, completamente livre da presença até

mesmo do menor traço de qualquer outra substância. Além disso, ele só havia sido capaz de fazer a transferência quando o feixe ativo de raios ultravioleta estava aproximadamente em ângulo reto em relação à direção da força gravitacional da Terra. Sobre esse último assunto ele havia pensado quase constantemente e até escrito um extenso artigo — “Sobre a Relação do Caminho Eletrônico com a Direção do Vetor Gravitacional” — com a ideia de apresentá-lo na próxima reunião da Sociedade Americana de Física em San Francisco. Mas a primeira lembrança de seu tratamento anterior nas mãos daquelas outras sociedades científicas na Europa o fez rasgá-lo e queimar os pedaços lentamente sobre um bico de Bunsen, sorrindo enquanto observava o brilho da tinta nas lascas de cinzas caindo, como se a piada fosse contra os outros e não contra ele.

O trabalho de Moseley, os Braggs e outros abriu um novo caminho para atacar o problema que agora excluía todos os outros pensamentos. Descobriu-se que os raios X excitam raios X secundários pelas agitações moleculares das substâncias pelas quais passam, e que esses novos raios possuem características que os relacionam às substâncias emissoras. Suas direções também eram diferentes das dos raios primários que os haviam excitado, de modo que a princípio pareciam ser apenas as mesmas radiações após reflexão.

Partindo desses fatos, Grieg logo conseguiu reverter a ação de seu Materializador e do Medior, de modo que um vapor ou sólido finamente dividido que tivesse sido inserido no primeiro pudesse ser desmaterializado e transmitido para um lugar distante, sendo rematerializado ali pelo mesmo tipo de equipamento usado como receptor.

Então veio outra grande descoberta. Se o frasco que atuaria como receptor já contivesse uma substância em forma semelhante (isto é, sólido ou vapor) à substância no bulbo transmissor, mas de maior peso molecular, a simples incidência dos raios violetas carregados sobre essa substância provocava agitações moleculares que resultavam não apenas na materialização automática da substância desejada, mas também na emissão de raios secundários exatamente na direção oposta, que por sua vez traziam de volta, em forma de pura energia, porções do material mais denso. Assim, um único transmissor tornava-se ao mesmo tempo um desmaterializador e um materializador, um emissor e um receptor!

O experimento foi repetidamente testado. Por exemplo, massas iguais de estanho e chumbo foram assim trocadas, e a única diferença característica na aparência do bulbo transmissor era que, enquanto atuava ao mesmo tempo como receptor, seus vapores estavam em tumulto violento. Esse movimento cessava apenas quando uma ou ambas as substâncias tinham sido completamente transferidas. Refinamentos adicionais permitiram então a Grieg

realizar a troca em qualquer direção, e assim o fator gravitacional, que há muito tempo era um obstáculo, foi eliminado.

Após esse último sucesso, e pela primeira vez em meses, ele parecia mover-se com tranquilidade. Deliberadamente, vagava por seu quarto com a postura de quem sabe que seus planos não falharam, e que vê seu triunfo final facilmente ao seu alcance. A batalha estava vencida; ele só precisava aceitar a vitória! O fato de que ele estava meditando sobre o que a sociedade chamaria de um grave crime mal passava por sua mente. Quando isso acontecia, ele apenas sorria com cinismo, como sempre, com a consciência de sua própria segurança. Embora não devesse ser classificado como um perverso moral ou alguém naturalmente mau, ele talvez não fosse muito melhor agora, pois havia perdido todo o seu antigo senso de responsabilidade moral e social. As leis e costumes humanos não importavam para ele. O experimento deveria ser realizado, acontecesse o que acontecesse. Esse seria o triunfo de sua vida, sua vitória sobre seus antigos críticos, a prova suprema da falácia das noções humanas de segurança. E quanto à recompensa material que o acompanharia, bem, isso era secundário; mas afinal, seria agradável descansar, e de que maneira mais prazerosa do que vagar tranquilamente de um lado para o outro em sua Alsácia-Lorena natal e visitar novamente os cenários de seus dias de estudante — quando os meios estivessem disponíveis?

ASSIM os dias passaram. O primeiro dia de novembro havia chegado e quase terminado. Grieg, que acabara de fazer uma boa refeição em um restaurante próximo, agora caminhava sem rumo pelas ruas, pensando, na maior parte do tempo, em meras trivialidades, mas sem perder de vista por um momento o fato de que naquela noite ele iria realizar um experimento mais maravilhoso do que qualquer um sonhado pelos alquimistas. A noite deveria testemunhar uma empreitada que, de uma só vez, superaria todos os outros esforços humanos e desconcertaria os mais astutos detetives.

Quando um relógio distante soou às nove horas, ele voltou para o seu quarto. De repente, seu passo adquiriu a agilidade de quem tomou uma decisão. Havia trabalho a ser feito e feito agora. Mais uma vez ele era o investigador científico aguçado. Cada sentido estava alerta, e o treinamento de uma vida inteira se mostrava em cada movimento.

Ao entrar no quarto, ele acendeu uma pequena luz azul, olhou ao redor e imediatamente se sentou diante do aparelho na enorme mesa central. A bomba estava funcionando ininterruptamente há dias, e o medidor mostrava que todas as junções estavam firmes. Uma pequena luz piloto aqui e ali indicava que todos os fios estavam intactos e prontos para a tarefa. No lugar do único bulbo Materializador que fora visto anteriormente, havia agora uma fileira de tais bulbos, seis deles, cada um maior que o original, e todos estavam conectados à

bomba e dispostos de modo que cada um pudesse ser ativado no circuito instantaneamente. Acima deles havia um grande funil de vidro ou reservatório cheio de um pó metálico de aparência azulada-cinza. Dele saía um grande tubo que, por sua vez, se ramificava para entrar no topo de cada um dos bulbos Materializadores e permitir a entrada do pó em qualquer um deles, ao abrir a válvula adequada. Abaixo de cada um desses bulbos estava o usual grande béquer. Nenhum receptor era visível. Ele havia se tornado desnecessário logo depois que Grieg conseguiu usar as radiações secundárias como uma agência de retorno. Evidentemente, o experimento tomaria uma forma até então inédita.

Com um último olhar sobre o aparelho, ele lentamente fechou o interruptor principal, fazendo com que todo o conjunto de mecanismos se tornasse uma coisa de potencialidades. Então, um a um, os interruptores menores também foram fechados, até que, pelo leve zumbido e brilho das diversas engrenagens, alguém julgaria que tudo estava em ordem e pronto para o ataque, fosse ele qual fosse.

Lentamente, Grieg girou o grande bulbo Medior primeiro para um lado e depois para o outro e, finalmente, o fixou apontando diretamente para baixo. Depois de abrir uma das válvulas de entrada para deixar um pouco do pó cinza cair no primeiro Materializador, ele o observou atentamente por um longo tempo. O foco brilhou e, em seguida, os vapores usuais apareceram, aveludados e azuis, pairando serenamente como um espírito prestes a desaparecer. Então ele examinou a região luminosa com um espectroscópio, mas logo o deixou de lado, balançou a cabeça de maneira preocupada e voltou sua atenção mais uma vez para o poderoso Medior. Aparentemente, algum ajuste estava incompleto. Começando como antes, ele girou o grande globo de um lado para o outro, como se estivesse guiando um holofote para explorar uma colina distante. Sempre ele mantinha o foco apontado em uma direção geral para baixo, enquanto os raios do Medior incidiam sobre algumas barras de ferro, e sempre ele observava a névoa brilhante no Materializador. De vez em quando, parecia mostrar leves tremores, mas nada da natureza violenta que ele procurava. Então ele ampliou o ângulo de varredura, descrevendo círculos cada vez maiores com seu eixo, enquanto observava intensamente o brilho revelador ao seu lado.

De repente, ele parou. Por um momento, parecia como alguém estupefato. As barras de ferro sobre as quais os raios descendentes estavam incidindo lentamente pareciam “desmaterializar-se”, ou melhor, desaparecer no ar! Então ele correu para o espectroscópio, direcionou-o para os vapores fervilhantes no globo à sua frente e ficou sentado por algum tempo como se estivesse hipnotizado — preso por alguma visão estranha.

Assim que ele se moveu ligeiramente, ficou evidente que sua excitação estava muito alta. Sua respiração estava curta e rápida. E então, com o que parecia quase um arrepio, ele afundou na cadeira, enterrou o rosto nas mãos e permaneceu em silêncio por um longo tempo. Quando finalmente olhou para cima, seus olhos e mãos estavam molhados. Novas linhas em seu rosto indicavam o quão grande havia sido sua recente emoção.

Como alguém que subiu longa e laboriosamente para alcançar uma altura distante, e que suspira quase em decepção ao perceber que não existem níveis mais altos, Grieg sentou-se e olhou fixamente para frente, absorto por paisagens que se estendiam muito além das paredes de seu laboratório. Terras agradáveis se espalhavam diante dele, através das quais vinham muitas estradas cheias de todos os tipos de viajantes. Eles estavam trazendo um tributo a ele. Era uma visão dourada, rica no calor de uma luz dourada azulada que preenchia a cúpula do céu acima e parecia pairar como uma nuvem dourada sobre sua bela montanha. E de todos os lados surgia o zumbido de uma civilização fervilhante — o tom monótono de um mundo ocupado — o monótono da própria existência. Mas não, era apenas o ronronar de seu fiel pequeno motor, e o zumbido e chiado de uma miríade de pequenas faíscas que moldaram seu sonho. E o brilho ainda estava confinado aos frágeis bulbos à sua frente.

Sacudindo o torpor, ele se voltou mais uma vez para examiná-los. Lentamente, seus vapores estavam se condensando em um pó fino ao redor dos lados e no fundo da esfera. Ele abriu a válvula de baixo e coletou um pouco em um vidro de relógio, esfregou um pouco entre os dedos e segurou perto de uma luz. Era distintamente amarelo! E as nuvens dentro dos bulbos ainda fervilhavam violentamente...

Foi no dia quatro de dezembro quando Grieg foi visto pela próxima vez — naquela noite, quando as multidões se apressavam para casa e os jornaleiros gritavam suas mercadorias com vigor incomum. No escritório particular do banco, que ocupava o primeiro andar do prédio onde Grieg trabalhava há tanto tempo, os diretores e oficiais estavam sentados solenemente ouvindo um homem de aparência distinta, evidentemente o presidente deles. Excitação, preocupação e suspeita estavam escritas no rosto de todos os presentes, e tudo era por conta de um breve telegrama recebido naquele dia da China. Embora se tratasse de uma perda considerável, o pior ainda era o fato de que a informação havia vazado e poderia alarmar os depositantes. Sobre a mesa em torno da qual esses homens estavam reunidos havia uma cópia do jornal da noite, mal uma hora fora da imprensa, mas já amplamente distribuída em todas as partes da cidade. Sob manchetes chamativas na primeira página estava o seguinte:

OURO ENVIADO, FERRO CHEGA Conteúdo de Caixa de \$100.000 Muda Misteriosamente no Caminho para a China

São Francisco, 4 de dezembro. — Uma caixa contendo \$100.000 em moedas de ouro enviada pelo *Anglo and London-Paris National Bank* de São Francisco no navio Korea Maru foi encontrada contendo apenas ferro quando aberta pelo destinatário em Hong Kong, de acordo com informações recebidas hoje pelo banco e pela companhia de navegação.

A caixa havia sido fortemente vigiada desde que foi preenchida nos cofres do banco de São Francisco sob a inspeção atenta de vários dos próprios funcionários do banco. Como os selos aplicados naquele momento estavam intactos quando ela chegou ao destino, os funcionários estão perplexos em imaginar como ou onde a troca ocorreu, e admitem francamente que, até agora, não encontraram nenhuma pista que possa levar a uma solução do mistério.